FON-FON
ANNO XXIV — N.º 30
Rio, 26 de Julho de 1930
— PREÇO: 1$000 —
CASTRO
REBELLO

CHICO SERENO...

Por LAURO MENDES

CHICO SERENO entrou desabaladamente pela porteira da estancia a dentro, e, travando violentamente as rédeas, estacou deante do alpendre florido do solar. Grossas bagas de suor corriam-lhe pela face ás espera, dividindo-se, como lagrimas, por entre os pellos da barba hirsuta. O escoteiro demonstrava cansaço e longa caminhada, secundado pelo seu valoroso companheiro de luctas, o "Montevidéo", o animal mais ardego e valente de toda a campanha gaúcha. O mez de julho estava no seu crepusculo, e o frio manifestava-se em toda a violencia naquelle recanto da fronteira. Diariamente, a neve cobria o campo como um sudario branco, como si amortalhasse um cadaver. Mas a vida resumbrava na energia daquelles campeões que affrontavam os elementos e se disputavam em torneios de agilidade com os potros novos e os garrotes raivosos. Assim é o gaúcho. Desde que póde, em criança, abarcar o lombo de um bagual, considera-se um cavalleiro. Breve dão-lhe as bolas, o laço, o pialo, as botas, esporas, bombacha, panuelo de seda, e eil-o que, valente, infantil, sae diariamente a guiar para o pastoreio as vaccas leiteiras ou trazer do potreiro os baguaes mansos. E assim entram os annos, por entre lides do campo e bambadas de matte, até que a velhice o impeça de laçar a boliadeira ou erguer o pé á altura do estribo de meia bota. Ahi então encerra a sua vida de gloria e dedica-se ao tratamento dos animaes e a relembrar os seus momentos de gloria. É um dos mais perfeitos exemplos de gaúcho, quiçá o mais perfeito. Estava ali, desarreando carinhosamente o seu animal, trauteando a canção padrão do pampa. A manhã estava fria e humida. Somente, aqui e ali um perro morrinhento afugentava as moscas que lhe mordiam impiedosamente os lombos magros. Chico Sereno acabou de desarrear o seu ginete, soltou-o para que se espojasse no solo e entrou pela "pulperia" a dentro. A peonada saudou-o com um "olá" amigo e o gaúcho dirigiu-se a Dom Marcello, que matteava a um canto, sombriamente concentrado nos seus pensamentos. Este mostrou admirado com a presença do gaúcho, embora este estivesse ausente ha dois mezes. Saudou-o o gaúcho:

— Buenos, padrinho. Sua bençam...

A peonada discutia pelos cantos, passando de mão em mão, de bocca em bocca, a bomba e a cuia de chimarrão. O matte amargo, na campanha do Rio Grande e em todo o sul da America, é o cachimbo de amizade de um povo sincero e simples. E todo aquelle a quem se offerece uma bomba e uma cuia póde se achegar sem receio ao offertador. Por este motivo, Chico Sereno, depois de saudar o padrinho, dirigiu-se para a roda de "peões" e sorveu, a largos tragos, o generoso "amargo", que soube bem ao seu organismo depauperado por uma longa e infrene galopada pela noite a dentro, açoitado pelo chicotear insano do vento Norte. Lá fóra, "Montevidéo" nitria, absorvendo pelas narinas arfantes o vento frio dos pampas. Chico Sereno ordenou a um camarada que fosse amilhal-o, depois de laval-o no "mangueiro". E, tudo posto em ordem, dispoz-se a cavaquear um pouco com os companheiros de lide.

— Vengo de la estancia del Carpincho, — falou Chico Sereno. — Mi misión está listo, todo cumprido. Solamente Sarita, uds. lo deben saber, mi a dejao, tristongo e cortao, abandonao como esqueleto inutil. En la fiesta de San Juanina Mia yo he bailao con ella, yo he cantao mis canciones, yo he tirao de mi gaita los mejores sonidos, pero su corazon era de hielo y de piedra. Y estoy solitario en mi infortunio, pero no aflojo. Con las mujeres no se debe aflojar jamás. Aunque ellas revienten... Pero todavia le juro que por la Madre de Dios, don Romero Garcia pagará todo esto, y brevemente estará listo para el infierno.

E na "pulperia" do padrinho, a voz pausada e lenta do gaúcho soava como um lamento. A dureza das feições do vaqueano não podia esconder a emoção que lhe ia nalma. Mas, disséra elle "no se debe aflojar jamás"...

Sentado no cercado do "potreiro", Chico Sereno revia a sua vida accidentada de campeão do laço e da bola. Revia a sua infancia calma e innocente, na estancia do Carpincho, até que a morte lhe roubou os paes. Depois, as campanhas guerreiras, os Farrapos; relembrou os seus dias de gloria ao lado de Bento Gonçal-

O COMMENTARIO

PROSEGUE a luta armada entre as forças governistas da Parahyba e as hostes sertanejas do famoso chefe José Pereira. Proseguem os commentarios de toda a ordem nos jornaes acerca dos mesmos acontecimentos. Os partidarios do governo aproveitam o motivo para defendêl-o de accusações que lhe fazem os opposicionistas e estes, para fazêl-as em maior vulto.

O nosso commentario não se inclinará nem para um lado nem para outro. Simplesmente frizará que o que se passa é mais uma prova da tempera de aço da alma nordestina. Vê-se que somma de energias residem naquelles bronzeos peitos de lutadores, tanto dum lado, como do outro. Infelizmente, a nação não tem sabido aproveital-as devidamente. E, por culpa de nossos governos estaduaes ou federaes, ellas se esterilizam em pugnas mesquinhas, quando se não vão perder no cangaceirismo criminoso...

Infelizmente!...

vez, o seu baptismo de fogo e, afinal, o silencio e a desolação no pampa. O gaúcho não era dos mais jovens, pois contava já trinta e sete annos, porem bem sentia que, aos ardores do sol meridional, ao influxo generoso do amargo diario, ao impulso valente das empreitadas e da vida sã, a construcção physica de um homem como elle se retempera formidavelmente, permittindo-lhe enfrentar com grande vantagem a juventude dos grandes centros. E Chico Sereno poderia bem considerar-se o homem mais feliz de todo o Rio Grande si não fôra a cilada armada pelo Amor. O gaúcho era o peão de mais renome em toda a campanha. Possuia mesmo o animal mais veloz e mais campeador daquellas paragens. O grupo do cavalleiro e do cavallo formavam o conjunto lendario do Centauro. Por aquelle ansiavam os corações das guapas "chinas" e por este tinham inveja os homens. Mas Chico Sereno não se sentia feliz. Amava e tinha sido correspondido por Sarita Marcondes, filha mais velha do fazendeiro Lucas Carpincho, dono da estancia do Carpincho. Fôra criado perto da moça. Vira-a nascer. Tivera-a nos braços, embalára-a nas noites frias ao som de sua gaita de bocca. Já entrada na puberdade, o gaúcho lhe acompanhára os primeiros anseios de juventude. Tinha-a maravilhado com suas proezas. Ensinára-a a montar e recolhera, como um sacerdote que recolhe os oleos divinos, os sorrisos com que o brindava a moça. E dom Lucas Carpincho via com olhos de pae amoroso aquella inclinação da filha para o mais valoroso homem da campanha. E já se falava mesmo nas bodas. Já se estudavam os pormenores do grande rodeio commemorativo. Mas, aquella festa de San Juanina Mia puzéra tudo por terra. Sarita, amando ao gaúcho como a um irmão, não pudéra resistir aos galanteios que lhe foram dirigidos por Don Romero Garcia, um estancieiro oriental. Os olhares ardentes do castelhano tinham feito mais no coração de Sarita do que a sinceridade do gaúcho brasileiro. E chico Sereno relembrava o afastamento de Sarita, as marcas que foram recusadas, a canção do gaúcho que ella, antes encantada, ouviu agora com pouco caso. E veio-lhe á mente a "Chinita Linda", que o oriental, dedilhando uma guitarra, entoou com voz dulçorosa. E depois, aquella galopada infrene pela noite a dentro para a estancia do padrinho. E tudo desolação pela pampa. Neve e geada por toda a parte. O gado magro a lamber a herva do pastoreio, e, muito alem, "Montevidéo" dirigindo olhares ardentes ás pastoras do rebanho. Afinal, esgottado pela emoção,

CHICO SERENO...

(Continuação)

Chico Sreneo demandou o seu quarto de solteiro, disposto a dormir. Entrou e deu, encantado, com uma jarra cheia de flores. Ao lado, uma almofada de pennas. E perto, um bilhetinho:

"Al dueño de mi corazon, al mas guapo peón de la frontera, ofresco...

Cecy."

O gaúcho não ligou importancia ao caso. Considerava Cecy, a filha do padrinho, como uma irmã. E curioso contraste se observava nas paixões do peão. Aquella a quem considerava futura esposa, amava-o como a um irmão, ao passo que aquella que elle considerava como uma irmã, o amava ternamente com um amor de noiva. Mas estes pensamentos estavam longe da mente do vaqueano. Lenta e pausadamente, despiu a camisa de seda, desenrolou o "panuelo" do pescoço, desafivelou o cinto, tirou as bolas, as botas, a bombacha e as esporas. E o seu pensamento voou para a estancia do Carpincho, mas uma voz maviosa fez-se ouvir lá fóra, por entre as brumas da manhã, como um sorriso argentino numa face aspera:

"nas plagas onde eu nasci,
"ha um luar que eu nunca vi...
"O mais bello e sem igual"

O gaúcho sorriu, commovido, ao ouvir a sua canção predilecta, a *canção do gaúcho*. E o coração bateu mais apressadamente dentro do seu peito pensando em Cecy, e veiu-lhe ao pensamento o bilhetinho: "al dueño de mi corazon"...

Deitou-se alegremente, satisfeito com a inesperada revelação daquelle amor tão terno e tão doce. E adormeceu, exhausto, sem que lhe doesse tanto nalma, como ainda ha pouco, a ingratidão de Sarita, presa aos encantos orientaes do antipathico Don Romero Garcia...

Commemorava-se naquelle dia o anniversario da revolução dos Farrapos. A estancia do Carpincho

revestia-se de galas, recebendo a gauchada de toda a campanha que se reunia para assistir ao grande "rodeo" e ao "samba" que don Romero organizára. Dizia elle, pretendia annunciar seu "noviazgo" com Sarita Marcondes. Mas, os peões amontoados pelo terreiro ansiavam por um espectaculo mais de molde a ... tuar os seus corações de ... dores avidos de emoções ... homens aprestavam-se para os ... neios de agilidade em que ... riam parte. Bruniam, com ... carinho, os metaes luzidios ... arreios. Outros afiavam as ... com que, riscando-lhes as ilhargas, haveriam de solicitar dos ... o maximo de energias e ... dade. Num pequeno cercado ... da estancia, um pequeno ... de gordas novilhas mugia ... mente, como que adivinhando o fim proximo. Destinavam-se ao churrasco que daria fim aos ... tejos de campo. E todos, um a um, commentavam o desafio ... por Chico Sereno ao invasor ... telhano, ao repto com que o ... sileiro chamava para a liça o ... lante oriental, disfarçando na alma o ciume que lhe ia n'alma ... seu successo amoroso. E os ... mentarios ferviam mais sobre os animaes dos contendores ... sobre a destreza dos mesmos ... a confiança geral estava ... tada em Chico Sereno e nos ... retes finos do brioso ... déo", emquanto que da parte ... castelhano não se conhecia ... deste nome.

— Larga!

Ao tiro, soltado por Don Carpincho, os dois animaes lançaram-se na estrada como settas ... de retezado arco. Um ... midavel acolheu a partida ... flores atiradas ao gaúcho ... meio com tiros de garrucha ... logo após, depois de partidos os rivaes, a avalanche de cavalleiros de ambos os sexos que lhes ... encalço, para apreciar de perto as peripecias da luta. E, ... lado a lado, dois homens ... vam nas patas dos animaes ... montavam, no alpendre da estancia duas mulheres se digladiavam em torneios de ironias. Cecy ... fendida em seu amor terno ... de noivinha, soffria os ... pertados de Sarita, certa ... ctoria do gaúcho brasileiro ... lhe serviriam ali de nada ... tigas formosas do oriental ... soluçar plangente do seu ... neon", e sim a destreza em ... um animal e chegar victorioso ... meta.

Chico Sereno, conhecedor ... terreno e do animal que ... gava, evitou dar toda a ... seu ginete, logo no começo ... corrida. O oriental, mais ... e mais impetuoso, enthusiasmado

Faz mal á cutis o mar?

É o que muitas mulheres temem. Effectivamente, os banhos de mar, os banhos de sol, a vida de praia, podem ser grandes factores na conservação e recuperação da saude, mas, tambem, podem sel-o da completa ruina da cutis feminina si não são tomadas a tempo as devidas precauções.

A agua salgada, o ar marinho, os fortes raios de sol exercem uma notada influencia deploravel sobre a pelle, obscurecendo-a, queimando-a, endurecendo-a e resecando-a. Para evitar todos estes inconvenientes deve-se applicar á cutis, todas as noites, antes de deitar-se, uma ligeira camada de Cera Pura Mercolized, fazendo-se logo uma suave massagem. Deste modo obtem-se que a pelle conserve sua tenção natural e o encantador aspecto da primeira juventude.

Este notavel e efficacissimo processo de "mercolização" da pelle permitte a toda a dama, e a todo o homem tambem, o mais completo desfructo da vida de praia, sem que haja logar para qualquer preoccupação a respeito do estado em que, depois da estação, virá a ficar a cutis. Ha mais: a cutis, graças á acção regeneradora e vivificante da Cera Pura Mercolized ficará mais limpida, mais enrijecida mais formosa que antes.

Cêra Pura Mercolized

(em inglez: "Pure Mercolized Wax")

Em todo o Mundo, em todas as pharmacias, perfumarias e lojas que vendem artigos de toilette.

se com aquelle apparente afrouxamento do gaúcho e esporeou valentemente o seu animal, que respondeu ao chamado distendendo com firmeza os jarretes e ganhando grande distancia sobre o rival. A gauchada que lhes vinha no encalço estacou subitamente, surpresa do terreno perdido por Chico Sereno. Mas fôra tudo um estratagema de vaqueano conhecedor do embate. Ao dobrar a curva do potreiro, viu-se Chico Sereno tomar a deanteira, incitando com palavras de carinho a sua montada até estacar, victorioso, no terreiro da estancia, por entre chuva de flores, tragos de matte amargo e beijos de alegria. E, com um gesto faceiro, a filha de Don Marcelo disse muito mais do que prometteria com o olhar.

Em breves momentos, o oriental estava ao lado do gaúcho. Despeitado por se ver vencido, foi instado pelos gaúchos que tirou, a contragosto, o *pañuelo* do pescoço para offertal-o ao vencedor, como é de habito na campanha. Recebendo, das mãos do adversario, o trophéo da victoria, Chico Sereno pôl-o, num gesto cavalheiresco, ao pescoço de sua amada. O rasgo de gentileza do gaúcho arrancou vivas unisonos de toda a peonada. Já no pequeno terreiro os peões carneadores boleavam as rezes para o churrasco, emquanto se avivava a fogueira. A parte do campo estava terminada, por entre vivas e os olhares ternos da timida Cecy. Já ninguem se lembrava mais de Don Romero, nem mesmo Chico Senero, a quem unicamente o brio de mostrar a todos a inferioridade do rival levára áquelle desafio. Don Romero, despedindo-se de Sarita e marcando encontro para mais tarde, cavalgou a sua montada e afastou-se uns passos sem ser notado. Dirigiam-se todos para a churrasqueada, commentando, matteando, quando reboou subitamente um tiro. E emquanto Don Romero fugia a todo o galope, viu-se o brioso "Montevidéo" erguer aos ares as patas finas e desabar pesadamente no solo, com a cabeça rebentada por uma bala do traiçoeiro castelhano. Chico Sereno correu para junto do seu companheiro de glorias, tomou no regaço a intelligente cabeça do animal e verificou a extensão do ferimento e a inutilidade de qualquer esforço para salval-o. E, deante da consternação geral, com os olhos empanados pelas lagrimas que lhe corriam a medo, como fugitivas, por entre os pellos da barba hirsuta, deu-lhe o tiro de misericordia. O ardego ginete, orgulho da campanha do Rio Grande, o campeão nunca vencido, distendeu pela ultima vez os jarretes finos, e, arreganhando a dentuça, exhalou o ultimo suspiro. E, por entre os mugidos das rezes

CHICO SERENO...

(Conclusão)

que estavam sendo carneadas, extinguiu-se o mais veloz corredor havido no pampa riograndense, emquanto o seu patrão e camarada, erguendo aos céus as manoplas de athleta, acompanhava ao longe o trahidor que fugia, jurando vingança...

Chico Sereno galopava vindo do Carpincho, para onde fôra ultimar os seus negocios na fazenda e abandonal-a de uma vez. Tinha sabido que Sarita fugira com Don Romero, deixando o pobre pae com o coração dolorosamente compungido pelo golpe. Mas pouca importancia ligára ao facto. Para elle, o unico fito que tinha em mente era vingar a morte de "Montevidéo". Havia duas horas que o pampeano deixára a estancia do Carpincho, cavalgando um poldro picaço que comprára em Uruguayana. Grimpando as coxilhas, devorando o pampa, sentia uma saudade infinita do companheiro de glorias e dos cascos finos que tanto o haviam levado á victoria, daquelles jarretes finos que com tanto impeto o levavam contra os gaúchos orientaes dos Farrapos. E, quando nemons esperava, divisou ao longe dois cavalleiros que iam a pouca marcha, acompanhados por um cargueiro. Comprehendeu que demandavam a fronteira, e, usando seu oculo de alcance, reconheceu nelles o seu rival Don Romero Garcia, acompanhado de Sarita Marcondes. Um relampago de odio passou-lhe pelo cerebro. Esporeou com força o picaço, que respondeu com energia ao appello, e em breve alcançava o grupo, mantendo-se mais ou menos a uma distancia de 100 metros. E emquanto acompanhava os dois cavalleiros distrahidos, ruminava uma vingança capaz de martyrizar o matador de "Montevidéo". Um latido fez-se ouvir, ao longe. O gaúcho sorriu com aspereza. Esporeando o cavallo, approximou-se mais, e quando os fugitivos, prevendo o perigo, procuravam se afastar, Chico Sereno, travando das bolas, fel-as girar no ar com incrivel rapidez, fazendo-as cahir após sobre o cavalleiro que galopava junto. Cavalleiro e cavallos foram todos ao solo e, emquanto o cargueiro, assustando-se, fugia a todo o galope, o gaúcho, rapidamente, estava ao pé delles e, tirando o laço do arção, amarrou-os solidamente, ... os animaes. A noite vinha caindo lentamente. Chico Sereno, depois de certificar-se de que estavam presos fortemente, chasqueou:

— Perro del infierno, has matado mi compañero, pero tu tendrás una muerte horrible con ... braba. Escuchas el ladrido de los chimarrones? Bueno, ustedes serán de churrasco para los perros...

Ali por perto ouvia-se o ... dos cães chimarrões, animaes faimados que infestam a campanha gaúcha. São cães ferozes, mais ou menos como lobos, que não respeitam viv'alma. Ao cheiro de carne por perto, vinham em furia, perseguindo os cavallos soltos por Chico Sereno. O gaúcho, lançando um ultimo olhar á sua obra de vingança, montou rapidamente e fugiu a galope, para ... tacar mais adeante. E, do alto do seu cavallo, sorriu satisfeito com sua dupla vingança: tinha vingado a morte do "Montevidéo" e a honra da familia gaúcha. O seu amor por Sarita era coisa ... daria. Substituira-o, com um ... de ternura, a simplicidade ... Cecy. O peão demandou de ... estancia do padrinho, deixando atraz de si o ajuntamento dos ... de uma matilha, em torno dos infortunados fugitivos. E diz-se que no mesmo logar onde cahiram, o sangue de Sarita, misturado com a areia, fez brotar uma florzinha mimosa, que a crendice popular chama hoje de "Flor do Deserto". Mas, a verdade é que, no rincão do "Abraço", ... se vêem hoje dois esqueletos, ... camente abraçados um ao outro, com as boccas descarnadas ... tramente unidas no beijo da morte. A superstição popular ... tou a vingança do gaúcho ... restos mortaes dos peccadores ... extremo receio de identica tragedia...

E dias após este episodio, os sinos da pequenina capella da estancia enchiam os ares de alegria, tangendo as notas alegres que acompanhavam ao seu primeiro ninho de amor Chico Sereno e Cecy, felizes com o risonho futuro que receberiam de Deus, ao ... forte e sincero do valoroso e nobre coração do valente gaúcho.

JUBOL

reeduca o Intestino

Prisão de ventre

Enterites

Dyspepsia

Enxaquecas

Para ter uma boa saúde, tome cada noite um comprimido de JUBOL

Etablissements Chatelain [illegible] Grandes Premios [illegible] de Pariz [illegible] em todas as Pharmacias. Approvado pelo Departamento Nacional de Saude Publica do Rio de Janeiro N. 111 5 de Junho de 1911

Com o emprego do Jubol, o intestino funcciona como um relogio.

« Si os nossos antepassados tivessem podido, engulindo cada noite alguns comprimidos de JUBOL, dar ao seu intestino paresiado, pelo abuso das drogas e das lavagens, a sua elasticidade, si tivessem recorrido á reeducação intestinal pelo JUBOL, talvez a historia do clyster seria menos longa. A humanidade teria soffrido menos, d'esses soffrimentos, de que os boticarios e os doentes foram em todas as epochas os artistas inconscientes. »

Dr. Bremond,
da Faculdade de Medicina de Montpellier

Depositarios exclusivos: ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Rua Uruguayana, N.º 27 — Rio

A HORRIVEL TORTURA DAS DORES NAS COSTAS

EIS AQUI UM TRATAMENTO GARANTIDO QUE V. S. PODE EXPERIMENTAR GRATUITAMENTE

Ha milhares de homens e mulheres que soffrem terrivelmente, dia e noite, de Dores Chronicas nas Costas, Rheumatismo, Dores Articulares e Sciatica e que, se seguissem o conselho que damos aqui, experimentando gratuitamente este tratamento que conta annos de existencia, immediatamente poderiam pôr fim aos seus soffrimentos.

Em primeiro logar, peça V. S. ao seu pharmaceutico a sua opinião sincera sobre o valor das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Pergunte-lhe sobre outros clientes que soffreram como V. S. está soffrendo e acharam allivio promptamente para os seus padecimentos, graças a este tratamento com 40 annos de existencia. Adquira certeza de que seu pharmaceutico lhe aconselhará o uso das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Alem disso dentro de 24 horas V. S. observará e se convencerá de que o tratamento lhe faz bem.

Milhares de pessoas constataram que, seguindo um breve tratamento com as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, voltaram a gozar de uma vida sã. Os medicos recommendam este tratamento que se vende por milhares de frascos no mundo inteiro. Amparados na autoridade do testemunho de milhares de pessoas que soffreram em outros tempos, declaramos sem reserva que ha um methodo seguro, rapido e economico para afugentar a enfermidade dos rins e livrar-se de seus symptomas dolorosos. Nenhuma pilula ordinaria nem poção alguma corrente tem a reputação maravilhosa que apoia as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Não ha segredo a respeito; a formula acha-se impressa em cada caixa, e o seu pharmaceutico lhe dirá que excellente é este remedio.

Porque não segue V. S. o conselho de pharmaceuticos e medicos experimentados? Garantimos que se seguir um tratamento com o medicamento classico, recommendado pelos medicos, quer dizer, as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, V. S. obterá melhora immediata. Estamos tão certos de que este tratamento o porá a caminho de recuperar a saúde, que estamos dispostos a enviar-lhe um fornecimento gratis para experiencia, livre de porte.

Tome as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, contra Dores nas Costas, Rheumatismo, Dores Articulares, Desordens dos Rins e Perda de Vitalidade. São boas para jovens e velhos. Não são drogas perigosas, senão um tratamento que combate a enfermidade, ainda nos casos em que outros remedios tenham fracassado. Para comprovar a sua rapidez de acção, peça-nos um fornecimento gratis para experiencia; dirija a sua carta a E. C. de Witt & Co., Ltd., (Depto. M. 4), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Pilulas De Witt

PARA OS RINS E A BEXIGA

PARA OBTER SUA CAIXA GRATIS, ESCREVA AO ENDEREÇO ACIMA INDICADO.

PREÇOS NO DISTRICTO FEDERAL | Rs. 7$500 O FRASCO PEQUENO | Rs. 12$500 O FRASCO GRANDE

LICENCIADAS PELO D. N. S. P. SOB O No. 145

O morto da montanha

Iginio Dal Ri

Illustração de

PAULO WERNECK

COMPREHENDERA de que natureza, de que força era o sentimento por aquella mulher, depois que a ultima carta lhe viera despertar do somno suave para fazer-lhe bater a fronte contra uma realidade dolorosa.

A ultima carta de Tiana fôra bôa; bôa como todas as outras: gentil, amavel, como as primeiras que o tinham perturbado e um pouco, ás vezes, encantado, numa expressão toda simplicidade e sentimento sincero.

Carinhosa tinha sido a ultima, mas de despedida. Dizia-lhe:

"... E' uma crueldade contra si mesmo, Lari, occupar os seus pensamentos commigo, que sou irreparavelmente de outro; pôr de parte tantos jovens corações que lhe poderiam dar a felicidade que não lhe posso dar.

"Tenho, na verdade, remorso quando penso que não devendo ser nada para você, usurpo o lugar de outras moças. Custa-me dizel-o, bem o sabe, mas me afflige o seu soffrimento por mim, Lari..."

E tantas outras cousas dizia Tiana que seu marido, engenheiro, fôra encarregado de um grande trabalho de estradas de ferro na Bolivia; seguil-o-ia; melhor seria que se dissessem adeus para sempre bom seria adquirirem o habito de não mais se verem e saberem-se longe; triste, triste, destino na vida; mas as palavras, todas as palavras não poderiam romper nem um annel da cadeia das leis e das convenções que os traziam presos a dois grilhões diversos, a ella, Tiana e a elle, Lari.

Diogini Lari não era mais creança, brincara sempre um pouco com o amor; deixara-se arrebatar pelo paiz da phantasia e do sentimento, assim como um cavallo que toma o freio nos dentes e é dom- depois a golpes de joelho, com algumas chicota- na bocca, revoltando-se com a sella paga. cheio desejo de lutar contra as difficuldades da profis-

Fôra o amor de Lari, por bastante tempo dos vinte annos, um tonico da vida.

Mas desde que conheceu Tiana, comprehendera o amor era uma cousa diversa: um tormento, tormento dulcissimo, um anhelo estranho, quilamento divino de todas as imagens, para deixar senão uma unica viva e luminosa, durante trabalho, no repouso, no somno: Tiana.

Comprehendeu que nunca tinha amado; fôra das loucuras daquelles tempos, tornara-se firme e meditativo pelejador, alegre com o ambicioso de exito.

Agora, não!

Tiana se lhe tinha introduzido em cada fibra, cada cellula: possuia-o como a agua embebe a esponja; embriagava-o a todo o momento com as recordações. Bôa, gentil, cortez! Entretanto não conhecia senão apertos de mão e o lampejar dos olhos claros, bondosos sempre, benevolos muitas vezes, duros nunca.

Vira, sim, crescer tambem nella, e florir, nas ses, o vigor incontido do sentimento, tempe- sempre de uma instinctiva reacção de lealdade, forçada pelo contraste de vozes interiores que tinham origem nas mais obscuras e inesperadas de escrupulo.

Tanto tempo assim... E agora essa carta de despedida. Carinhosa, não restava nenhuma duvida. Mas Lari comprehendeu que alguma cousa no intimo nismo da sua vida se despedaçava: o coração.

Lutou por muitos dias: levou a sua ferida para errar entre as diversões ruidosas dos amigos, entre o riso de outras mulheres. Sacrificio vão. Agonizava como um peixe fóra d'agua, atirado pelo pescador no fundo abarrotado de alguma barca.

* * *

No dia seguinte á partida de Tiana, de Genova para a Bolivia a bordo do "Duilio", com o marido engenheiro, Dionigi Lari apresentou-se ao director do estabelecimento onde era o mais estimado dos collaboradores technicos, com um ar estranho e abatido.

Explicou-lhe que o arduo trabalho que lhe tinha actuado profundamente sobre os nervos e o cerebro, os estudos da ultima semana, rompera-lhe a energia. Precisava, por isso, de tres dias de repouso, tres dias sómente: uma bella subida ás montanhas, que tinham sido sempre para elle fonte de serenidade, de alegria, de força; voltaria outro, como necessitava.

E disse tambem:

— Quero tentar uma ascensão muito difficil: a torre Winkler, a terceira das torres Vaiolet, nos Dolomiti. Nunca ouviu falar nella? Dura, muito dura! Mas noto que lhe estou fazendo perder tempo.

Desejou despedir-se dos collegas: uma commoção estranha impediu-lhe, por momentos, as palavras.

— A torre Winkler, no cimo, tem quasi dois metros de rocha que aponta como uma gotteira; e depois tem de ser içada com o auxilio de cordas, escalando apenas com os dedos e os braços, aferrando-se ás fendas, sob as quaes está o vacuo a umas centenas de metros. — commentou Piero Morani, que é apaixonado alpinista, aos outros. — E' imprudente tentar fazer a ascensão sozinho, Lari! Arranja um guia, arranja!

* * *

O trem partiu a lançar nuvens de fumo, silvando alto.

Quando já se ia ao longe, correntes de ar passavam de janella em janella, a distribuir sopros refrigerantes.

Numa grande curva, Lari olhou para a sua cidade que apparecia diminuida e achatada com as casas pequeninas como caixinhas brancas ou escuras com as flechas minusculas dos campanarios: era para elle uma cidade estranhamente nova, fria, desconhecida; uma cidade brinquedo.

Desdobrou alguns jornaes que comprara confusamente; folheou outros sem conseguir estar attento; tinha a sensação de uma grande fadiga no cerebro; depois aquelle rumor ensurdecedor, igual, rythmico das rodas sobre os trilhos... e, talvez, quem sabe? a roda dissesse na sua canção monotona: "para outras paragens, e outros amores" como o ultimo retalho de Tiana...

Pôz de lado os jornaes; olhou de travez as feridas dos "trinceroni" que galgavam as garupas dos montes da Zugna.

Pareceu-lhe estar em viagem por muito tempo já; que o trem corresse por paizes não mencionados na geographia; depois, por estensões de trigo e hortaliças entre vinhedos, via um nome enorme, como numa enorme pagina de atlas: *Bolivia.*

Fechava os olhos: e eis que a imagem de Tiana surgia no meio de um daquelles campos de espigas amarellas, olhando-o com os grandes e melancolicos olhos claros, emquanto a monotona canção das rodas sobre os trilhos continuava a soar: "para outras paragens e outros amores."

* * *

Chegou ao "refugio" *Vaiolet* esfalfado pelo tedio da viagem.

Pouca gente havia nelle; estrangeiros apenas.

Dormiu agitado.

De manhã, pela alvorada, despertou-o o guarda na hora aprazada.

— Bello dia. Choveu esta noite. Esteja attento na rocha que deve estar escorregadia. Onde vae?

— Ao Garse. Depois um pouco de parada para descansar os musculos. E, em seguida, talvez, quem sabe? um pouco de Vaiolet acima, se desejar!...

— Sem guia?

— Sim, sem guia.

— Sozinho daqui lá?

— Sim, sozinho.

Deixou o sacco de montanha com todas as bôas e numerosas cousas no "refugio", levando comsigo apenas o indispensavel para a ascensão: pregos de rocha, corda, alcool, chocolate.

Tinha a sensação de encontrar-se ainda mais leve e vasio, ao mesmo tempo que sentia maior o peso que trazia no coração.

As tres torres Vaiolet, erectas, altissimas, formidaveis, erguiam-se com a sua muralha de rocha pallida e rosa; o sol ainda não tinha ascendido aos seus cimos nitidos, geometricos, talhados em angulos precisos no fundo azulado do dia que raiava.

Foi uma hora de escalada pelas pedras silicíosas, enormes, junto á base.

Eis Winkler, proeminente como uma gotteira a pique; parecia a torre de um castello inconquistavel.

Mediu-o com os olhos em toda a sua titanica dimensão; observou anfractuosidades, fendas, *cengie, crode,* possiveis postos de tregua, arestas apontadas ousadamente para o céo; refez mentalmente o itinerario duas, tres vezes, perlustrando com olhares demorados, attentos e progressivos, a muralha de pedra; depois atirou-se com decisiva rapidez pelo reducto obliquo acima, para a rocha viva.

Dentro do cerebro vazio zumbiam-lhe, como abelhas em colmeia, as palavras de Tiana: "a montanha é bôa, a montanha cura".

Ajuntou bem aos pés os sapatos de corda, enfiou o calabre a tiracollo, certificou-se de que pregos e anneis estavam ao alcance da mão, apertou o cinturão cujos bolsos examinou, olhou para cima, apertou os maxillares e fincou o espigão aspero e duro na base da rocha.

Subiu uma dezena de metros, depois uma outra dezena ainda, facilmente, com avidez quasi, e com a ousadia cauta de um joven felino que avança para a presa.

Aquelle contacto com a rocha aspera que se devia vencer com a furia das unhas, dos musculos e dos nervos, deu-lhe uma ephemera embriaguez.

Com prodigiosas acrobacias de phalanges, com milagrosos equilibrios dos jarretes tres dedos acima das polainas largas, com fatigantes contorsões em chaminés estreitas proeminentes sobre o vacuo, chegou ao alto.

Alçar-se, adherente ás asperezas, aferrar-se ás saliencias, vencer as pontas dos penhascos resaltadas como convexidades de escudos embraçados por defensores invisiveis da muralha, alongar-se pelas lages glabras, galgando-as com o cravar dos dedos em fendas arduas como se o fizesse nos olhos de algum inimigo, dominar com os joelhos o dorso dos resaltos, içar-se de dentes cerrados com o rosto tumefacto pelo esforço como se estivesse a torcer o pescoço de algum animal bravio, tudo isto fôra sempre o mais bello divertimento para Dionigi Lari.

Desta vez, não!

Desta vez, quando trepou a um pequeno relevo feito por um degrau da rocha, largo bastante para poder acocorar-se, justamente sob o passo de Winkler, teve a sensação de um cansaço fóra de habito; não trazido pelos musculos, pelos nervos ou pelos pulmões, mas uma grande fadiga no coração.

O morto da montanha

(Conclusão)

Faltava-lhe agora o gosto pela luta, o presentimento alegre da victoria.

Parecia-lhe ter fincado o espigão da base numa epoca immemoravel e que seculos havia em que rompera o dorso das mãos e a pelle dos joelhos a subir por um muro de pedra sem fim.

Assim acocorado, olhou para baixo: um abysmo pallido de rochas salientes sobre um mar de detritos.

Olhou para cima: o passo difficil, regado por alguns fios de humidade.

Olhou para frente, para longe: as outras torres, as outras muralhas, as outras cadeias, as outras agulhas do "Rosengarten", o jardim de rosas: e justamente agora o sol inflammava a dolomia, com raios de tom carregado sobre a larga zona de sombras.

E acolá, ainda, montanhas, montanhas azues, picos indefinidos, espinhaços esfumados nas distancias. E mais longe ainda? O mar? depois os Andes? a grande Cordilheira? a Bolivia? Tiana?

Pela primeira vez nas suas ascensões alpinas, experimentou a vertigem, e uma allucinação com deslumbramentos escaldou-lhe a imaginação. Metteu, machinalmente, as mãos no bolso, para tirar uma cousa qualquer, não sabia bem o que... chocolate, pregos, alcool...

Tocou a carteira; hesitou; puxou-a para fóra.

Sentia ainda um grande peso no lugar do coração e o resto vazio: vazio o cerebro, vazio o estomago, vazia a alma.

Sem mesmo saber o que fazia, rebuscou entre as cartas, retirou dentre ellas a de Tiana, a ultima. "para outras paragens e outros amores..."

Abanou a cabeça, enviou um olhar além, para lá, á, ónde fosse, talvez, a Cordilheira dos Andes; comprehendeu, então, que qualquer cousa estava irremediavelmente perdida no seu organismo: o coração.

Sorriu a si mesmo com melancolia, rompeu a carta em dois pedaços devotamente, como o padre a dividir a hostia, depois em quatro, em oito, em cem fragmentos diminutos: sacudiu-os na cava das duas mãos conchegadas, como se nellas agitasse os dados da sua sorte, e, em seguida, fez o gesto do semeador.

Os pedacinhos de papel branco voaram rocha abaixo como mariposas minusculas, como petalas pequeninas de uma flôr desfolhada.

Notou que o ar lhe trazia daqui e dalli, dispersos, flocosinhos de neve; poz-se de pé e pareceu sentir-se mais leve, leve, a ponto de poder voar como um espirito para ella, para Tiana. Experimentou uma desolação immensa: a inutilidade de descer, de recomeçar a luta, de retomar o trabalho; uma piedade de si mesmo, uma angustia infinita.

Repetiu para si proprio: "a montanha é boa, é acolhedora na sua paz."

De repente, poz-se em movimento: rastejou com a extrema parcella da quebrada energia para o passo de Winkler.

Encurvou os dedos em direcção ás fendas, [illegible] cou-se; ficou como um pendulo sobre o abysmo; [illegible] supremo esforço dos braços, içou-se de subito [illegible] teira da rocha, inclinou a cabeça com os olhos no vacuo; mediu-o... perscrutou-o.

Encolheu-se depois; afrouxou os dedos, abandonou-se, tombou, precipitou-se da muralha altissima.

Sentiu a caricia aspera dos resaltos do penhasco, depois mais nada.

Cahiu sobre o mar de pedrouços, inanimado e immovel; uma grande obscuridade, avalanches [illegible] vas, negras montanhas acalmaram-n'o para [illegible] envolveram-n'o, occultaram-n'o de tudo o mais.

Da fronte e da nuca o sangue corria.

Uma moita de estrellas alpinas estava proxima á sua tempora; as petalas pallidas e avelludadas ficaram salpicadas de gottasinhas vermelhas.

* * *

Do "refugio" Violet" partiu, á tarde, um numero de guias.

Encontraram-n'o que era um amontoado de [illegible] culos e de ossos partidos.

Disse um delles:

— Pobre rapaz, tinha bom figado! E' o quarto que se esphacela pelo passo Winkler abaixo!

Accommodaram os despojos numa especie de padiola feita com ramos de arvores, e levaram-n'o para baixo á noite, á luz dos archotes.

Piero Morani, quando a noticia chegou ao [illegible] lecimento, commentou:

— Eu já tinha dito que Lari devia acabar assim. Imprudente, sempre muito imprudente! E' preciso desconfiar sempre da montanha! E' traiçoeira, traidora!...

— Tantas desgraças sobre os Dolomiti este anno! — exclamaram os calmos burguezes que repousavam dos trabalhos de escriptorio nas cadeiras [illegible] percorrendo os jornaes.

Ninguem podia saber nunca, poderia jamais [illegible] que Tiana tivesse sido a ultima imagem a passar como um clarão, um immenso clarão, nos olhos moribundos de Dionigi Lari...

Nem Tiana soube nunca que Dionigi Lari não tinha sido uma victima da montanha mas um homem a quem o amor matara...

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Preços das ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 45$000

Semestre ...... [illegible]

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactores-chefes: [illegible]

Gustavo Barroso — Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Direcção: 2-0277. — Administração: 2-4110

Caixa Postal 57

RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S.-A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade Lta. Praça do Patriarcha, 2 - sob. Caixa correio 1411.

Repr. na Europa: Pavignon, Bourdet & C., 8, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

CHÉRIE (?) — Ora essa! Eu nunca me furtei á cortezia de attender attenciosamente ás pessoas que manifestam por mim uma certa attenção. E' evidente que não se retribue uma delicadeza com uma desattenção.

Quanto á pergunta que me faz: "Mais suis-je vraiment", etc., etc., só me cabe lhe dar a seguinte resposta: "Ça depend... Pour le moment, vous n'êtes qu'une inconnue. Mais ça ne peut pas durer toute la vie, j'en suis bien sur... Ou je me trompe?"

SOLANGE SOREL (S. Paulo) — Aqui está o bilhete que o sr. — ou a sra? — me enviou. Eil-o na integra:

"São Paulo, 23, Junho, 1930. Snr. Yves: Graphologia...? O que chama então v. ex. de biographia...?! SOLANGE SOREL (?) — Tenha paciencia: não faço *graphologia* senão *de pessôas* mais ou menos *das minhas relações*."

Allude o sr. — ou a sra? — a uma resposta dada a *Solange Sorel*.

Insinúa o sr. que, nesses casos, — uma vez que a pessôa da graphologia seja conhecida — não é senão biographia o que faço. Vê-se bem a sua incultura, a proposito de certos assumptos.

O que o sr. devia dizer não era *biographia* — que é a chronica de uma vida; — o que o sr. devia escrever era — *psychologia* — que é o estudo do caracter do individuo. Do caracter ou da alma, como queira.

Dizendo *biographia*, disse uma... uma... que? — uma coisa tola. Mas si dissesse *psychologia* — não dizia tolice, porque a graphologia está ligada, directamente, á psychologia. Esta completa a primeira. Por certos signaes da letra — o que se conhece por intermedio de uma technica preciosa — chegamos a definir a *psychologia* de A ou de B. Isto sim. Mas, dizer que, por se conhecer uma pessôa, não se faz *graphologia*, e sim *biographia*, é uma tolice tão grande, que a gente se admira de vêr como é que ella cabe em cerebros tão estreitos...

A resposta que lhe posso dar é a seguinte: Si é facil fazer graphologia com o auxilio da psychologia, mesmo assim o meu trabalho tem o seu merito. Nada mais enigmatico e inexplicavel do que a alma humana. A prova é que vivemos toda, vida ao lado de uma pessôa e nunca lhe definiremos o caracter.

Portanto, si eu me comprometto a estudar a letra das pessôas mais ou menos minhas conhecidas, é indiscutivel que ainda realizo uma proeza mental apreciavel.

Mas a mim pouco interessa que o sr. — ou a sra? — julgue que sei ou não graphologia. O que me interessa é saber si os candidatos aos meus estudos estão dispostos ou não a remunerar os mesmos.

Cantigas?... Cantilenas?... Não entoam.

TURQUINHA (?) — Que duvida! Sempre estou ás ordens para attender creaturinhas como v. ex. O meu telephone é — 2-4136. Estou na redacção de 1 ás 5 da tarde, a seu inteiro dispor. Assim terei o prazer de lhe dar a informação que me pede — directamente.

Adoro a patria dos seus paes. Uma legenda encantadora a envolve num halo luminoso, com a evocação dos seus harens, das suas odaliscas, dos seus sultões e das suas noites estrelladas, reflectidas no azul dormente do Bosphoro. E não esqueçamos tambem as suas mesquitas, com os seus canticos cheios de poesia e impressionante mysterio, subindo, numa escada de sons, — luminosa como a de Jacob — para o seio de Allah.

E agora, espero só, lhe poder dizer de viva voz, á maneira musulmana: "Naraque said."

UMA PRAIEIRA (Capital) — Essa é interessante! V. ex. me envia uma cartinha gentil, perfumada, (não trouxesse o carimbo de Copacabana, bairro chic) e depois de expôr que deseja palestrar com um scientista (?) me pede ligar para o seu telephone (?) sem me dar o respectivo numero e muito menos o seu nome...

Entenda-se a mulher.

Com esse convite, lança v. ex. um desafio á minha argucia, pois escreve, adeante: "O telephone, para que ligares, mostrará si és bom ou mau psychologo".

Ora, eu não faço ques- tão de entrar em seme- lhante torneio. De resto, o que v. ex. deseja é pôr á prova até que pon- to podem chegar a ve- diagem e a maluquice de um homem.

Porque, afinal de contas, eu bem podia procurar no meu carnet, os nomes das senhoritas das mi- nhas relações, residentes em Copacabana, e fazer uma pesquiza telephoni- ca — até descobrir qual fosse uma praieira. Ora, perdão! Não tenho tem- po para perdel-o em tra- balho tão pouco compensador. Homem pratico, coherente com o espirito do seculo, prefiro ser um mau psychologo, a ser um simples bôbo alegre.

Gostou, senhorita praieira?

A sua carta, em todo caso, forneceu assumpto para esta [illegible] ção que, com os taes poetas d'agua doce, já se vae tornando [illegible] coisa cacete.

NAIR (Minas) — Sim. [illegible] faço graphologia quando [illegible] para isso.

ZINGARO (?) — Aqui está a carta que me dirige e na qual me pede um estudo graphologico. Diz textualmente o sr.:

"Presado Senhor Yves — Julgando preencher os necessarios requisitos que obtenham de V. S. preciosa attenção para o estudo da minha letra, solicito-lhe a especial fineza de seu julgamento valioso sobre os traços desta minha escripta.

Em "Saibam todos", — sua [illegible] liosa secção, — muitas respostas tenho lido a consulentes seus que se não apresentam na forma precisa para um bom estudo; e assim far-me-ha V. S. o obsequio de, si neste caso me encontrar, avisar-me o que tenho em falta. Pois desejo muito conhecer do seu judicioso julgamento e do valor de estas linhas.

Agradeço-lhe mui sinceramente pela attenção que puder dispensar-me. Peço-lhe desculpar a massada que, de certo, diariamente neste thêor lhe vai ás [illegible] centenas, até desta distante [illegible] que talvez lhe é extranha [illegible] tamente.

Ao seu dispôr, sinceramente agradecido firmo-me seu [illegible] grato".

Ora, vê-se por ahi que o [illegible] acredita na graphologia, [illegible] palmente na que faço. Mas [illegible] ceu o essencial: o vale [illegible] 20$000 para o necessario [illegible]

Sim, meu caro, já é tempo do autor valorizar o seu trabalho [illegible]

MALGRÉ LE TEMPS
ÉTERNELLEMENT
JEUNE
30 ANS
40 ANS
20 ANS
10 ANS
LA REINE DES CRÈMES
FORMULE J. LESQUENDIEU
EN PERPÉTUERA LE CHARME
Idéale pour la beauté du teint
protège le visage contre le hâle et les rougeurs
maintient parfaitement la poudre
Em venda em todas as boas casas
do Brazil
S. A. la Reine des Crèmes PARIS (France)

que é reclamado e julgado bom, pelo publico. E' humana, a *defesa*, não acha?

PRINCEZA (Minas) — Martins Capistrano é o nosso secretario. Ainda não tem livro publicado. Mas agora acaba de entregar ao editor os originaes do seu livro de contos *Vertigem*, e que está sendo esperado com ansiedade pelo publico.

THAIS (S. Paulo) — Tenha paciencia: a sua collaboração não serve.

Vejamos uma amostra da sua prosa:

BOLLINHA

"Dizem que a felicidade é uma sobra mysteriosa; para mim ella é como uma bollinha de sabão, soprada pelo canudinho da illusão.

Pequenina evola-se no ar azul da minha phantasia, como um balãosinho, reflectindo nos raios de alegria, as suas lindas côres.

E fico toda radiante ao vel-a baloiçar-se tal qual zepplin pequenino, ora subindo, ora descendo, num dansar esquisito, a expandir nesse compasso extranho, sorrisos, alegrias!...

Mas é muito leviana, e quando num fechar de olhos torno á fitar, zombeteira, evapora-se, extingue-se deixando-me melancolica a scismar!

Felicidade, bollinha doirada da existencia, porque és tão ingrata? Porque não pairas com constancia no azulado céu da minha phantasia, extasiando o meu grande amor?!... Ella não responde, porem a sua expressão muda faz-me igualal-a a travessa borboleta que vae de flôr em flôr deixando em cada o seu beijo enebriante. Assim tambem a bollinha felicidade percorre um a um os corações, deixando em cada vida um sorriso, uma saudade... uma lembrança!"

Ora, v. ex. diz que a bollinha *de sabão* fica silenciosa, quando v. ex. fala. Pudéra! V. ex. empresta-lhe tantos defeitos... E no fim de contas, ainda declara que ella é como a borboleta que vae de flor em flor, pintando os canecos.

Ora, a bolha de sabão fica aborrecida. E garanto que si ella falasse, era para dizer com mau humor: Não amola, Thais!"

MEIRA (S. Paulo) — Graças a Deus! Parece que o "Saibam todos"... volta á sua finalidade — que é informar aos seus consulentes aquillo de que necessitam conhecer, com menos difficuldade. Só assim me verei livre dos maus poetas, que me descompõem quando os mando para a cesta e acham que não cumpro senão o meu dever, quando lhes publico os versos.

SAIBAM TODOS...

(*Conclusão*)

Aqui está a sua cartinha, que acolho com a maior sympathia. Eil-a:

"Yves. Saudações. Aqui desse meu S. Paulo frio e nevoento, escrevo-lhe desejando que esta missiva um tanto simples e rispida (como tudo que é paulista) não lhe aborreça muito, fazendo com que perca seu precioso tempo.

Apenas uma consulta é o que lhe peço, e assim mesmo, não muito longa.

Ha muitos mezes que procuro um livro cujo thema fosse "Myosotis". Si houver soneto ou mesmo alguma lenda sobre essa mimosa florzinha eu preferia.

Poderia indicar-me Yves, si é que existe? Ficaria tão contente!...

Agradeço-lhe antecipadamente pedindo que me responda pelas paginas do Fon-Fon á — "Meira".

Muito bem.

A lenda que conheço sobre o myosotis é de origem allemã. Encontra-se numa traducção franceza de René Aubry, intitulada: "Légendes de la vie et de l'amour" (1890).

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

GRAPHOLOGIA — condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher estes requisitos, nenhum consulente será attendido.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú 61

Caixa Postal 17

Telephone 2-4116

—

FON-FON — 19-7-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Segundo René Aubry, a lenda teuta é a seguinte:

"Nas vesperas do seu casamento, andavam dois noivos passeando, ao luar, ás margens do Danubio. A joven teve o olhar attrahido por uma pequenina flor azul-celeste, que se embalava nas aguas da corrente. Achando-a linda, lamentou ella que a planta se fosse destroçar: — Triste destino o da florinha azul-celeste! Ah! si eu pudesse salval-a! — exclama penalizada.

— Queres que a salve? — diz o noivo. Espera um momento.

Precipitando-se ao rio, o desesperado apanha o raminho florido e atira-os aos pés da sua noiva. Mas quando quer attingir a margem do rio, é levado pelas aguas, em cujo seio desapparece.

Antes, porém, percebendo que a morte o ia tragar, elle grita para a noiva afflicta, que o via debater-se nagua, sem poder socorrel-o:

— Não te esqueças de mim."

E eis porque a linda florzinha côr do céo tambem se chama, em allemão: "Vergissmeinnicht"; "Ne m'oubliez pas", em francez; "Forgetme-not" em inglez.

ONDA (S. Paulo) — Perfeitamente. Fico á espera do seu album e da sua bella photographia, que naturalmente, ha de ser linda, como a de todas as paulistas, gauchas e paranaenses. Oh! admiro muito!

Ha um trecho na sua carta relativamente ao desejo manifestado com tanto enthusiasmo, que não pode ter resposta nesta secção. Ella só poderia ser confidencial. Não lhe parece?

E, quando v. ex. me escreve: "Yves, você tem tristezas? Porque as conta a ninguem? Pois sejamos amigos. Conte-as a mim" etc, etc.

Bem vê que seria ridiculo si lhe abrisse a minha alma...

Em todo caso, direi uma das minhas tristezas: não ser millionario. Não possuir ao menos uma baratinha e um bungalow... acabana... Não é, realmente, motivo de tristeza — quando que o meu liveiro, obscuro... o Pão de Assucar, posso... isso e mais alguma coisa?

Um livro? Deus do céo! escolher um livro é escolher uma flor num horto botanico.

Procuro, actualmente, as "Literature grecque et latine", de Piéron.

Por aqui não ha isso. Ou melhor "Il esperimento de Pott"... grilli, no original.

Ah! está o que desejo...

No ultimo caso, tambem... ve uma alma de mulher que... tenha fingido na sua vida... verá isso nas livrarias de S. Paulo?

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Séde Social, provisoria, RUA NOVA DO OUVIDOR, 27 — RIO DE JANEIRO

(EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE)

Relação das apolices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado

96.º SORTEIO — 15 DE JULHO DE 1930

[illegible] — Americo Baggio .... Ribeirão Claro - Paraná
[illegible] — Maria Magdalena Neculáu Stichen .... Manaus - Amazonas
[illegible] — José Lins de Carvalho .. Aracajú - Sergipe
[illegible] — José Teixeira da M. Bacellar Junior .... Belém - Pará
[illegible] — Christino Prestes de Almeida .... S. Pedro - R. G. do Sul
[illegible] — Leoniz Peixoto de Vasconcellos .... Parahyba - P. do Norte
[illegible] — Antonio Pereira da Silva Coroatá - Maranhão
[illegible] — Adolpho Friedheim .... S. Luiz - idem
[illegible] — [illegible] de Oliveira Rocha . Maceió - Alagôas
[illegible] — Luiz Mendonça .... Villa Collegio - idem
[illegible] — Acrisio de Paiva Furtado . Parnahyba - Piauhy
[illegible] — José Victurino de Oliveira .... Valença - Piauhy
[illegible] — Oswaldo Candido ...... S. J. Muquy -
[illegible] — João Xavier Rezende .... Alegre - idem
[illegible] — Manoel Francellino de Oliveira .... Cangaty - Ceará
[illegible] — Raymundo Magalhães ... Fortaleza - idem
[illegible] — Antonio Francisco Leite . Castro Alves - Bahia
[illegible] — Manoel Joaquim de Oliveira .... Itabuna - idem
[illegible] — Adalberto Alves da Silva Pereira .... Amargosa - idem
[illegible] — Antonio Ferreira da Costa Azevedo .... Catende - Pernambuco
[illegible] — Alberto Lyra Seixas .... Recife - idem
[illegible] — Arsenio de Magalhães Lemos .... Idem - idem
[illegible] — João Joaquim de Mello Filho .... Idem - idem
[illegible] — Francisco Martins de Almeida .... Valença - E. do Rio
[illegible] — José Carpiretti .... Petropolis - idem
[illegible] — Joaquim Evaristo Duque . Valença - idem
[illegible] — Hildebrando da Costa Carvalho .... Figueira - idem
[illegible] — Claudio Figueira .... P. das Flores - idem
[illegible] — Joaquim Nunes Tassara . Capital Federal
[illegible] — José Baptista Mello .... Idem
[illegible] — Benjamim Augusto Lage . Idem
[illegible] — Francisco Antonio Prota . Idem
[illegible] — João Carvalho da Silveira . Idem
[illegible] — Frederico Hipert ...... Idem
[illegible] — Armando Iuchesi ...... Idem
[illegible] — Maximo Bonomo ...... Idem
[illegible] — Antonio Coelho de Britto . Idem
[illegible] — Kasimil Aron Nudelman . Idem
[illegible] — Oscar Hesse .... Idem
[illegible] — João Alves Corrêa Nunes. Idem
[illegible] — Antonio Cardoso da Silva. Idem

201.727 — Jefferson S. Vieira de Lemos .... Idem
155.792 — José Thiago de Castro .. Fructal - Minas Geraes
209.504 — Victalino da Fonseca Mello S. Romão - idem
128.998 — Aristides Pancracio A. de Souza .... Matipó - idem
124.913 — Gabriel José dos Reis .. Tres Pontas - idem
202.678 — José Pereira Ribeiro .... Ponte Nova - idem
149.581 — Manoel Nunes .... Rio Novo - idem
206.059 — Clovis Franco .... Sta. Maria Suassuhy - idem
201.852 — Gumercindo Sant'Anna .. S. T. Aquino - idem
179.428 — José Discacciati .... Barbacena - idem
189.349 — Mauro Santos .... Araguary - idem
200.302 — Manoel José de Araujo .. Dôres Indayá - idem
178.154 — Carlos Bicalho Goulart .. B. Horizonte - idem
179.222 — Jacintho Alves da Costa . Abaeté - idem
196.326 — Manoel Rezende de Miranda .... Ubá - idem
202.618 — Melchiades Rodrigues da Cunha .... Guaxima - idem
207.982 — Luiz de Almeida .... B. Horizonte - idem
172.661 — Manoel Gomes Pereira .. B. Horizonte - idem
180.701 — Alfredo Augusto de Miranda .... S. M. Mutum - idem
197.073 — Plinio Torres Bittencourt. S. J. Nepomuceno - idem
162.579 — José Gomes Vieira de Souza .... Rio Casca - idem
262.719 — Francisco Paschoal Barci. São Paulo - São Paulo
168.876 — Moacyr de Campos Oliveira .... Santos - idem
204.128 — Humberto Valeri .... São Paulo - idem
175.694 — Americo Augusto Figueiredo .... Sorocaba - idem
204.752 — João Abilio Gomes ...... São Paulo - idem
170.122 — João Rodrigues Maldonado Idem - idem
206.963 — Manoel Almeida .... Idem - idem
201.779 — Enrique Bottori .... V. Esperança - idem
201.794 — Luiz Grimaldi .... São Paulo - idem
141.092 — Raul Martins Ferreira .. Idem - idem
231.775 — Antonio Monteiro da Silva V. Esperança - idem
194.868 — Francisco Pinheiro da Silveira .... Marilia - idem
204.458 — Olyntho José Garcia .... São Paulo - idem
198.815 — Francisco Martin Dias .. Idem - idem
139.974 — Augusto Salgado .... Idem - idem
198.012 — Manoel Garcia de Gomar. Idem - idem
188.125 — Iva Santori .... Idem - idem
201.089 — Antonio Bueno Nascimento Idem - idem
203.296 — Josephina Martins de Oliveira .... Idem - idem
197.138 — Alberto Quatrinio Bianchi. Idem - idem
198.059 — Pauzi Maluf .... Idem - idem

Nota — A Equitativa tem sorteado até esta data 4.007 apolices no valor total de 18.566:369$000, importancia paga em dinheiro aos respectivos segurados, com direito a sorteios ulteriores.

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1930. — *Oscar Hesse.*

Testemunhas: Augusto Reis — L. M. Jordão. (Firmas reconhecidas.)

Recebi d'A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, Sociedade de Seguros sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (Rs. 5:000$000), proveniente do sorteio a que procedeu em 15 de Julho de 1930, entre as suas apolices sorteaveis em dinheiro, e no qual foi contemplada a minha pelo numero 198.694, tendo sido incluida no dito sorteio por direito adquirido em virtude das prestações anteriormente pagas. Desse pagamento se deduzem 500$000 de imposto federal, ficando entendido que o facto do sorteio em nada altera os termos do contracto de seguro, os quaes continuam na vigencia de

---

Recebi d'A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, Sociedade de Seguros sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (Rs. 5:000$000), proveniente do sorteio a que procedeu em 15 de Julho de 1930, entre as suas apolices sorteaveis em dinheiro, e no qual foi contemplada a minha pelo numero 207.414, tendo sido incluida no dito sorteio por direito adquirido em virtude das prestações anteriormente pagas. Desse pagamento se deduzem 500$000 de imposto federal, ficando entendido que o facto do sorteio em nada altera os termos do contracto de seguro, os quaes continuam na vigencia de direito.

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1930. — *Frederico Hipert.*

COSTUMES...

DE DANTE ALVES BARBOSA

PARA quem já esteve no norte, ou mesmo, para os filhos daquella abençoada região que habitam aqui no sul, a differença de costumes entre uma e outra extremidade do nosso paiz é assombrosa.

Em tudo quasi a mudança é phantastica. Na maneira de falar, na educação, attitudes, na vida intima, na alegria, na dor, em tudo, emfim, é enorme a mudança.

O que me levou a escrever esta chronica é a maneira com que o carioca "faz quarto" a um defunto. No norte, não é como aqui.

No norte, si morre alguem, rico ou pobre, em evidencia ou não, são muito outros os costumes. A presença de um morto é, invariavelmente, um ambiente grave, de profunda tristeza.

E, com silencio e respeito, o defunto é velado durante sua ultima noite sobre a terra. Lá uma vez ou outra é que, desfazendo a monotonia tetrica do meio, o silencio é quebrado por um ou outro grupo de velhas palradoras:

— Coitado! Deixa tantos filhos!

— E a viuva, coitada!

— O que vale é não se ter *matado* muito com a bôa vida que levava...

E volta o silencio...

Suspiram as velhas, soluçam os da familia, e os minutos parecem seculos.

Mas aqui no Rio...

Ahi está o quadro velorio do fallecido Conselheiro Pancracio de Sá, que Deus o tenha em sua santa gloria. Nunca mais hei de me esquecer desse quadro.

Quando cheguei em casa do finado, fiquei pasmado com o que encontrei em sua camara ardente. Em logar daquelles "ais" de funda commoção que habituára a ouvir no norte, havia uns "chiliques" hystericos todas as vezes que entrava visita... Eram as pequenas sirigaitas incorrigiveis que aproveitavam o ensejo para exhibir palmo e meio de lindissimas pernas...

Fiquei pasmado...

E mais pasmado ainda fiquei quando reparei que os parentes do illustre morto se divertiam com jogos de "annel", visporas, "burro" rematado por excellente café com biscoitos, que vinha mesmo a calhar...

E á meia noite, quando aquella gente sentida pela morte do Conselheiro *jogava para passar o tempo*, reparei que a Lúlú, filha mais moça do fallecido, se tinha levantado com um sorriso a lhe bailar nos labios, fitára o morto, e, depois de um gesto de contrariedade, tornou a se sentar, suspirando profundamente...

Fiquei seriamente intrigado com aquillo. Mas não me foi difficil tirar uma conclusão:

E' que, com certeza, si á bella Lúlú não se tivesse deparado o nobilissimo defunto, deformado, feio, roxo, no caixão, teria aproveitado aquella optima opportunidade para, com a vaidade dos que possuem excellente victrola, convidar aos seus amiguinhos que se absorviam nos jogos:

— Vocês querem conhecer o meu novo disco, o samba no Salgueiro?...

Entre cirurgiões.

— *Então, sempre o homem do braço; mas porque? Elle estava condemnado...*

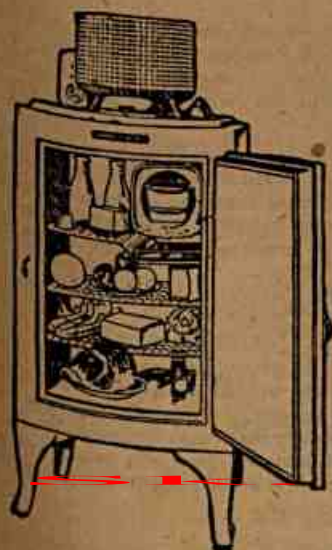
— *Sim; é verdade, não havia meio de salval-o, mas era preciso entretel-o, coitado; então cortei-lhe os braços.*

Pensamento profundo.

O que um homem sabe póde quasi sempre caber num livro; entretanto, seria necessaria uma bibliotheca para conter o que elle julga saber.

Num hotel.

— *Vejo aqui na lista: Marreco do matto com legumes. E' realmente marreco selvagem?*

— *Pois não! O patrão levou hoje mais de uma hora a correr atraz delle no quintal para torcer-lhe o pescoço.*

A collecionadora de emoções

"De todas as paixões, o amor é a mais forte, porque ataca, ao mesmo tempo, a cabeça, o corpo e o coração."

VOLTAIRE.

CONTO DE **CYRINO VAZ**

Os homens que se lhe aproximavam, attrahidos por uma seducção irresistivel, não sabiam onde estava a força da sua seducção: si nos olhos, que brilhavam com intenso fulgor sobre a pallidez-marfim do rosto, e eram negros, negros como o Silencio, negros como a Morte, de uma expressão singularmente vaga, languida e ardente, que, quando se poisavam em alguem, lhe amortecia toda a força de vontade, toda a resistencia; si na voz, de um timbre espiritual e mavioso, como uma musica divina; si em todo o conjuncto do seu ser, feito de graça, de harmonia, de voluptuosidade; si no halo de mysterio que envolvia toda a sua vida, todo o seu passado...

Era uma mulher estranha. Fatal.

A sua personalidade vinha tambem de uma grande concepção de arte, que a guiava em tudo: no vestir (não acceitava tudo o que dictavam, pelos figurinos, costureiros, ás vezes, sem a menor noção de elegancia e de belleza), nos gestos, nas attitudes, no andar...

Nas ruas, nos theatros, nos "magazins", em toda a parte, a gente se virava para vêl-a passar: musical, no rythmo lento e cadenciado dos seus passos; harmoniosa, nas linhas ondulantes e perfeitas do seu corpo perfeito.

Só e altiva, altiva e serena, sem um destino certo, ella errava pelos caminhos da Vida — tão cheios de logares communs — á procura de sensações ainda não experimentadas, que empolgassem o seu espirito saturado de "spleen".

Entretanto, começára uma vida como a de todo o mundo... banalissima.

Como a Dorian Gray, fôra a leitura de um livro que viera despertar tendencias que ella ignorava; que lhe dera esse desejo de um destino unico, original; que lhe enchera a alma desse terrivel "tædium vitæ", fazendo-a até achar mesquinho e aborrecido o que a maioria das creaturas considera grandioso e extraordinario; que despertára nella um aansia incontida de perversões estheticas...

* * *

Uma noite, no delirio de uma festa pagã, em que, sob a magia das luzes de côres, a sua belleza era maior e mais estranha, entre o tinir vivo dos crystaes, transbordantes de champagne, e entre risos ruidosos de prazer, lhe apresentaram um homem millionario e um pintor pobre. Desde logo, ambos se sentiram presos ao seu fatal encanto.

O millionario, desejoso de conquistal-a, para seu orgulho e para sua vaidade, beijando-lhe as mãos, disse:

— Nas tuas mãos pallidas e finas, mais pallidas e finas que as de uma patricia, eu ponho toda a minha fortuna. E' tua, esbanja-a. Ella tornará suave o teu caminho pelo mundo; satisfará aos teus mais absurdos caprichos, e será a mais digna moldura á tua magnifica belleza!

Ella sabia que elle apenas lhe daria o seu dinheiro — certo que lhe daria muito — e que a sua vida continuaria a correr monotona, sem sensações extraordinarias que a intensificassem. E, demais, para ella o dinheiro não tinha esse alto valor que os homens lhe emprestam.

O pintor, apaixonado, tocado na sua visão de estheta pela sua belleza bizarra e maravilhosa, prostrando-se a seus pés, falou:

— Pelo teu amor eu sou capaz de todas as loucuras, de todos os sacrificios. Manda, e obedecer-te-ei. Si quizeres, a uma palavra tua, seguir-te-ei até os céos, até os infernos, silencioso como a tua sombra, submisso como o teu escravo.

Ella sabia que elle era sincero: seria capaz de todas as loucuras... até o crime, de todos os sacrificios... até a morte! Viu nelle uma fonte de emoções imprevistas e inéditas, á sua alma cansada de emoções banaes. A sua sensibilidade de amorosa, eram-lhe ambos indifferentes.

Escolheu o pintor.

* * *

— Naquella rua do teu "atelier", naquella grande casa de joias, ha um grande collar de saphiras mais azues que o céo do deserto, e de esmeraldas mais verdes que o mar alto; pertenceu a uma princeza da antiguidade, e custa uma fortuna. Mas elle é bello demais para outra mulher, e eu serei bella si elle me adornar. Rouba-o.

Elle roubou-o.

— Aquelle teu amigo, que nos segue por toda a parte, está sempre a dizer-me versos sem rythmo e sem belleza; aborrece-me, e eu odeio-o! Mata-o.

Elle matou-o.

As peripecias do roubo e do crime — ao contrario do que elle pensára — trouxeram-lhe sensações ordinarias, semelhantes ás que encontrára na trajectoria da sua vida, que não conseguiram empolgal-a, nem desapparecer esse tédio que, numa fatalidade atroz, pesando sobre o seu destino.

Certa tarde, quando acabou o seu ultimo quadro — "Paixão", a que ella servira de modelo —, enthusiasmado com essa obra que lhe traria os louros da Gloria, que apenas desejára depôr-lhe aos pés, elle renovou-lhe todas as juras de um amor immortal e todas as promessas de sacrificio.

Então, num sorriso, como si fosse a coisa mais natural do mundo, ella pediu:

— Dá-me a tua vida...

E elle a deu.

SYSTEMA KOSMOS

(Patenteado pelo Governo Federal pela Carta Patente n. 85)

É um novo systema de venda de predios, que torna possivel a toda a gente a propriedade de uma casa mediante suaves prestações mensaes, com direito a quatro sorteios por mez.

A Companhia Immobiliaria Kosmos

abriu cinco planos prediaes com as seguintes designações, valores e mensalidades:

Classe	Valor do terreno	Valor do predio	Valor total	Mensalidade
A	3:000$000	7:000$000	10:000$000	50$000
B	5:000$000	10:000$000	15:000$000	75$000
C	7:000$000	13:000$000	20:000$000	100$000
D	10:000$000	15:000$000	25:000$000	125$000
E	12:000$000	18:000$000	30:000$000	150$000

Cada serie se compõe de 1.000 numeros, correndo o sorteio pela Loteria Federal, pelos 3 algarismos finaes do premio maior de cada sabbado.

Haverá 4 sorteios por mez.

O 1º sorteio dá direito a um predio, que será construido em terreno da Companhia, escolhido pelo beneficiado e que ficará desde logo de sua plena propriedade.

Os 2º, 3º e 4º sorteios conferirão direito respectivamente a predios que ficarão hypothecados á Companhia até o pagamento da ultima prestação ou até ser o predio liberado por sorteio.

Cia. Immobiliaria Kosmos

Rua do Ouvidor, 87

ERA linda a vizinha do joven capitalista. Este, digamos a verdade, tinha tambem linda esposa. Porem, (são dessas coisas que acontecem) elle, moderno archipirata, gostaria de conquistar a outra.

Por que? Só por ser de outrem?!

Só! Novidade... e nada mais!

Teimou por ser comprehendido. A senhora, porém, não queria comprehendêl-o. Não era nenhuma tarada. Contentou-se com o marido, que a adorava... Mulher dotada de sentimentos muito nobres, não podia dar passos em falso.

Não se conformou o joven. A figura romantica não inspirar ao menos um grande amor? Não era possivel! A senhora não percebêra ainda a paixão delle por ella, mas, logo que a percebesse, seria o apaixonado o mais feliz dos homens! Seria; tinha quasi certeza. Só dependia de uma coisa: ter a formosa vizinha conhecimento do quanto soffria o desgraçado!

Que fazer?

Matutou, gesticulou sozinho, resolveu: ia escrever-lhe longa missiva, mensageira fiel dos grandes soffrimentos.

Trancou-se no escriptorio, sentou-se ao é da secretaria, empunhou da caneta, e do bico da penna de ouro sahiu uma carta... tão apaixonada, tão commovedora, que em absoluto mulher nenhuma deste mundo poderia resistir ao rogos por elle feitos com tanta ternura.

A impressiva carta havia de fazer a senhora chorar, havia de arrancar lagrimas de s a n g u e áquella a quem era dirigida.

Deitou a extraordinaria missiva no bolso e aguardou momento opportuno para entregal-o á linda destinataria.

Um dia, dois dias, tres dias, e nada de apparecer a opportunidade.

A distincta senhora adquirira o habito de passar meia hora na janella da frente todos os dias, á noitinha. Sabia-o elle. Não poderia haver occasião mais propicia. Veiu á casa áquella hora e entregou-lhe a carta na janella.

Era, por lamentavel descuido, endereçada a Dirce Ferreira. A senhora chamava-se Dirce Pereira.

Era homonyma da sogra do capitalista, que tinha por appellido Ferreira.

Foi discreta a senhora: guardou-a e entregou-a no mesmo dia a quem era endereçada.

— Seu genro entregou-me por engano, quando hoje eu fui á janella.

Dona Dirce Ferreira era tambem muito discreta. Abriu a sobrecarta, leu a missiva e perguntou ao genro, reservadamente:

— Escreveste a alguem hoje?

— Não, senhora!

— Nem te lembras de ter escripto uma carta a alguem hoje á noitinha?

— Não, senhora!

E insistiu a sogra:

— Vê bem: não escreveste?

— Não.

— Absolutamente?

— Não.

— De quem é esta letra?

— E' minha!

— Quem escreveu esta carta?

— Fui eu...

— Então?!

— Que hei de mais dizer?!

Ella, que muito gostava de brincar com elle, depois de se referir á belleza e bondade da filha, lembrou-se de um sonêto humoristico de Arthur Azevedo e disse-lhe o primeiro tercêto:

"Tertuliano, és um rapaz
[mimoso

"E's sympathico, és rico, és
[talentoso

"Que mais no mundo se te faz
[preciso?

E inclinando tambem a fronte, o estouvado genro, que não desconhecia a composição poetica, serenamente, respondeu:

— Juizo!"

E riu muito, riu immoderadamente a bôa sogra.

Bôa Sogra

HORMINO LYRA

Miss Universo

Tenho a pelle assetinada,
Fresca, macia e corada,
Sem resguardar-me do sól.
Pode assim ser toda gente,
Usando constantemente,
Só sabonete "Eucalol".

O "Bibliophilo"

AQUELLE homem que visitava a Bibliotheca Pu-blica do Ceará todo o santo dia, com a mesma regularidade com que um musulmano crente vae ás orações na mesquita, interessou-me a princi-pio, acabando por me impressionar.

Mal soava o relogio da Intendencia, a pancada da hora regulamentar para a abertura do avelhentado ca-sarão da praça do Mercado, já elle se achava postado na esquina fronteira, talvez a ruminar ainda o almoço.

Aquillo tornara-se, com certeza, um habito. Sempre áquella hora elle seguia, com passos cansados, para o seu almoço espiritual. Ninguem lhe levava as lampas em methodo. Era, invariavelmente, o primeiro a chegar. Fugindo á regra geral dos que para alli iam e que vistoriavam, ás pressas, os catalogos, demorava-se nu-ma busca exhaustiva, sem deixar uma pagina que fosse sem uma acurada perquirição.

Pedia os livros, pouco preoccupado com o autor. Lia o titulo e ficava a namorar a encadernação. Sentia-se que elle via com prazer uma edição de luxo. Mas que haveria de mais em tal? Esse gosto não passaria aos olhos do publico como um requinte vulgarissimo de bibliophilo affidalgado?

A mim elle causava apenas um vago sentimento de piedade. E, penso, causaria a todos que o vissem com a roupa coçada e as calças com fundilhos, ás voltas com ricas publicações de lombas douradas.

O empregado do salão de leitura tolerava-lhe a ma-nia, trazendo-lhe os livros com uma paciencia de be-nedictino, os livros de que elle olhava somente com in-teresse a parte material, sem entrar em indagações pelo seu valor ou desvalor literario. Apenas examinava as capas. Isto com grande pachorra. Mirava-as e re-mirava-as com ar de quem analysa. Então pedia ou-tro livro.

— Diabo! — murmurava eu com os meus botões. Um homem, em farrapos quasi, que vae a uma biblio-theca com a mesma pontualidade com que um judeu vae ao muro das lamentações só pelo prazer epicurista de olhar encadernações raras, não pode ser um typo banal.

Tornei-me, então, mais assiduo nas minhas visitas á bibliotheca, mais para aprecial-o do que por outra coisa.

A olhal-o com um pouco de preoccupação e curiosi-dade mal dissimulada, vinham-me á mente historias de velhos bibliophilos e passava-me pelo cerebro toda essa gente que se transportava até Paris para gozar o encantamento, de algumas horas por dia, nos alfar-rabistas do "Quai Voltaire".

De HEITOR MARÇAL

Recordava-me a sua figura esgrouvinhenta um amigo a quem a bôa herança de um tio-avô destacara dos outros mortaes. Esse compra agora livros para se vingar dos tempos em que era estudante, quando ficava horas inteiras em frente das montras das livrarias, sem poder adquiril-os. E' certa vez se interessou pela acquisição do "Tartufo", de Molière, traduzido por Castilho. Procurou em livrarias, sebos, e não o conseguiu.

Um bello dia, um dos seus intimos, que fôra ao Porto, arranjou-lh'o, por lá, o livro, em troca de bons pares de escudos. O dia todo elle passou com o livro entre as mãos. Parecia uma criança com um brinquedo novo!

Dadas todas essas esquisitices, não me surprehendeu encontrar na ordem dos que consultavam livros na bibliotheca o nome do dramaturgo inglez Bernard Shaw. Isto não me aguçou, sequer, a curiosidade. Sabia que aquelle homem raramente assignava o livro de visitas e quando o fazia era assim, com um nome supposto. Aliás, tal proceder não passaria de um estratagema expedito de quem deseja as sombras de um incognito, uma vez que a imprensa publica a lista diaria dos frequentadores da bibliotheca.

Um dia, porém, a minha curiosidade chegou ao extremo. Foi quando concertei acompanhal-o na sua sahida. Em vista de tal resolução, deixei-me ficar na esquina, esperando-o.

Quando elle se retirou, segui-o á distancia até vel-o entrar em um *sebo* que fica á rua Guilherme Rocha, nas proximidades da praça José de Alencar. E' uma casa com muitos livros sem prestimo (em que pese o conceito de Cervantes, que affirma: *no hay libro tan malo que no tenga algo bueno*), e raros dignos de acquisição ou mesmo de leitura. Entretanto, ha por lá sempre muita gente, ávida das baboseiras do nosso viciado mercado literario. Gente que se fica a olhar as prateleiras sujas, cheias de obras velhas, imprestaveis.

... Eu tirava conclusões: era um bibliophilo sequioso, insatisfeito e pobre. A falta de recursos obrigava-o a andar assim pelos logares onde se pode ter livros á mão sem dispendios, nem importunações. E foi com esse juizo formado que cheguei até á porta do alfarrabista, com o intuito de conhecel-o. Vi, porém, com espanto, que o bibliophilo esperava a um canto, fingindo ler umas revistas jogadas no balcão, emquanto o dono da casa, com um ar estudado de desdém e desinteresse, revirava nas mãos um livro, que, num relance rapido, eu reconheci: era um exemplar que eu já consultara na Bibliotheca...

LABIOS E... LABIAS...

MARIA DA PAZ

— Como está linda!

E o olhar cobiçoso de Euclydes firmou-se no semblante fresco e assetinado de Laura Odette.

— Effeitos da primavera! — respondeu logo a rapariga bonita.

— Ha sempre primavera quando está presente... — galanteou o rapaz.

— Sim? Mas diga-o de outra maneira... Isso já é tão batido...

— E ouvido por você, não?

— Tambem. Aliás, os homens não variam nunca: em materia de galanteria, parecem todos abastecidos numa escola secreta. Por que?

— Porque as mulheres todas se parecem, e despertam sempre o mesmo interesse.

— E'... Deve ser...

E, num gesto muito de melindrosa, puxou o batom para carminar a bocca.

— Por que faz isso? Nem tão brancos são os seus labios... — interrompeu o rapaz.

— Mas é moda... Você nunca viu?

— Não queria vel-o em você; preferia que fosse mais natural... menos...

— Menos?

— Melindrosa...

— Si é do que vocês gostam...

— Menos dos labios pintados... Tiram o sabor dos beijos...

— Não conheço esse sabor...

— Que belleza!

— Que? O beijo?

— Não; o você desconhecel-o.

— E dahi?

Laura Odette tinha uma certa audacia nessa pergunta e Euclydes, que não queria perder a vasa, refreiou-se.

— E dahi? — insistiu a moça.

— E' uma grande virtude. O beijo é ou não é funcção exclusiva da vontade?

— Eu diria acção...

— Seja! Ora, si é acção da vontade e você o desconhece, tem com isso um grande merito.

— Pois tenho... e sem nenhuma vontade de perdel-o.

— E' pena...

— Que?

— E' pena... que você os pinte tanto — emendou Euclydes.

— E eu pinto beijos? Palavamos de beijos...

— Mas fallo dos labios... dos seus... Por que os pintam assim tanto, você e todas as mulheres?

— Por que não faz um inquerito?

— Só me interessam os seus...

— Mas lembra os outros...

E, mudando de tom:

— Pode ser que, um dia, lh'o diga...

Laura Odette levantou-se. Euclydes, que estivera a seu lado, imitou-a. Ambos de pé, olharam-se com pensamentos oppostos. Elle a julgava futil e facil; ella o sentia pretencioso e adeantado. Mas não se communicaram os mutuos juizos.

— Vamos ao parque? — convidou a moça.

— A esta hora?! — exclamou o rapaz, admirado.

— Tem medo das sombras?

— Ao contrario... Nem ha sombra quando você irradia a sua presença...

— Outra banalidade...

— Você é incorrigivel... Vamos!

Desceram a rua do hotel e foram para o parque. Abrigaram-se na alameda de bambús, desassombrados como dois amantes. Laura Odette caminhava devagar, seguida de Euclydes. Subito, estacou:

— Vamos voltar!

— Por que tão depressa?

— Isto está muito soturno...

— E eu estou extasiado!

— Por mim?

— Por você... por ti...

E tomando-lhe as mãos:

— Você não adivinha? [illegible]

— Que sou a primavera, a [illegible] extase, tudo que você decorou [illegible] me dizer?

— Não... que eu te...

E, sem que se pudesse defen[illegible] agarrou-a, beijando-lhe fortem[illegible] a bocca.

Laura Odette teve um assomo [illegible] sincera revolta. Não pensara em [illegible] melhante consequencia de um [illegible] seio que fizera tantas vezes [illegible] outros; decididamente, Euclydes [illegible] um abusado e desmentia num [illegible] mento a theoria de que o [illegible] funcção exclusiva da vontade. [illegible] della estava ausente. Ia [illegible] lhe uma grosseria, mas, olhando-o, limitou-se a lhe ralhar, sorrindo:

— Isso não se faz, ouviu?

Recompoz o carmim e rumaram para o hotel, não sem lhe travar do braço e arrastal-o.

A sala do hotel estava cheia. [illegible] o conduziu por entre todos, [illegible] mente, saudando, ora a um, ora a outro, os conhecidos. Os olhares [illegible] varam-se em Euclydes, que, [illegible] portado ainda á sublime delicia da presentia [illegible]

Laura Odette levou-o até o [illegible] lho, um enorme espelho pendente ao longo da parede, e mandou que se mirasse. Os seus labios estavam empastados de carmim. Elle, envergo[illegible] gnado, tentou fugir. Ella [illegible] ainda [illegible]

— Sabe agora por que [illegible] pinto os labios? Para desmascarar os labiosos...

TOSSE? ... BROMIL

Bromil é o melhor remedio para combater as Tosses.

Bromil desentópe os pulmões, sòlta o Catarrho e dá bem-estar.

Bromil é de grande efficacia contra os accessos da Asthma e da Coqueluche.

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 30

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1930

ARREPENDIMENTO

MARTINS CAPISTRANO

— Você ainda se lembra daquella tarde cinzenta e triste em que me pediu um beijo?

— E você m'o negou...

— Para, noutra tarde, tambem cinzenta e triste, fartar a sua melancolica volupia. Dei-lhe, então, não só aquelle beijo desejado, mas muitos outros, tantos, que fiquei com os labios machucados... Ainda assim, você queria mais. E eu, já cansada, não me recusei...

— E' verdade. Chovia como agora. Abril chorava num crepúsculo gottejante. Tambem fazia frio. Um frio rumoroso e aggressivo. Você tinha os olhos fitos nos meus, e dizia-me, despetalando aquelle seu sorriso que foi, sempre, a minha seducção suprema — dizia-me que gostava da chuva quando estava ao meu lado...

— Naquella tarde, a chuva nos protegia...

— Abafando o rumor dos nossos beijos. As horas não existiam para nós. Podiam passar, vertiginosa ou morosamente, que nós não as percebiamos.

— E passaram... E nós continuámos, na tarde lacrimosa, o mais lindo romance que já vivemos. Você, derramando nos meus olhos a sua alma dolorosa. Eu, sentindo a caricia palpitante do seu amor impetuoso e ardente...

— E a chuva cahindo, e a tarde mergulhando, lentamente, na sombra... Nós assistiamos á transição. Vimos, pela janella aberta, a rua escurecer sob o temporal de abril. Era tudo tão desolado e tão triste naquelle bairro... E tudo tão sombrio...

— Só os seus olhos fascinados e os seus labios sangrentos illuminavam a penumbrosa melancolia da hora cinzenta. Nós estavamos satisfeitos...

— Porque eramos felizes.

— Depois...

— Depois, veiu a noite, veiu a separação, veiu a saudade...

— Sobretudo a saudade.

— Não. Sobretudo o arrependimento de não termos prolongado indefinidamente aquella tarde...

Entre as festas que se realizaram nesta capital em commemoração á data do centenario da Constituição do Uruguay, sobresahiu, pelo seu cunho de alta distincção e elegancia, a recepção offerecida, pelo sr. ministro Ramos Montero, na séde da respectiva legação, ao corpo diplomatico, ás autoridades brasileiras e á sociedade carioca.

O CENTENARIO DA CONSTITUIÇÃO DO URUGUAY

Separada pelo desabrochar de seu espirito nacional do antigo vice-reinado de Buenos-Aires, de que fazia parte, a Banda Oriental tentou constituir-se em nação sob a egide de D. José Gervasio Artigas, o Protector dos Povos Livres, o grande caudilho que se sepultou vivo nas solidões do Paraguay, o heróe eponymo da liberdade uruguaya. Fôram-lhe os fados adversos e sob o dominio de Portugal e, depois, do Brasil, a então Provincia Cisplatina viveu algum tempo. Após muitas vicissitudes e lutas, a paz de 1828, celebrada entre o Imperio e a Republica Argentina, consagrou a independencia definitiva da Belgica sul-americana. Data dahi o inicio da sua constituição no paiz pacifico, operoso, fidalgo e rico que hoje é.

Dois annos [illegible] da paz de 1828 [illegible] promulgou-se a [illegible] ção da Republica [illegible] tal do Uruguay, [illegible] tuição que Artigas [illegible] e esquecido no [illegible] lio do Paraguay, [illegible] um dia das mãos [illegible] viajante e beijou [illegible] rando. Era o fruto [illegible]

O ministro do Uruguay, sr. Ramos Montero, com algumas figuras presentes á recepção de sexta-feira penultima, na legação daquelle paiz.

...io que plantara e que fôra regada com o sangue de seus companheiros vencidos em pugnas de centauros.

Celebrou-se este anno, brilhantemente, o centenario dessa obra de fé nacional e de liberdade politica. Em Montevidéo e em toda a America, o espirito americanista vibrou nessa commemoração. Cem annos bastaram para que se impuzesse o Uruguay pela paz e pelo progresso, pela civilização e pelo trabalho no concerto dos povos da America, de que é, sem duvida, uma das glorias.

A cidade do Rio de Janeiro prestou, por occasião da passagem do primeiro centenario da Constituição do Uruguay, uma homenagem altamente expressiva áquella nobre Republica, inaugurando o edificio em que funccionará o novo Grupo Escolar Uruguay, e que se acha situado á rua Anna Nery n. 50. A cerimonia inaugural do Grupo Escolar Uruguay revestiu-se de grande brilho e teve a presença do sr. ministro Ramon Montero, do representante do prefeito Prado Junior, membros do magisterio municipal e os professores uruguayos actualmente entre nós. São aspectos dessa solennidade o que fixam as nossas photographias.

A mesa que presidiu á solennidade com que foi inaugurado, sabbado ultimo, o Grupo Escolar Uruguay.

LENDO E... APRENDENDO

Nos livros, nós encontramos, sempre, curiosas observações, annotadas á margem da vida.

Os escriptores escapam á craveira commum dos homens, justamente porque olham e sentem a vida com maior agudeza.

Observar e saber transmittir aos outros as coisas observadas, não está ao alcance de todo individuo.

Assim, podemos affirmar que os escriptores possuem um sexto sentido...

E' facil provar.

O homem que ama, quasi sempre acredita na mulher objecto dos seus cuidados.

Mas, acontece que todas as historias de amor se parecem, e lá um bello dia, quando o homem espera a mulher que ama, apparece, no logar della, um telegramma.

Os telegrammas, em taes casos, quasi todos se parecem, pois são méras copias...

"Impossivel comparecer amanhã ao encontro combinado. Explicarei em carta. Sempre tua. Fulana."

E o homem que ama, o homem que recebe o telegramma, espera, confiante, a carta...

O escriptor, que observa e descreve aos outros o espectaculo da vida, assim desenvolve o seu raciocinio:

"Os telegrammas têm algo de caixa de surpreza. Chegam de improviso e fóra d'horas.

E' inutil que as pessoas abastadas façam delle uso para communicar noticias sem importancia. O verdadeiro telegramma traz uma grande [illegible] ou uma grande tristeza. Por [illegible] pois de abertos, parecem braços [illegible] estreitar com os seus [illegible] ou azues, com os seus [illegible] los de prazer ou de [illegible] ctura dos telegrammas faz [illegible] doce sentimentalismo dos [illegible] legraphicos."

Mas, porque assim pensam [illegible] criptores sabem que as cartas [illegible] ciadas por telegramma nunca [illegible] a ser escriptas. [illegible]

E não esperam nem as [illegible] as mulheres que passam [illegible] promettendo explicações [illegible]

Entretanto, quem não [illegible] escreve, póde aprender [illegible] util nos livros. Quando [illegible] a não acreditar nas mulheres [illegible]

O sr. ministro Ramos Montero entre alumnos do Grupo Escolar Uruguay, na festa inaugural desse estabelecimento.

FILIGRANAS

Uma das tradições que ainda vivem no interior do Brasil é a das madrinhas. Assim se chama a mula que, nas tropas, pelas estradas do sertão, vae orgulhosa à frente de todos os animaes, ornamentada de cabeça, com fivelas, argolas e campainhas. E toda a récua a segue, embalada pelo tilintar argentino ...

... Brasil que ... esse habito tradicional ... caravaneiros ... o camello chefe ou guia ... adeante ... Na Espanha é ainda ... o que ... chamado como ... de antanho, ... de campainhas com ... arvore de ... os arreios ... bollas, argolas e placas.

...da Constituição do Uruguay, offerecemos, nesta pagina, varios aspectos de Montevidéo, cuja belleza resalta das suas linhas topographicas e dos seus encantos monumentaes. As photographias representam: a praça Independencia, o Hotel Municipal de Carrasco, o Palacio Legislativo e o monumento do general Artigas.

"ANALES"

Cesar Alvarez Aguiar, illustre e brilhante jornalista uruguayo, director de Anales, a linda revista, publicação que honra aos circulos do periodismo sul-americano, distinguiu-nos com o seu cartão de visita, que acompanhou um exemplar da magnifica revista que dirige em Montevidéo.

Anales é, sem favor, uma das mais bellas publicações americanas, apreciada na sua feição literaria, como na sua factura graphica, finamente cuidada, como no seu esmerado serviço de illustração, offerecendo sempre, a seus leitores, lindissimas trichromias.

Agradecendo a gentileza dos cumprimentos que nos dirigiu, Fon-Fon retribue a distincta attenção do director de *Anales*, formulando votos pela sua felicidade pessoal e crescente prosperidade de seu excellente periodico.

Faiânças

O amor que tarda...

Foi Machado de Assis quem escreveu esta sentença feliz: "Só se faz bem o que se faz com amor..." De accordo. Sem amor, só se pode fazer aquillo que elle recusa com enfado. Aquillo que elle rejeita com displicencia...

Por isso é que, ás vezes, soffremos e causamos tantas decepções.

Vejamos um exemplo.

Uma mulher. Uma mulher que nos nega hoje a felicidade do seu affecto, o encanto das suas horas melhores. Fiel á lei de que toda filha de Eva é indifferente ao homem que a procura, que a requesta, que a assedia, ella, a mulher do exemplo a que alludo, permanece surda aos appellos do homem que a persegue. Ella o trata mesmo com desprezo.

Todas as vezes que o homem apaixonado a encontra na Avenida, sente o coração bater num desejo indefinivel. Ella o olha e m desdem, e prosegue.

No intimo, tem a convicção de que o tal cavalheiro do coração frágil e louco, é cégo por ella. Mas goza a volupia má de tortural-o e de poder confiar ás amigas: "Aquelle homem (ellas dizem, segundo o gráo da sua intelligencia: "aquelle homem" ou "aquelle bonito...") é um bobo. Vive apaixonado por mim e, no emtanto, não lho dou confiança..."

Esquecem que o mundo é uma esphera. Que o mundo roda, roda e torna a rodar.

Esquecem a velha canção:

"C'est l'amour, l'amour, l'amour,
qui fait le monde,
á la ronde,
et chaque jour,
á son tour,
le monde fait l'amour..."

Pois bem. Um bello dia, ella sente que o homem de alma inflammada está apaixonado [illegible] outra. Quando elle a encontra [illegible] Avenida, o seu coração não ba[illegible] mais apressado; já elle não empallidece; e é com indifferença [illegible] a fita. Fita-a como si olhasse [illegible] combustor, a réclame luminosa, [illegible] inspector de vehiculos, ou o camelot que vende missangas por meio de prestidigitação...

A moça altiva entristece. Agora é ella que não admitte aquella indifferença.

— Desaforado! — diz consigo [illegible] E' despeito! Elle sabe que o [illegible] ligo.

Mas o homem sorri. E ella:

— E' agora! Elle vem, dizer qualquer coisa, e eu o encaro com desdem.

O moço sorri distraido. E ella:

— Será que me não reconhece mais?

Afinal, é a moça quem se decide a attrair a attenção do rapaz. Mas um encontro entre ambos, após, como já se passaram annos, do moço o primeiro enthusiasmo [illegible] acontece que elle vê nella, agora, outra mulher, uma creatura differente, já *fanée*, um pouco deselegante, as linhas deformadas — [illegible] mais gorda ou mais magra. E então, a *gaucherie* é tremenda.

O rapaz fala enfastiado; ella fica decepcionada com a falta de cavalheirismo delle. E, por [illegible]

E' ahi que a these de Machado de Assis se impõe com a sua [illegible] de logica: "Só se faz bem o que se faz com amor..."

. . . .

E' por isso que sou immediatista. Tudo o que é meu ha de ser rapido, incisivo, fulminante...

Eu não sei esperar.

Decepção

Chique...

Sabes tu o que quer dizer essa palavra? *Chique* é esse eterno [illegible] buste com que revestes as tuas palavras, as tuas attitudes, para dar uma impressão negativa de tudo que se espera de ti.

Chique é esse ar de gata angorá, roronante e traiçoeira, com que dissimulas tudo o que sentes e pensas, tudo o que queres e ambicionas.

Chique é a maneira fingida com que evitas a minha bocca, justamente quando ella arde na ansia de um novo beijo.

Chique! Que dizer mais, si estás certa de que nenhuma outra palavra pode ser melhor definição [illegible]

Chique é essa dissimulação [illegible]

«Miss Paraná» (senhorita Gilda Kopp). Ella não ri sobre as azas do avião, porque tenha a certeza de que elle está pousado na Guanabara. Ri porque é alegre e sabe que é bonita. Ri porque vae voar...

acaba por fatigar a muita sympathia, o meu affecto, e géra um espirito de prevenção contra todas as tuas attitudes, contra todos os teus actos, todos os teus gestos e todas as tuas palavras! Chique! E' o teu refalsado pudor... Foi o processo mais simples, mais pratico e mais encantador, ao mesmo tempo, que encontraste para que eu fugisse de ti!

Maldito chique! que torna as cousas bellas antipathicas!

Dialogo moderno

— Então? E' certo que está zangada commigo?

— Não. Não estou zangada. Estou...

E Dorinha fez uma reticencia, deixando que Mauro adivinhasse o resto nos seus olhos pequenos.

— Diga. Que tem você?

— Estou decepcionada.

Mauro recuou dois passos, os olhos abertos, num escandalo:

— Decepcionada?

— Sim, affirmou a morena Dorinha com aquella sua graça nervosa, quasi trepidante.

E sentou-se. Mauro imitou-a. Depois, repetiu:

— Decepcionada? Por que?

— Porque você é um homem pessimo.

— E' esquisito que só agora tenha feito essa descoberta.

— Eu nada descobri. Fui avisada.

— Que quer dizer, Dorinha?

— Um seu amigo...

— Um meu amigo? Mas um meu amigo não se daria á iniquidade de fazer um reparo desfavoravel a minha pessôa, na minha ausencia.

Pausa. Mauro insiste:

— Mas, vamos, Dorinha. Que quer dizer com essa accusação?

— Já lhe disse! Um seu amigo, isto é, um seu collega de letras traçou a sua biographia.

— Litteraria?

— Não. Moral. Disse...

— Continúe.

— Disse horrores de você.

Mauro riu. Riu com alegria. [illegible]mente. Dorinha ficou perplexa. Mauro deu de hombros:

— Horrores! — repetiu. E com indifferença:

— Disse Oscar Wilde: "E' detestavel que alguém fale mal de nós. Mas ha coisa peor: é que ninguem fale de nós." De resto, ainda não vi exemplo de um homem dizer bem de outro, quando percebe que uma mulher, bonita e fina, se interessa por elle...

— Mas, eu não sou bonita nem fina.

— Você é uma coisa e outra. No emtanto, o perigo, aos olhos de meu detractor, está em que você pense nelle, para pensar em mim.

Dorinha limitou-se a sorrir. E, nesse sorriso, houve uma approvação tácita á psychologia do rapaz.

«Miss Rio Grande do Norte» (senhorita Maria da Gloria Toscano de Almeida), embaixatriz da belleza da terra potyguar, que veiu disputar, entre nós, o titulo de «Miss Brasil», conferido a «Miss Rio Grande do Sul».

Mauro commentou:

— Falar mal! Dizer horrores de um homem!

E voltando-se para a morena trepidante e nervosa:

— Mas que coisa horrivel disse de mim a você esse deselegante cavalheiro, que tão mal revela o seu amargo despeito? Vamos! Diga... Não baixe os olhos! Olhe-me de frente!

Dorinha hesitou, para em seguida prorromper:

— Disse que só uma moça muito louca poderia olhar para você.

Mauro sorriu, divertido. Dorinha proseguiu:

— Você era um seductor...

— Mas só os imbecis, os vulgares, os pobres de espirito não sabem seduzir. Esses aborrecem. Enfadam... E é só por isso que você está decepcionada?

— Não sabe que é dessa fama que vem o prestigio de um homem? As mulheres não se interessam por um cavalheiro que não tenha a sua vida embandeirada de saias...

— Mas é justamente por isso que estou decepcionada.

E num assomo de ingenuidade:

— Que você tivesse todos os defeitos, vá! Mas que alguem fira o meu amor proprio, affirmando que estou confundida com as outras, é, com effeito, uma decepção...

YVES.

OS NOSSOS POETAS

Violeta Branca é uma das mais bellas affirmações da intellectualidade amazonense de hoje. Desse encantador espirito de mulher, é que Bastos Portella, nosso querido companheiro de trabalho, recebeu uma linda carta, cheia de poesia e de belleza, sobre o seu livro *O Suave Enleio*, cuja 3ª edição, prestes a esgotar-se, vem reaffirmando o exito da obra e os meritos de seu autor.

"Lendo seus versos, Bastos Portella, tive a impressão de que foram escriptos... numa tarde de verão, em que cantavam cigarras, alegrando a melancolia de um pôr de sol."

.. ..

"Lindos versos, os seus. A gente, sem querer, fica sonhando coisas maravilhosas entre o absurdo e o original."

O fino e emotivo poeta de *O Suave Enleio* está, assim, de parabens, e nós tambem, seus collegas de Fon-Fon, que tanto e tão profundamente nos envaidecemos com o valor, sem curso forçado, do "ouro" espiritual dos que aqui trabalham.

"Miss Brasil de 1930» (Mlle. Yolanda Pereira), que, inicialmente, deteve o titulo de «Miss Rio Grande do Sul», sorri, no esplendor da sua belleza joven, ostentando a faixa de seda que estampa a designação que mereceu. Não discutimos o torneio de que a nossa patricia sahiu victoriosa. Constatamos, apenas, que ella é formosa, que representa um exemplar magnifico da raça brasileira, pelo conjuncto de graças que encerra. Os gauchos, em nome da Sociedade Sul Rio Grandense, lhe renderam uma delicada homenagem, na séde dessa agremiação, onde se viam as figuras de maior destaque da colonia sul-riograndense e da sociedade carioca. E' um flagrante dessa festa de graça e belleza que offerecemos nesta pagina.

JARDIM ABERTO

D. Jayme

GRÃOS DE BICO

No tempo da ominosa e corrupta, como exigem os republicanos historicos que se diga da monarchia, em geral o partido conservador era appellido do nas provincias — partido caranguejo. Com essa alcunha se queria deixar patente que, oppondo-se a innovações impensadas e a mudanças radicaes, os politicos que o compunham andavam para traz, como aquelle crustáceo.

Em toda a parte, plantada a mesma semente, nasce a mesma planta. No tempo de D. Isabel II, quando na Espanha se degladiavam o absolutismo de D. Carlos, o republicanismo de Prim e o constitucionalismo da rainha, a gente de opinião moderada era derisoriamente denominada pelos vermelhos de qualquer especie cangrejos.

A humanidade, por mais que queira ser dissemelhante, é a mesma sempre em todos os grãos de latitude...

* * *

Parando deante dum palacio do congresso, não me recordo mais de que capital européa, olhando as suas feias columnas poestumnimas e os seus leões de peruca, tudo de abominavel gosto, certo viajante francez não se conteve e exclamou:

— Je doute qu'on puisse faire des bonnes lois dans une architecture pareille!

Quasi diariamente, sou obrigado a passar pela Camara dos Deputados, a ver a sua banalidade architectural, os seus grupos de heróes em cuecas na fachada, a amarellidez de suas paredes, sua fachada sem majestade, suas columnas sem gosto, seus ornatos horriveis e, sobretudo, deante della o pobre Tiradentes reduzido a um camisolão de bronze... E a exclamação do tal viajante brota dos meus labios maliciosos:

— Não! Não é possivel fazer-se bôas leis dentro de semelhante monstro architectural!...

* * *

Não ha quitanda no Rio de Janeiro em que se não veja pendurada á porta uma figa de madeira e raros são os autos de praça que a não tragam perto do assento do motorista. Livram do mau olhado é a crença popular.

A mão fechada na posição de figa é um symbolo hermetico. Ella afasta as influencias maleficas. Os napolitanos usam-na de coral contra a jettatura. Os arabes crêem nella e esculpem-na á entrada de seus palacios.

De longa data vem essa tradição entre nós. Chamam alguns a essas mãos figas de Guiné. As antigas negras bahianas não o dispensavam entre seus berreguendens. E talvez fosse o contacto dos arabes que lhes tivesse transmittido a vetusta crendice.

* * *

No nosso sertão, antigamente, se acredita na chamada mula sem cabeça. E' o espectro duma mulher que teve commercio com um sacerdote e morreu em peccado mortal. Apresenta-se sob a forma duma mula de grande tamanho, desmedida e sem cabeça, que corre desordenadamente pelos caminhos, noite alem, perseguida pela cachorrada das fazendas.

A forma dessa avantesma parece provinda da peninsula iberica, pois pelas mesmas razões embora, encontramos um fantasma igual: o famoso cavallo sem cabeça que aparece nos patios desertos da Alhambra e do Generalife, de Granada, do qual nos fala o poeta Echeverria.

AUTORES

Gastão Franca Amaral é um nome que se impõe á nossa admiração e á nossa sympathia. Primeiro, pelo seu espirito, pelas suas qualidades de escriptor; depois, pelo seu cavalheirismo, pelas suas attitudes elegantes. A sua bagagem não é numerosa, mas é preciosa. Consta de varios livros que mereceram francos elogios da critica: «As Bellas Letras», «Horror á fórma humana», «A Sorte», «Dosimetria Mental», etc. A essa collecção, elle acaba de juntar uma obra util e de grande brilho literario: «Como morreram grandes homens». E' um trabalho esse que interessa pelo seu assumpto, indispensavel na bibliotheca das pessoas cultas, e pelo seu incontestavel valor.

FILIGRANAS

Os antigos costumavam algumas vezes pôr nos mostradores dos relogios dos monumentos publicos uma divisa latina: Vulnerant omnes, ultima necat. Expressivo e sinistro mote. Com effeito, todas ellas nos ferem, nos magoam, e entre ellas as felizes são tão poucas, que mal se contam; e a derradeira mata. [illegible] que um dos ponteiros indica uma, damos

Foi com um sumptuoso baile, realizado segunda-feira ultima, que o querido Fluminense Football Club commemorou a passagem do seu 27.º anniversario. Nos seus luxuosos salões reuniram-se os mais lindos sorrisos do «set» carioca e brilharam as casacas mais distinctas do nosso mundanismo. São dois aspectos dessa «soirée» elegante que a nossa pagina representa.

um passo fatal, inilludivel para essa ultima a que a phrase se refere.

Hora a hora voltamos, sem pensar quasi, para o sombrio mysterio de onde viemos e do qual nada nos ficou na memória. Hora a hora, regressamos á sombra de que viemos como insectos que descrevem um vôo parabolico em torno duma lampada: vêm da treva, brilham um momento e na treva mergulham de novo.

Baton & Rouge

Porque as mulheres se enfeitam...

Porque será que a mulher se enfeita?

Ahi está uma pergunta que, mais de uma vez, me fiz a mim proprio, sem jamais haver bem comprehendido o motivo ou o conjuncto de motivos que sempre fez da mulher um animalzinho essencialmente, berrantemente, gritantemente vaidoso e.... rempli de soi-même.

* * *

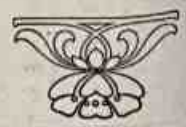
A razão principal dessa preoccupação feminina pela toillette, pelos adornos, pelas joias, pelos laçarotes, por tudo que enfeite a mulher e a torne garridamente brejeira e linda, mesmo quando, para isso, seja preciso appellar para o espaventoso, é o exclusivo desejo de attrahir, de fascinar, de agradar o homem — dirão muitos, dirá a maioria do sexo forte, simplória e ingenuamente.

Outros — os menos presumidos — dirão que o instincto do pudor é que despertou na mulher a preoccupação do enfeite, da arte de se adornar, de que a folha de parra paradiziaca foi o primeiro, gracioso "arranjo".

* * *

Ninguem, porem, como Nietzsche, que consultei sobre o melindroso assumpto, terá, a meu ver, andado mais proximo de sua verdadeira significação.

A mulher, de facto, é, instinctivamente, uma macaquinha deliciosa e encantadoramente chic. Nasceu com o bizarro dom da elegancia e da graça. Mas, nem só por isso ella se enfeita, porque, como diz aquelle notavel pensador allemão, "comparando em geral o homem com a mulher, póde se affirmar que a mulher não possuiria o talento de adornar-se se o seu instincto não a fizesse comprehender que representa ....segundas partes."

Sylvio Julio, que é, sem favor, um dos mais brilhantes e fortes polygraphos que possue o Brasil mental de hoje, acaba de lançar á publicidade mais um suggestivo volume de prosa, intitulado — «Os fundamentos da poesia brasileira». Dizer do interesse espiritual que deve despertar esse livro será ocioso, taes os assumptos que aborda, as theses que discute, sempre com a habitual elegancia de estylo, e vasta erudição que costuma imprimir ao seu escrever. Já havendo publicado magnificos estudos sobre hispano-americanismo, que lhe dão um logar de franco relevo como critico literario e polemista vibrante, vem, agora, num trabalho de mais agudeza e de feição mais geral, attestar essas qualidades, que são, por assim dizer, a caracteristica de sua mentalidade. Estuda os factores da evolução literaria; a criação e a adaptação na literatura da Grecia e de Roma; a Grecia e Roma perpetuadas nas literaturas modernas e, por fim, fazendo syntheses sobre a literatura hespanhola, italiana, franceza, allemã e ingleza, apresenta um livro de mérito, que não póde deixar de conquistar o applauso intellectual do paiz.

Aliás, essa questão de segundas partes poderá dar logar a lamentaveis equivocos, que convem prevenir. A irreverencia de Nietzsche, que nunca perdoou á mulher os seus pruridos emancipatorios, a sua pretensão de igualdade de direitos e de liberdade sexual (salvo seja), tout de même com o seu companheiro de jornada na vida, não iria nunca ao ponto de dar á expressão segundas partes um sentido pejorativo.

* * *

Apenas, e sem outros intuitos, o sarcastico philosopho teuto quiz accentuar, nesse bizarro "... segundas partes", a posição de inferioridade da mulher deante do homem.

* * *

Porque Nietzsche não admittia nem comprehendia a mulher senão através das unicas funcções biologica e social, que ella tem a representar na vida — a da maternidade e a do lar.

E, por isso, é que o pudor é sempre, para elle, o sentimento mais fino e mais caracteristico da mulher, que não foi feita nem para a literatura, nem para a sciencia, nem para as conquistas sociaes.

* * *

Assim pensando é que elle escreveu estes dois aphorismos:

"Quando uma mulher dá para a literatura é indicio de que ha algum defeito na sua sexualidade. A esterilidade predispõe a certa virilidade do gosto."

"As verdadeiras mulheres escondem sua repugnancia á sciencia, porque esta parece que as quer observar por baixo da pelle, ou, peor ainda, por debaixo do vestido."

E basta.

FRAGONARD

Buena-Dicha

— Lola Kneip

ELLA era morena, de olhos ardentes. Seu corpo, esguio e bem feito, escondia-se no exotismo de uma vestimenta [illegible]nal. Chitões berrantes, babados [illegible] baratos constituiam o seu traje bizarro. As tranças, negras e fartas, ornavam-se de medalhas de ouro e cobre e a sua bocca, quando se abria num sorriso, mostrava dentes fortes e alvos. Era uma cigana. Quem a visse, dil-a-ia uma fugitiva do elenco de uma troupe de vagabundos ambulantes.

Ella me appareceu por uma tarde de sol, calida e formosa, quando eu lia, na varanda illuminada, um romance de amor. Com todos os guizos da sua gargalhada chocalhante, com toda a malicia quente da sua alma fulgindo nos olhos, a gitana acercou-se de mim:

— Moça, quer que eu leia a "buena-dicha"?

Assustou-me, quasi, o som metallico da sua voz vibratil. Depois, com um sorriso zombeteiro, eu lhe disse:

— Não, cigana. Não acredito na tua sciencia.

Ella fez-se subitamente séria. Teve um momento quasi de angustia. Nos seus olhos, como que pa[illegible] lagrimas. E, com soluços na voz, humilde, supplicou:

— Oh! Moça, por favor... Deixa que eu lhe leia nas linhas das mãos.

Mara tem que ganhar dinheiro, porque seu filhinho está doente e o medico lhe receitou remedios tão caros...

Commoveu-me a sua dôr. E, num momento, eu lhe trouxe algum dinheiro e lh'o joguei nas mãos.

— Toma, Mara, para o teu filhinho... Não é necessario que tu me leias a sina. Vae-te, e sê feliz.

Mas a gitana não se moveu. Seus olhos tiveram um rapido scintillar e um imperceptivel estremecimento lhe percorreu o corpo. Depois, num transporte, juntando as mãos:

— Como é caridosa e bôa! Como eu gostaria que fosse feliz!

E, com a indiscreção peculiar ás mulheres da sua raça:

— Mas é ditosa, pois não é?...

Lembrei-me do drama rubro e triste que me agita a vida... Lembrei-me da dôr silenciosa que curtia, ha tanto tempo. E, num impulso irreprimivel de quem necessita de uma palavra de conforto, estive quasi a confessar-lhe tudo. Mas o meu orgulho de mulher falou mais alto. E, com um sorriso mentiroso na bocca e com lagrimas nos olhos, desolada, murmurei:

— Oh! tanto!...

A cigana sorriu tambem. Mas o seu sorriso traduzia piedade e duvida.

— Não, não creio, moça. Tem lagrimas nos olhos e treme-lhe a voz ao dizer-me que é feliz.

Quedei-me, silenciosa. Fazia-me mal a curiosidade da gitana. Estive quasi a mandal-a embora. Mas, não sei porque, não me animava a tal.

Mara tornou, a voz de novo supplice:

— Oh! deixe que eu lhe leia a "buena-dicha"! Quem sabe si eu não lhe predirei um bello futuro? Quem sabe si não lhe ensinarei o meio de ser feliz?

Vencida, afinal, pela sua insistencia e, como todos os tristes, avida por ouvir uma palavra de esperança e de consolo, abandonei-lhe a minha mão branca, que mais branca se tornou sobre a sua dextra amorenada e nervosa.

— Quer que eu lhe diga o passado, o presente ou o futuro?

Descrente da possibilidade de um milagre, murmurei, indifferente:

— Qualquer coisa, Mara... O que quizeres...

Logo a voz da cigana se elevou:

— Linha do coração perfeita... E' muito affectuosa, emotiva e sincera. Não sabe vingar-se da peor affronta que lhe façam. E' caridosa, tem pena do soffrimento e da miseria... Vejo um drama de amor na sua vida... Um drama commum, mas tão triste! Uma paixão violenta... Distancia, separação, saudades. Um grande impossivel a aprisionar-lhe os passos...

A minha mão tremeu na mão morena da cigana. Quem lhe contára o romance doloroso da minha vida? Quem lhe dissera a minha magoa e o meu desalento?... E, mais interessada, eu continuei a ouvir a prophecia da bohemia:

— O homem que ama está longe, muito longe da sua ternura... Não se lembra de você. E' ingrato... A sua imagem não lhe apparece nunca...

Numa ansia, suppliquei-lhe:

— Chega, Mara, por Deus, chega! ...

Mas a cigana não me ouvia. Mais dolorosa, mais lenta, continuou:

— O seu soffrimento é medonho. Mas é orgulhosa e, em logar de lagrimas nos olhos, o que lhe vêem são sorrisos na bocca...

Mara calou-se.

— Acabaste?... — perguntei-lhe, com ternuras na voz.

A bohemia sorriu, estranhamente, e proseguiu:

— Mas ainda vae ser muito feliz, oh! muito! Um dia terão fim todas as suas penas. Da noite infinda que é a sua vida se transformará numa aurora vermelha de risos e de alegrias. Vae ser ainda muito ditosa. Muito! E não está longe o dia em que conhecerá a felicidade...

E, enigmatica:

— Quando fôr ditosa, lembre-se de Mara, a bohemia que lhe leu ventura nas linhas das mãos...

Num impulso, a cigana levou a minha mão aos labios e, num adeus gentil, correu pela rua a fóra, fazendo chocalhar com estridulo as medalhas de oiro e cobre entremeadas nas suas tranças pretas...

* * *

Passou-se o tempo. Hoje, não sei por que estranho presentimento, eu me lembrei de Mara. Da bohemiazinha que tinha um filhinho doente e que me lera felicidade nas linhas das mãos... Nos meus ouvidos, ainda sôa a sua voz metallica e nervosa, a dizer-me:

— Ainda vae ser muito ditosa, oh! muito!...

(Conclue na pag. 66)

alto fallante

DESTINOS...

— Aquella mulher?...
— Que mulher?
— A que sorriu para ti com um sorriso tão triste, tão amargo!...
— Ah! Sim. E' uma mulher a quem amei loucamente.
— Ha muito tempo, já, não é verdade?
— Não, não! Separámo-nos ha poucos dias...
— Uma amante por quelques jours, para satisfazer, um capricho de homem...
— Não: era minha mulher, foi minha mulher apenas durante tres mezes.
— Tua mulher? Aquella moça com quem me participaste teu casamento, dizendo-me que, emfim, havias encontrado a tua felicidade na vida?
— Ella mesma...
— Estás brincando, não posso crer. Quando eu e Cleyde lêmos tua carta, lá na fazenda, no aconchego feliz do nosso lar e dos nossos corações, como ficámos satisfeitos! Falava-nos tanto da belleza, das virtudes, dos encantos de tua noiva, do grande e devotado amor que ella te dedicava e da verdadeira adoração que lhe consagravas...

Cleyde, então, não se conteve que não me dissesse num desabafo de satisfação, com uma lagrima de alegria a bailar-lhe nos grandes olhos negros e serenos:

"E tu, Pedro, não acreditavas que o amor fosse capaz de crear raízes no coração leviano e futil da gente moça dos grandes centros."

— Tua mulher, que é uma santa, uma creatura rara, na vida, tinha razão...

— Tinha razão? Ainda dizes que ella tinha razão, depois do que me contaste? Agora, francamente, não sei bem o que pensar...

— Talvez penses que estou meio maluco. Não, meu caro, estou em pleno gozo das minhas faculdades mentaes. Creio, mesmo, que nunca as tive tão lucidas como hoje, como de certos dias para cá...

— Hum... Sim... Quero crer... porque, emfim, não é bem um homem o que, nos dias que correm, venha a perder a cabeça por causa de uma mulher! Mulheres... essas mulheres!... O diabo que as leve a todas, pois não é?

— A tua, tambem, será possivel?

— A minha! Estarás doido, mesmo, homem? A minha, essa não é uma mulher, como as outras, porque é um anjo, mas, ainda assim, faz a gente soffrer...

O menino Stelio Ribeiro Cavalcanti, que tem a vivacidade e a intelligencia de todos os filhos do norte. Stelio pertence a uma das mais illustres e tradicionaes familias do Maranhão, e se acha presentemente nesta capital.

(Photo De los Rios)

— Cleyde faz-te soffrer?

— Sim. Escuta: ha tres ou quatro mezes Cleyde já não é a mesma. Mudou tanto... Anda constantemente abatida, triste, [illegible] por não sei que [illegible] futura. Enerva-se facilmente e diz-me que já não tolera a vida monotona [illegible] sim, mas feliz e tranquilla do campo. [illegible] para me aconselhar comtigo, com o amigo e o medico que já a sal[illegible] vou uma vez. Lembras-te?

— Sim, quando [illegible] em tua fazenda os dias mais felizes da minha vida...

— Realmente, desde que a pobre Cleyde, [illegible] tão, ficou a te querer como se quer a um irmão...

— A vida, o destino, tudo é fatalidade, como tudo só é estupido!...

— Roberto, parece que não te estás sentindo bem... Essa pallidez, essas mãos frias e tremulas... Soffres muito, então? Essa mulher, [illegible] quem passaste, ha pouco, apparentando a maior differença...

— Futil, sem alma, sem coração, vivendo para a sociedade e para o seu [illegible], não soube fazer-me esquecer o amor que, afinal, tem sido a [illegible] dolorosa tragedia da minha vida!

— Meu amigo, escuta: tu estás nervosissimo. Vae para casa. Espera-me lá, e repousa um pouco. Vim pedir-te conselhos e vejo que tu é que estás mais carecido delles. [illegible] jantar comtigo e, depois, conversaremos.

(Conclúe na pag. seguinte)

outro, as nossas inquietações... Preciso regressar amanhã... comtigo; já se vê!...

. . . .

"Roberto. Não te perdôo, não te perdoarei nunca o mal que me fizeste! Acreditei em ti e entreguei-me louca e criminosamente, trahindo o homem mais nobre e digno que já encontrei na vida — meu marido e teu grande e leal amigo. Se não abandonares a mulher, que não conheço, mas a quem odeio, porque me roubou o teu amor e me fez descerrar os olhos para a completa revelação da minha miseria moral, da minha baixeza, da minha humilhante situação, tudo revelarei a Pedro, para que elle vos julgue convenientemente. Destruirei, assim, e impiedosamente, a tua felicidade, da mesma maneira por que destruiste a minha — Adeus. — Cleyde."

— Sou um cobarde! Um grande cobarde!

E Roberto Silvares, riscando um phosphoro, queimou, lentamente, o sinistro documento que lhe chegara ás mãos, um dia, quando, em plena lua de mel, elle e Lucia ainda eram felizes.

Depois, elle começara a mudar, tornou-se nervoso, irritadiço, bruto, e Lucia começou, tambem, a evital-o, receiosa.

A separação tornou-se inevitavel e realizara-se, ha pouco.

Cleyde, Lucia...

Como elle soffrera, como elle soffria!

"E... Pedro — seu amigo, seu irmão, tão bom, tão leal, tão digno? Não, Pedro nunca deveria saber, nunca, nunca!..."

* * *

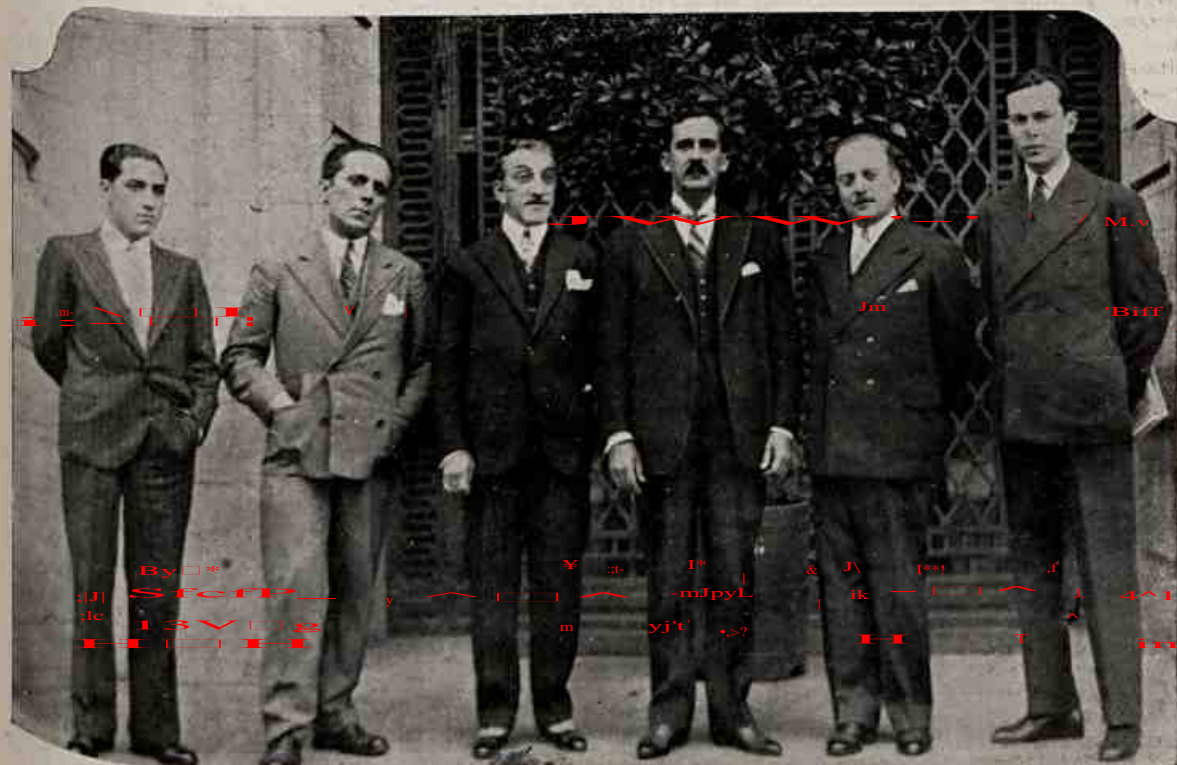
Um pequeno bilhete, no seu doloroso laconismo, veio completar o final daquella immensa tragedia intima:

— "Meu querido Pedro — Quando vieres ver-me, já não me encontrarás vivo. Suicido-me. Estou cansado da vida, deante de que sempre me conduzi como um cobarde sentimental. Lucia, minha mulher, era um anjo e foi uma pobre victima da minha morbida cobardia. Volta logo para Cleyde e continúa a ser feliz — Roberto."

MAX LINDER

OS NOSSOS POETAS

Osorio Dutra acaba de lançar á publicidade, num só volume, os seus dois poemas «Castellos de Marfim» e «Céo Tropical». Com o primeiro, Osorio Dutra obteve o premio de poesia da Academia Brasileira; e menção honrosa, com o segundo. Enfeixados, agora, num só tomo, Osorio Dutra presenteou o publico que ama as boas letras, com uma obra de arte, onde brilham todas as suas qualidades de artista, cujo estro se affirma pelo vigor da sua inspiração e belleza do seu verso.

O BRASIL NA CONFERENCIA DE GENEBRA

A delegação brasileira á Conferencia Internacional do Trabalho, que presentemente se reúne em Genebra. O chefe da delegação é o dr. Affonso Bandeira de Mello, que se vê ao centro, tendo á direita o consul do Brasil naquella cidade.

MEMORIA

MUITA gente, ao ler estas linhas, supporá, de certo, que se trata de uma *blague* literaria, destinada, tão somente, a aguçar a curiosidade (tão cansada e difficil de espantar...) dos leitores dos nossos dias. Pelo meu nome e pelos meus titulos scientificos assevero, porém, a realidade destas "memorias" destinadas a provocar uma verdadeira revolução nas noções physio-biologicas até agora admittidas como infalliveis nos circulos culturaes do mundo inteiro. Um dia, ao ler a "Vida das abelhas", de Maeterlinck, convenci-me irremediavelmente de que os animaes são dotados de meios de inter-communicação intellectual equivalentes aos que nós, homens, possuimos. Si elles não eram intelligentes, para que a Natureza lhes teria dado a voz, tanta vez mais doce e melodiosa do que a dos nossos mais afamados cantores? O rouxinol, o sabiá, o canario não seriam os artistas lyricos das especies aladas, e, por isso mesmo, mais evoluidos em intelligencia e sensibilidade? O miar do gato, o ganir do cão, o urrar dos asnos, o relinchar dos cavallos, o mugir dos bois, o esturrar dos leões não seriam, tambem, modulações diversas da grande e universal voz da Creação? Até a gallinha, com o seu cacarejar ridiculo, não estaria exprimindo uma decadencia racial, cujo ultimo capitulo se escreve no fundo ardente das nossas panellas? Eu já tinha lido que um sabio inglez, depois de longos annos de pacientes pesquizas, conseguira não só perceber as modulações tenuissimas da voz das formigas, como, até, organizar, com ellas, um vocabulario tão completo como o da lingua tupy ou do vasconço...

Foi espicaçado pelo desejo de descerrar um pouco mais o immenso mysterio do Universo, que me puz, de corpo e alma, a observar a vida dos gatos — animaes que sempre tiveram a minha absoluta e convencida estima. Sempre gostei dos seus modos aristocraticos, das suas *poses* disfarçadamente languidas, da sua deliciosa e intelligente preguiça. Que differentes que elles são, por exemplo, dos cães — esses animaes sordidos, subservientes, covardes e traiçoeiros, que tanto se parecem com os homens!

Gostava de vêl-os ronronando nas almofadas da sala de visitas, despreoccupados e serenos, com o ventre a alçar-se, a baixar-se no rythmo feliz das digestões tranquillas. O seu pêllo luzidio tinha qualquer coisa de electrizante e super-sensivel. Não tem gorduras balofas, como os cães e como os seus amigos, os homens: tudo secco, delgado, elegante e discreto...

Ora, depois de dez annos de observação e de estudos, consegui concluir o meu "*Formulario das vozes felinas*", para uso dos meus amantes e admiradores de gatos. Eu já tinha notado que os gatos miam de maneira diversa, conforme têm fome, *spleen*, desejo ou paixão. São modulações perfeitamente differenciadas como as dos nossos melhores artistas de theatro. O ponto estava em reproduzir essas vozes, interpretal-as com intelligencia e fidelidade. Foi isso o que fiz, depois de dois lustros, durante os quaes a minha modesta casa das Laranjeiras foi, póde-se dizer, um viveiro de gatos. Tinha-os de todas as especies e raças: angorás de pêllo velludoso, francezes de alma esquiva e sceptica, allemães nutridos e fortes como se bebessem cerveja ao almoço e ao jantar. Não faltava o gato esfomeado e vagabundo, apanhado na rua como uma mulher de má vida. E foi um desses gatos plebeus e humildes que me contou, um dia, a historia de sua vida.

— Comecei bem — disse o gato — a minha existencia de felino neste mundo perverso. Nasci em uma casa rica, cujo chefe era dono de varias fabricas de oleos lubrificantes. Naquelle elegante palacete da Avenida Atlantica vivia um rapazola estudante de direito e duas meninas de rara belleza physica — a Altair, muito alva, de cabellos louros, e a Almira, morena, de olhos negros e cabellos negros como a noite. A casa vivia cheia de rapazes que faziam a côrte ás meninas, na esperança de partilhar, um dia, a fortuna immensa dos Pereira [illegible]sa. E porque as meninas (sobretudo a esbelta Altair) revelassem a sua entranhada predilecção por mim, choviam elogios á minha belleza plastica, aos meus olhos profundos e phosphorescentes (*olhos de philosopho* — como dizia o magro Carvalhal, jornalista pobre e caça-dotes). As outras moças, vendo-me festejada por todo o mundo (as mulheres são sempre amigas de imitar...) punham-me no regaço e faziam-me cócegas deliciosas no pêllo. Quando havia festa, obrigavam-me a tomar *champagne* e a comer biscoitos finos, inglezes. Pessôas da mais elevada categoria social não se arreceavam de me fazer festinhas em pleno salão, deante das senhoras velhuscas, que olhavam para mim de esguelha, com mal disfarçado nojo, e até me batiam com a ponta da bota quando me apanhavam sozinho, em algum canto recuso da casa. Fui tratado a vela de libra, como um principe, em

DE UM GATO

BERILO NEVES

illustração: PAULO WERNECK

casa dos Pereira Lessa e ainda alli estaria hoje, se o meu dono não tivesse tido a desgraçada idéa de dar-me ao Ministro Rubião, o da Fazenda, homem supersticioso, que attribuia aos gatos um grande factor no bom e mão exito da vida humana... Fui entregue de mão beijada, ao ministro — e alli, no palacio da avenida Oswaldo Cruz, continuou a serie estonteante dos meus triumphos: beijos das moças, festinhas dos rapazes, bolos inglezes e *champagne* gelado... Um dia (creio que uma crise politica deitou abaixo o ministerio), tudo mudou naquella casa, a começar pelos seus donos: não havia mais festas mundanas, não appareciam rapazes elegantes nem moças bonitas. A familia Rubião entristeceu do dia para a noite e foi forçada a mudar-se, tres mezes depois, para uma casinha modesta á rua Sorocaba, em Botafogo. Começaram, para mim, as privações e os maus tratos. O ex-ministro estava mal de fortuna, segundo pude perceber mais tarde, e voltava para casa quasi sempre abatido e desolado, como um homem perseguido tenazmente pela sorte. Já não me fazia festas, já não brincava commigo ao regaço como se eu fôra uma criança pequena... Os meus antigos donos Pereira Lessa nunca mais alli appareceram, e a dona da casa — uma velhusca d. Aldonsa, a quem em outros tempos os rapazes elegantes beijavam a mão chamando-a, com emphase, *senhora ministra* — não perdia occasião de espancar-me, atirando-me livros, revistas empacotadas e até — perversão! — a tampa do assucareiro de metal! Afinal, cansado de soffrer aquella gente de ruins entranhas, resolvi fugir de casa. Esperava que algum amigo dos tempos dos Pereira Lessa e do ministro me recolhesse á sua casa: tantas eram as sympathias com que eu contava nas relações daquellas duas familias. Uma noite evadi-me do quarto dos criados, onde me recolhiam á força e onde eu sempre enjoava com o cheiro de sarro da cama da cozinheira. Andei perambulando pelas ruas como um bohemio sem pouso, perseguido por alguns vendedores de jornaes, que me davam pontapés. Um guarda nocturno atirou-me uma ponta de cigarro acesa. Comecei a correr sem atinar com uma casa onde pudesse abrigar-me da chuva que de repente desabára, com uma violencia de temporal. Foi, nesse momento, que um automovel de luxo parou junto a mim, no meio fio. Abriu-se a portinhola e lá dentro vi um casal ainda moço, todo abrigado em capas e pelles riquissimas. Conheci logo o homem — o dr. Pimenta, um dos maiores amigos do ex-ministro Rubião. "*Estou salvo*" — pensei de mim para mim, e comecei a miar de maneira capaz de enternecer um frade de pedra. A dama voltou-se como penalizada, e disse: "*Olha o gatinho na chuva!*" O dr. Pimenta olhou de soslaio, e vendo-me cheio de lama, disse, voltando o rosto, com nojo: "*Que gato immundo!*" E mandou tocar o automovel, que me apanhou, ainda, a perna direita, esmagando-a. Miei como um desesperado e ainda tive tempo de ver a dama voltar-se para ver o que tinha acontecido. Foi um momento: o rapaz abraçou-a, e o carro partiu espadanando lama para todos os lados. Desde então, descri dos homens e das mulheres das minhas relações, e ter-me-ia suicidado se o sr. não me apanha, naquella tarde, na praia do Flamengo, quando eu já me dispunha a atirar nas ondas este corpo faminto de gato sem sorte..."

Eis ahi o que me contou o gato anonymo das ruas. E, desde então, eu nunca mais quiz ouvir a confidencia dos gatos sem dono que ha na vida...

Balcão Florido

Minha amiga distante. — Sua ultima carta trouxe-me, com o conforto das suas palavras, generosas como um vinho loiro que me fizesse dançar, de alegria, o coração, a suave e consoladora certeza de que, entre a sua e a minha alma, ha affinidades muito accentuadas, o que, acredite, tambem muito me desvanece.

Não recebi a carta a que se refere, como deverá ter comprehendido através do velario de melancolia que envolveu, durante tantos dias, os rosaes, recolhidos, tomados de subita tristeza, de meu balcão em flor.

Por que?

Porque você, minha amiga, é que lhes empresta, com sua alminha de feiticeira, todo o encanto e toda a fascinação com que elles — os meus rosaes multicôres — enchem de sortilegio, de sonho, e de radiante esplendor o jardim suspenso da minha emotividade.

Agora, escute: entre, commigo, de manso, bem de mansinho, numa pittoresca e linda cabana da terra irlandeza, entretecida de vime, coberta de palha, e, ao calor de um fogo crepitante, ouçamos, attentos, a alma rustica e millenaria da velha terra, profundamente presa ás suas tradições, que foi o berço de William Butler Yeats — o grande e emotivo poeta de *The Celtic Twilights*.

A Irlanda, minha doce amiga, com sua alma celtica, romantica e sonhadora, tem algo de sua alma triste de mulher, que a garôa diffusa de sua terra veste de melancolia e de saudade.

E ouviremos, então, a lenda de Cuchulain, que, durante dois dias, se empenhou em rude combate com o mar, até que as ondas deste lhe cobriram a cabeça, afogando-o; a de Caolte, que assaltou o palacio dos deuses; a de Oisin, que procurou, em vão, a paz, por trezentos annos, no mundo das fadas, e a de todos os heroes e heroinas da immensa fantasmagoria celtica, tão suggestiva e impressionante.

Esse enorme mundo de historias de fadas, de diabos, de apparições, de luzes mysteriosas, de cães e de gatos fugidos do inferno, de sagas, de magos, de logares encantados, faz o irresistivel fascinio da alma celtica de que Yeats foi, até hoje, um dos maiores reveladores. Um dos maiores, porque a amou, porque a sentiu, porque a cantou e comprehendeu e foi [illegible].

Como poeta, foi um mystico, enamorado de todas as coisas indecisas, vagas, mysteriosas, indefinidas. E foi tambem, como dramaturgo, um dos creadores do theatro nacional irlandez.

Com elle, mais de uma vez, penetrei "no paiz das sombras, onde é tão grande a abundancia de todas as melhores coisas. Lá, ha mais amor do que sobre a terra, e, tambem, mais dança e mais thesouros."

Não sei se Yeats lhe agradará. Satisfazendo, porem, ao seu desejo de conhecer algumas de suas obras, recommendo-lhe a leitura de *The Celtic Twilights* e de suas lindas balladas, cheias de infinita nostalgia, como *Innisfree*, onde o poeta deseja voltar á sua terra, "para construir uma cabana de palha e ter paz aos meridianos luminosos e ás tardes cheias de azas de [illegible]rinhas."

Sua obra dramatica, que, talvez, não a interesse, é tambem muito curiosa, podendo indicar-lhe *Onde não ha nada* (*Where there is nothing*), *A morte de Cuchulain*, *Os velhos tempos da rainha Maeve*, *Kathleen ni Hoolihan*, *A terra que o coração deseja*, *Shadowy Waters*, e outras (como *On Baile's Strand*, *The Pot of Broth*, etc.), que não conheço.

De John Keats, o grande velho poeta inglez, conheço apenas *Tales* e *Poems*. [illegible]

Ahi fica, [illegible] mais ou menos satisfeito, o seu pedido, minha amiga distante.

E até breve.

HELIANTHO

Carmen Braga Bourguy, premio de viagem á Europa, em 1922, é uma das nossas mais bellas affirmações artisticas. Violoncelista de merito, que o nosso grande publico já tem applaudido mais de uma vez, a distincta "virtuose" apresenta-se, hoje, novamente, á sociedade carioca, com um bem organizado recital, que se realizará no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, com o concurso da eximia pianista Mariinha Braga.

(Photo De los Rios)

Cicatrizes Gloriosas

A 19 de fevereiro de 1868, a esquadra brasileira forçou a terrivel passagem de Humaitá. Uma curva do rio semeada de baterias poderosas, entre as quaes dominava a de Londres, inteiramente casamatada. Correntes de ferro atravessadas de lado a lado. Numa margem, os atoleiros e silvas do Chaco; na outra, a grossa artilharia. E um canal zigueza-gueante e pouco conhecido.

Investiram depois de meia noite contra a fortaleza os encouraçados *Barrozo*, levando atracado a bombordo o monitor *Rio Grande*, *Bahia*, levando o *Alagôas*, e *Tamandaré*, levando o *Pará*. Emquanto isso, os encouraçados *Silvado*, *Lima Barros*, *Cabral*, *Brasil* e *Colombo* bombardeavam da costa do Chaco as posições do inimigo.

A luz de fogueiras colossaes, atiadas pelos paraguaios, começou a passagem. Viam-se nitidamente os vultos negros dos navios jungidos aos pares que subiam o rio. Bombas, balas e granadas rompiam ininterruptamente os ares. Um foguete de guerra annuncia que foram transpostas as correntes, graças á cheia do rio.

Despedaçam-se os cabos que prendiam o *Alagôas* ao *Bahia* e o pequeno Monitor desce a correnteza.

Couraça do «Barrozo», mostrando as cicatrizes da passagem de Humaitá.

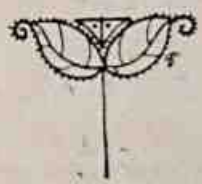
O almirante ordena-lhe que dê fundo. Mas o tenente Maurity, que o commanda, faz como si não tivesse recebido o mandado, apróa para o canal e, já dia claro, atravessa impavido o formidavel campo de tiro da fortaleza paraguaia. Uma avaria nas machinas entrega-o de novo á sanha do adversario. Mas vence esse ultimo contratempo e incorpora-se á divisão que vencera o passo. "Os vivas da esquadra cobrem o estampido dos canhões. Durára uma hora a pugna portentosa!"

Ao seguirem os navios rio acima, de repente o fogo rompe do lado do Chaco. São os doze grossos canhões do forte do Timbó que os tomam de surpresa, dia claro, com pontaria segura, causando-lhes estragos.

Antes de *Humaitá*, a mesma esquadra forçara a passagem de Curupaiti e, depois, teve de forçar a de Angostura. Em todos esses combates, as mossas e buracos nas suas couraças, produzidas pelos projectis paraguaios, demonstram os perigos que correram os navios e a bravura de que deram provas seus tripulantes. Essas cicatrizes gloriosas relembram paginas de grande heroismo.

No pateo do Museu Historico, alguns restos dos revestimentos dos nossos antigos navios dizem do que foram as lutas de que participaram. Elles attestam o valor da marinha brasileira e os altos serviços que tem prestado á nação.

G. B.

Couraça do encouraçado «Brasil», perfurada pelas balas paraguaias.

Um dialogo sobre a ternura da agua morta

A SOMBRA:

— Marujo, onde essa vela
vae branca assim a fluctuar?
Assim tão mansa e tão bella,
Como nenhuma ha no mar!

O MARUJO:

— Não sei onde ella vae dar...

A SOMBRA:

— Não vês aquella procella
Que além se esboça, que além
Se alteia; não vês aquella
Onda negra que lá vem?

O MARUJO:

— O meu destino é esperar...

A SOMBRA:

— Espera! Mas olha o mar!...

O MARUJO

a um coração que passa cantando dentro da noite fria:

— Coração, que da procella
Do Amôr lá vaes a zombar!
Cuidado, toma cautela!
Não vá o vento da vela
Da Morte te arrebatar!

JOAQUIM THOMAZ

Noite de chuva

A chuva está chorando, na noite escura e fria, o pranto rumoroso do céo. E suas lagrimas sonoras batem, melancolicamente, no crystal da minha janella fechada. Tudo tão quieto, lá fóra, sob a angustia molhada do tempo que só ouço, aqui dentro, o lento gottejar da chuva.

Penso em você, tão longe de mim nesta hora de evocação e de saudade. Penso em você, que ama o desalento e a tristeza do inverno, porque elle tem qualquer coisa do seu desalento e da sua tristeza. E evoco, desoladamente, uma noite assim, de silencio e de chuva, em que o meu coração tinha o consolo e a esperança que não tem hoje, e quando você vivia ainda na serena illusão que a minha desventura matou...

Então, você, da distancia, me mandava as mais doces promessas de felicidade. Dizia-me, na ternura e no perfume das suas cartas azues, que a vida não era tão feia como lha mostrava o seu soffrimento, e que o amor estava apenas adormecido no seu descrente coração de mulher. E deslumbrava-me com o supplicio de Tantalo da esperança. E tinha palavras immensamente piedosas para o seu pobre amigo desilludido. E consolava-me, e derramava na minha alma de scéptico a suave doçura do seu esplendente affecto. E segredava-me, epistolarmente, caricias lindas, que me faziam esquecer as minhas penas e as minhas amarguras humanas.

Hoje, está tudo tão mudado! E eu só tenho, nesta hora humida e triste, só tenho, dessa ventura ao mesmo tempo recente e longinqua, o consolo estéril da lembrança. Recordar... Ainda posso, na noite chuvosa, recordar aquella outra noite assim, com o mesmo pranto molhando a vidraça e o mesmo frio aggressivo torturando-me o corpo. Ainda posso recordar o começo de felicidade que a sua promessa desalentada e generosa offerecia ao pessimismo da minha descrença.

Uma carta perfumada, que o correio me entregára de tarde, eu relia numa noite de chuva, sentindo menos do que agora a magoa pungente da saudade. Então, eu sabia que você pensava em mim com a doce confiança de quem ama. Sabia que você ignorava a minha angustiada historia, e não conhecia ainda o doloroso impossível que hoje nos separa na fascinação e na delicia do amor...

A chuva cáe... A noite é cada vez mais fria... E a minha saudade de hoje é cada vez mais differente daquella saudade de outr'ora, daquella saudade que enchia de contentamento a minha vida, porque tinha o baptismo luminoso do seu bem-querer.

Que noite triste! Que chuva triste! Que saudade triste, meu amor!

Tudo triste como os nossos anseios partidos, como os nossos destinos afflictos, como os nossos sonhos desmoronados, como a nossa felicidade impossível... Tudo triste como eu e você — como nós dois, querida, que atravessamos a vida dentro de uma eterna noite de chuva...

Mauro de Alencar

No «stadium» do Fluminense F. C. feriu-se, domingo ultimo, mais um notavel embate interestadual, em que se defrontaram o S. Paulo F. C. e um combinado Fluminense-Vasco. O jogo desenvolvido pelas duas «équipes» em disputa movimentou, enthusiasticamente, o campo da rua Alvaro Chaves, despertando o mais vivo interesse da parte da numerosa assistencia ali reunida. Foi irreprehensivel na sua technica a actuação de ambos os quadros contendores, offerecendo a animada pugna sportiva varios lances de sensação. Nesta pagina apparecem os «teams» que se defrontaram no ultimo embate interestadual.

[illegible]ANAS

Corridas.

No deslumbramento da paizagem coberta de sol, o prado regorgitava. Cheias as altas archibancadas de cimento armado com as suas arrojadas marquises suspensas no ar. Cheias as pelucias verdes estendidas como immensos tapetes. Cavalheiros impeccaveis. Mulheres lindas. Bandeiras fluctuando ao vento. Ao longe, a fita azul escura do mar. Sobre nossas cabeças a agulha de granito do Corcovado espetando uma nuvem côr de prata.

Passavam deante das tribunas, lentamente, os animaes do pareo que ia ser corrido. Olhando-lhes a fragilidade nervosa, tremula, lembrei-me daquelle escriptor que disse que elles só têm quatro pernas e o espinhaço para o jockey montar. Ri-me. Comparados com o typo verdadeiro do cavallo de guerra, por exemplo, elles são, os de corridas, os caniches da gente equina...

Vários e interessantes flagrantes da grande peleja interestadual de domingo último, no stadium do Fluminense F. C., entre o S. Paulo F. C. e o combinado Fluminense-Vasco.

TELEPAÇÕES

NA hora em que os ultimos banhistas desertam da praia de Copacabana, é que apparece, diariamente, a linda menina cujos encantos o *maillot* realça...

Caminha, lentamente, como quem não tem vontade de chegar ao ponto onde *elle* a recebe, sempre, com um sorriso alegre, com um "bom dia" amavel.

Depois, dolentemente, a menina repousa o corpo branco sobre a areia fulva da praia, e elle recomeça uma historia interrompida na vespera.

A' medida que elle cicia, aos ouvidos da menina, palavras doces, ella mais se a p r o x i m a , e quem observa, de longe, tem a impressão de que as boccas estão colladas para a festa do amor que se annuncia...

Quando, fatigados do castigo dos raios solares, mergulham a m b o s no mar, é que está para chegar alguem que vem reclamar a ausencia da menina da casa paterna...

E isto todos os dias, deante dos nossos olhos cheios de inveja...

Que sorte tem o diabo do rapaz!

UM flirt ultra-moderno.

Elle vive com muita decencia, até mesmo com relativa largueza, porem não possúe fortuna nem póde fazer face a despesas com o custeio de automovel, vehiculo indispensavel numa cidade immensa como o Rio...

Mas, a vida moderna equipara as mulheres aos homens, para a liberdade tão reclamada pelo bello sexo.

Elle não tem automovel, mas ella tem, o que é a mesma coisa...

Por isso, elle não precisa se inquietar em promover passeios além do limite urbano da cidade.

Ella conduz com maestria o auto e vae apanhal-o á esquina de certa rua que desemboca na praia, para seguirem juntos até onde ninguem sabe...

Elle está maravilhado com os encantos da vida moderna. E não é para menos...

NÃO podemos affirmar, p o r e m suspeitamos que a vida do joven casal se transtornou, para sempre.

Ella, desde que notou o interesse da sua amiga, pelo marido, não teve mais socego.

Depois, por duas vezes, pilhou o esposo falando ao telephone com a sua amiga, e houve barulho na zona.

Mas, não tomou juizo o rapaz, precipitando os acontecimentos com um encontro em certa matriz elegante.

Madame foi avisada do encontro, não se sabe por quem, e appareceu no momento solenne...

Conduziu o marido até a casa e prohibiu a amiga de continuar as suas visitas impertinentes.

Depois desse golpe, o rapaz prometteu se corrigir, porem, ella o mantém de observação.

Temos, entretanto, palpite de que o mal não tem cura...

Vera Maria — ou Vera Maria Santos, botão de rosa do rosal curitybano: filhinha do illustre jurista dr. Gilberto Santos e exma. senhora.

MADAME está se tornando imprudente com a mania de visitar quasi diariamente o consultorio do sympathico medico.

O moço esculapio tem sérias responsabilidades e não tem geito para aventuras galantes, que quasi sempre trazem decepções amargas, quando não estragam de vez o conceito individual feito á custa de muito esforço e trabalho.

O esculapio já fez ver a *madame* que ella não tem uma doença, e esta elle, infelizmente, não póde curar... O mal não é da sua especialidade.

Madame, porém, é teimosa e insiste em subir as escadas do consultorio.

Mas, está malhando em ferro frio, porque o clinico resolveu não attender aos rogos da imprudente creatura de olhos negros, abysmaes...

O rapaz tem, realmente, muita força de vontade!

Esta pagina focaliza dois acontecimentos verificados no mesmo dia, em Nictheroy, e que movimentaram os circulos mais representativos da sociedade fluminense. O primeiro foi o baile com que o Club Central commemorou o anniversario de sua fundação, e que resultou numa festa finamente elegante, por isso que reuniu elementos de destaque no mundanismo de Nictheroy. O segundo foi a solennidade que a Academia Fluminense de Letras promoveu no Theatro Municipal, da vizinha capital, para commemorar o 13.º anniversario de sua fundação e, ao mesmo tempo, prestar uma homenagem ao principe dos poetas brasileiros, Alberto de Oliveira, que realizou uma brilhante conferencia sobre os poetas fluminenses. Os detalhes photographicos desta pagina fixam um aspecto do baile do Club Central e outro da festa da Academia Fluminense de Letras.

Sabbatina sentimental

ESCUTEM cá, meninas: sabem vocês que dia é hoje? Não sabem. Lá quanto a ser sabbado, isso é facilimo saber: 26 de julho, ultimo sabbado do mez, chá da Colombo, revista ás vitrinas, reprise aos programmas, frisa do João Caetano, bal-rose na nova séde do club...

Não. Não é isso, meninas. Hoje é sabbado, 26, vespera de N. S. Sant'Anna. Não sei porque, vocês todas cursam o Sion ou o Sacré-Coeur e esquecem tão facilmente o Flos Sanctorum.

Em assumptos de Sacra Familia e "Celeste oligarchia", vocês não passam de Jesus, Maria, José. Enthronizam na sala o Sagrado-Coração, enfeitam na penteadeira a miniatura de Therezinha, e, prompto! não sabem mais nada.

Entretanto, vocês, em casa, são tão amigas da Vóvózinha! Porque, ao passo que Mamãe ralha sempre que vocês se demoram muito no chá ou nas compras, Vóvó acha tudo explicavel e contemporiza toleravelmente o tempo antigo com os novos tempos...

Pois bem. Sant'Anna, mãe da Virgem-Maria, é, nada mais, nada menos, a Vóvózinha de Jesus-Christo.

E amanhã, 27, é o dia santo das vóvózinhas.

Fiquem, pois, sabendo:

São-João é o dia das noivas. São Pedro é o dia das viuvas. Sant'Anna é o dia das vóvós..

Chi... que reboliço! ninguem confessa que é Vóvó.

— Fogos de São João! Fogos de São Pedro! Fogos de Sant'Anna!

Hoje, não ha mais fogos. Fica tudo em balões de ensaio de casamento — balões que já levam o lastro preventivo do divorcio...

"Não te cases já, cachoupa,
"Si o teu João não te quer bem;
"Toca a esperar, ó cachoupa,
"O São-João do anno que vem..."

Lá longe, em minha pobre terra ser[illegible] ainda ha fundas reminiscencias minhotas.

Balão é "machina", saia-branca é "anagua", gallego é "maroto"... Mas, nas cantigas de São João e São Pedro, não ha cachoupas, nem [illegible]gados...

Ouça cá, Anna-Maria;
Depois que vosmicê móra
nesta nossa freguezia,
Sant'Anna, Mãe de Maria,
que móra no Céo co'a fia,
parece que preferia
morá aonde você móra...

Annas-Marias da roça... Deixem lá que o Brasil é mais dellas que nosso. E, si Sant'Anna baixar do céo á terra, a conviver com as creaturas, não ha de ser num lanternim de sky-scrapper, mas, provavelmente, numa choupana sertaneja...

Foi uma nota de grande brilho mundano na sociedade de Santos, em São Paulo, o «Baile Cigano» offerecido pelo Vesper Club, daquella cidade, e realizado sob a direcção da senhorita Maria Freitas Guimarães.

FILIGRANAS

Pretende-se brevemente commemorar em Ouro Preto o centenario da morte do Aleijadinho, esse grande artista que legou ao seu paiz algumas das mais formosas obras de sua architectura no periodo colonial. Por alguns dias, emquanto durarem as festas commemorativas, encher-se-á de animação e alegria aquella velha cidade coroada de egrejas majestosas, ornada de chafarizes magnificos, dotada de velhas pontes á sombra de cruzes de pedra, onde outróra se desenvolveu e prosperou a civ'lização brasileira do ouro, rival da do assucar em Pernambuco e Bahia. Ainda hoje os monumentos esquecidos nas suas ruas alpestres demonstram cabalmente o que foi e o que valeu em fins do seculo XVIII e começo do XIX aquella grande opulencia evanescida.

Flagrante do «Baile Cigano», do Vesper Club, de Santos.

A menina Rachel, filhinha do dr. Alfredo Balthazar da Silveira, no dia da sua primeira communhão, realizada ha dias, nesta capital.

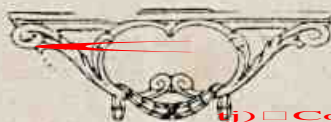
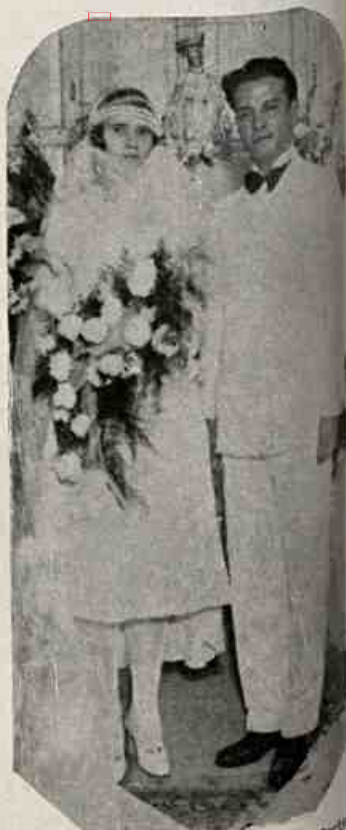
FILIGRANAS

Quando Theophile Gautier projectava sua viagem á Espanha, á Espanha "de seus sonhos, das balladas de Victor Hugo, das novellas de Merrimée e dos contos de Alfred de Musset", encontrou, num concerto de Listz, em Paris, o seu amigo Henri Heine. E este, malicioso, perguntou-lhe ao ouvido:

— *Comment ferez-vous pour parler de l'Espagne quand vous y serez allé?*

Com effeito, si nada é mais facil do que descrever um paiz que a gente nunca viu, como todos os poetas falam do oriente, por exemplo, nada mais difficil do que pintar aquelles que tenhamos visto com os nossos proprios olhos. No primeiro caso, intervem a fantasia. No segundo, domina a verdade. E a imaginação é muito mais attrahente, muito mais agradavel do que a realidade...

FILIGRANAS

Do bairro dos arranha-céus, que o povo mui justamente chama cinelandia, a paizagem urbana que se avista mostra sobre o Rio de Janeiro moderno, ainda dominador como outróra, o velho convento de Santo Antonio. E o olhar dos que amam as nossas tradições, pousando nas pedras patinadas daquella fachada veneravel, evoca o culto dos grandes pregadores religiosos que fôram a gloria do seu tempo: Monte Alverne, que ali jaz sepultado, e frei Sampaio, que ali fechou as cançadas palpebras para sempre.

No meio do bruhaha do pr[...] o convento é como um relicario de[...] gusto.

Enlace da senhorita Maria Fortes Coutinho com o dr. Eugenio C[...]lho do Nascimento.

O S. Christovão Athletico Club, commemorando o 21.º anniversario de sua fundação, offereceu, domingo passado, nos salões da Associação dos Empregados no Commercio, uma festa dançante aos seus associados. Foi uma linda reunião mundana, que encerrou brilhantemente o programma das commemorações da grande data do S. Christovão A. C., que se prolongaram durante a «Quinzena Sanchristovense».

O progresso de São Paulo focalizado pela mensagem do Dr. Heitor Penteado

O exmo. sr. dr. Heitor Teixeira Penteado, vice-presidente do Estado de São Paulo, cujo governo vem exercendo, com largo tino, na ausência do exmo. sr. dr. Júlio Prestes de Albuquerque, que se acha afastado das suas elevadas funcções, ha pouco mais de dois mezes, acaba de apresentar, ao Congresso Legislativo do Estado, a sua importante mensagem sobre a marcha dos serviços publicos naquella unidade da Federação, no exercício de 1929, e na qual focaliza os múltiplos aspectos da vida administrativa nos vários departamentos da sua actividade.

Desse notável documento publico, que constitue um indice minucioso da acção governamental, fecunda e brilhante, do exmo. sr. dr. Júlio Prestes e seu illustre substituto legal, dr. Heitor Penteado, publicamos, a seguir, a expressiva resenha que dá bem uma idéa da sua relevancia e fixa os assumptos principaes ahi explanados.

S. ex. o sr. dr. Júlio Prestes de Albuquerque, presidente de São Paulo e presidente eleito da Republica.

S. ex. o sr. dr. Heitor Teixeira Penteado, vice-presidente, em exercicio, do Estado de São Paulo.

A Secretaria da Agricultura deu grande amplitude aos seus serviços, merecendo-lhe especial carinho as principaes culturas, como a do café, do algodão, da canna de assucar; procurou incentivar a do trigo, desenvolveu a citricultura, tendo-se inaugurado os packing-houses de Limeira e de Sorocaba; cuidou da [illegible] pastoril, promovendo, com grande êxito, a exposição de animaes, realizada em Agua Branca; tratou do problema dos adubos, mediante a exploração das apatites de Ipanema; fundou os institutos-modelo de avicultura e de apicultura; auxiliou a formação de associações desses ramos, com a creação de escolas de avicultores e apicultores; reformou o Instituto Veterinário, e continuou, com êxito, a [illegible] dos limites entre este Estado e o de Minas Geraes. Todos os institutos que della dependem realizaram trabalhos com magníficos resultados.

A Secretaria da Viação e Obras Publicas proseguiu na execução do plano ferroviário, entregando ao publico [illegible] kilometros de novas vias, sem descuidar-se do [illegible] que se augmentou com mais 373 kilometros, [illegible] construcção mais 534; continuou a remodelação da Estrada de Ferro Sorocabana, tendo grande avanço a linha Mayrink a Santos, de que já foram abertos ao trafego dois trechos, e a construcção da sua estação da capital, da qual parte também foi inaugurada nos primeiros mezes do corrente anno; concluiu a montagem das novas officinas de Sorocaba, que serão as primeiras da America do Sul; adeantou, estando em vias de conclusão, as obras do Palacio da Justiça, as do Manicomio Judiciário e as do viaduto da Boa Vista; reformou o contracto da illuminação publica da capital; reforçou o supprimento da agua á sua metropole com a captação da represa de Santo Amaro, e organizou os projectos definitivos dos portos de São Vicente e São Sebastião.

A Secretaria da Justiça cuidou da installação dos tribunaes da capital, em seu Palacio, quasi concluído; fez entrar em execução a lei que reformou a Força Publica, proveu á distribuição da justiça em todo o territorio paulista. A Policia conseguiu manter inalterada a ordem, continuando a dar excellentes resultados a especialização de funcções dos seus delegados.

A Secretaria do Interior attendeu com carinho á instrucção publica, tendo o numero de alumnos matriculados nos estabelecimentos de ensino passado além de meio

O senador Candido Motta lendo, no Congresso Legislativo de São Paulo, a mensagem do dr. Heitor Penteado.

milhão, cifra até agora nunca attingida; continuou a construcção do Hospital de Santo Angelo e dos leprosarios regionaes em varios pontos do Estado; tratou da educação sanitaria do povo; e conseguiu deter, em começo, a invasão de epidemias, como a febre amarella, o typho exanthematico e a peste bubonica, ao mesmo tempo que, pelas suas adequadas providencias, fazia baixar os coefficientes de quasi todas as molestias infecciosas.

Quasi todos esses trabalhos foram difficultados pelas precipitações anormaes de chuvas, verificadas nos primeiros mezes do anno, as quaes se elevaram a indices poucas vezes registados. As aguas tornaram intransitaveis rodovias, arrancaram trilhos em varios trechos de vias ferreas, arrastaram pontes e pontilhões, inundaram bairros inteiros da capital e de varias cidades do interior, insularam muitas dellas durante dias e dias, devastaram plantações. Os damnos causados pelas enchentes foram avultadissimos, principalmente nas vias de communicação, acarretando, não só despezas consideraveis com o concerto dos segmentos destruidos ou avariados, como tambem serios prejuizos com a paralysação do trafego e com a retirada de numeroso material rodante da exploração ordinaria das estradas de ferro, para ser applicado na restauração das linhas.

FINANÇAS

O nosso Estado sentiu os effeitos do desequilibrio que se vinha registando nos mercados financeiros mundiaes e que culminou no "crack" violento verificado na Bolsa de Nova York, em outubro ultimo. Ao mesmo tempo que, em poucos dias, a fortuna americana se via diminuida de cerca de quinhentos milhões de contos, a Inglaterra lutava com a crise mais séria da sua historia, [illegible] libra abaixo de 4.86 dollares, quando o par é de [illegible] A França, a Hollanda, a Grecia, a Allemanha, não [illegible] e a Argentina atravessavam, por sua vez, crise [illegible] accentuada, sendo que este ultimo paiz viu seu [illegible] ouro descer a 21%. O Banco da Inglaterra, [illegible] depoimento de reputada autoridade na materia, [illegible] de 20 de junho a 4 de julho, nove milhões e cento [illegible] e cinco mil libras. Deante dessa situação, que, [illegible] correr os mezes, se foi aggravando, as operações [illegible] ram syncope inevitavel. Os bancos retrahiram-se, e [illegible] vando suas taxas de juros, impediram a sahida de [illegible] pitaes. Como era natural, começaram a escassear [illegible] momento, e inesperadamente, os creditos que, [illegible] o financiamento dos «stocks», regularmente feito, [illegible] o applauso dos interessados, pelo Banco do Estado, [illegible] frendo o café a influencia desses factores [illegible] Poder-se-ia, talvez, evitar choque maior se o [illegible] mencionado não viesse, como veiu, crear embaraços [illegible] moviveis e não trouxesse, como trouxe, a quéda [illegible] diata e brusca dos preços de todas as mercadorias [illegible] consumo. Cumpre, entretanto, assignalar que o café [illegible] o producto que menor depreciação soffreu, assim [illegible] é indispensavel registar que os effeitos da crise [illegible] foram menos sensiveis no Brasil, do que em outros [illegible]

Os primeiros estremecimentos occasionados pelo [illegible] abalo que sacudiu o capital americano, causaram [illegible] hensões, deixando-se os espiritos mais impre[illegible] dominar pelo panico. Pouco durou, todavia, [illegible] tuação, pois, enfrentando-a com a prudencia, [illegible] tismo, a energia e a solicitude costumeiras, [illegible] o governo, com actos acertados, restabelecer a [illegible] retomando, assim, os negocios, o seu curso normal, [illegible] Banco do Estado, com a troca de conhecimentos [illegible]

O recinto do Congresso paulista, por occasião da leitura da mensagem do presidente Heitor Penteado, a 14 do corrente.

... proprios e com os que á sua disposição foram [postos] pelo Thesouro; o Banco do Brasil, que com os seus saldos disponiveis começou a agir em outubro mesmo; os institutos nacionaes de credito, com o seu criterio e de accordo com as suas possibilidades, ampararam a lavoura, fortalecendo-a para a resistencia. A efficacia dessas medidas é attestada pelo ultimo relatorio do presidente do Banco do Brasil, quando affirma que, no periodo da crise, no commercio de café, de Santos, foram registadas apenas duas fallencias e dez concordatas.

A exportação, por sua vez, apesar da retracção dos mercados consumidores, entorpecidos pelo «crack», não soffreu decrescimo, tendo, ao contrario, augmentado, conforme demonstram os algarismos referentes ao segundo semestre dos dois ultimos annos:

	1928 Saccas	1929 Saccas
Santos	3.181.929	4.100.287
Estações e Estradas de ferro	60.847	165.849
	3.248.776	4.266.136

Os numeros acima, pois, revelam que, de julho a dezembro de 1929, mezes bem proximos da crise, a exportação foi maior de 1.017.360 saccas de café, do que no mesmo periodo do anno anterior, não attingido pelos effeitos da depressão soffrida pelos mercados financeiros.

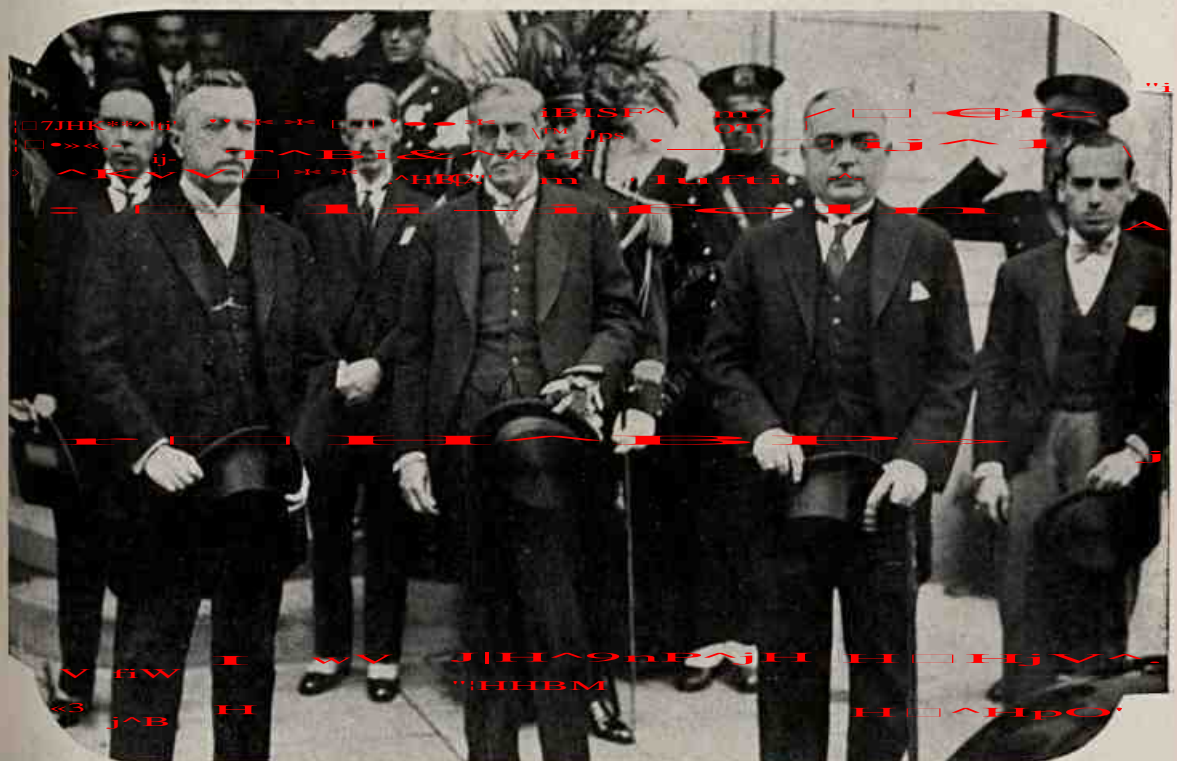
dados se encontram na parte referente á defesa desse producto. Vêm em seguida: o milho, com 277.574:080$000; o feijão, com 152.225:740$000; o arroz, em casca, com 154.145:880$000; a aguardente e o alcool, com réis 81.439:754$240; o assucar, com 66.664:620$000; as frutas, com 51.058:064$100; as batatas, com 40.511:000$000; o algodão em caroço, com 23.056:600$000; o fumo, com 9.593:760$000; além da alfafa, mamona, vinho e outros com menores valores.

Do exame dos dados acima, se conclue que os generos agricolas alcançaram um valor bem proximo de emparelhar com o do café, apesar de ter este conservado, na maior parte do anno, preços elevados.

E' uma prova do desenvolvimento crescente da polycultura em nosso Estado, por vezes accusado de só cuidar da monocultura cafeeira.

Addicionando-se a esses valores a producção dos frigorificos, que foi de 211.551:501$590, bem como a producção industrial, que ascendeu a 2.159.505:836$390, verifica-se que a producção geral do Estado attingiu o total de 1.823.051:856$480.

VIAÇÃO FERREA EM GERAL — INAUGURAÇÃO DE NOVOS TRECHOS

Foi maior que no anno precedente o numero de kilometros de novos trechos de linhas ferreas, inaugurados no territorio do Estado e entregues ao trafego publico.

O presidente Heitor Penteado, o dr. Alcides Cunha, secretario da presidencia, os drs. Salles Júnior e Fábio Barreto, respectivamente, secretarios da Fazenda e Interior, na occasião em que deixavam o palacio do Congresso Legislativo de São Paulo, após a leitura da mensagem.

Embora a situação virtualmente restabelecida, o governo, que jamais se descuidou da lavoura, não permaneceu inactivo. Proseguiu, com o devotamento de sempre, na sua acção vigilante e defensiva. Empenhado como se achava, e como se acha, em defender a producção e dar-lhe escoamento suave, sem provocar perturbações, balizou a grande operação financeira para a qual obtivera a autorização por lei de 27 de dezembro de 1929 e que o Congresso Legislativo, na sua alta sabedoria, confirmou, augmentando-a, em maio ultimo, de ... para vinte milhões esterlinos, operação, que, mais uma vez, pelo exito alcançado, veiu attestar a confiança que o Estado de São Paulo inspira aos centros monetarios do mundo.

... as consequencias depressivas do grande ... a que nos referimos linhas atraz, póde o ... solver pontualmente os seus compromissos.

PRODUCÇÃO AGRICOLA

A producção agricola mostrou-se inferior á do anno anterior. A safra do café foi pequena, como era natural em seguida ao grande volume da precedente. Menores ficaram as do algodão, alfafa e vinho. Em compensação, avultaram, entre outras, as de assucar, ... e fumo.

O total da producção agricola foi de réis ...:...$000, cabendo o primeiro logar ao café, cujos

Subiu esse numero a 138.628 kilometros, contra 104.193 em 1928.

LINHA DE MAYRINK A SANTOS

Proseguiram activamente as obras da linha de Mayrink a Santos, tendo sido grande o volume dos serviços realizados, apesar das chuvas que, até o mez de maio, difficultaram o andamento dos trabalhos.

O seu traçado acha-se dividido em 45 trechos, tendo sido empregados nelles mais de 11.000 homens e utilizados 3.140 vehiculos.

Construiram-se 7 pontes e pontilhões, 29 muros de arrimo e uma ponte provisoria de madeira, com 45 metros de vão, além de 327 obras de arte communs. Sommando-se ás acabadas em 1928, obtem-se o total de 366 obras de arte diversas, nas quaes foram empregados 73.449 metros cubicos de alvenaria de todo o genero. Iniciaram-se tambem as obras de 2 viaductos.

A importancia total dispendida attingiu a 72.987:886$671 e, addicionando a essa quantia a que foi empregada até 1928, temos o total de 92.292:800$627 representando o valor de todas as obras executadas até o fim do anno.

INSTRUCÇÃO PUBLICA — MATRICULA

A matricula verificada nos estabelecimentos de ensino official e particular foi de 553.205 alumnos, sendo 496.604 no curso primario, 1.857 no complementar, 6.664 no normal, 16.557 no profissional, 29.239 no secundario, 149 em cursos technicos especializados e 2.135 no superior, in-

O presidente Heitor Penteado ladeado pelo senador Dino Bueno, general Hastimphilo de Moura, secretários de Estado e altas personalidades da política paulista, no dia 14 do corrente.

cluindo neste numero os da Faculdade de Direito.

Estabelecendo-se o confronto entre os dados acima e os referentes ao anno lectivo anterior, verifica-se um accrescimo de 67.622 matrículas.

O numero de institutos que são mantidos pelo Estado subiu a 3.343, sendo 3.310 para o primário, 10 para o complementar, 10 para o normal, 8 para o profissional, 3 para o gymnasial e 2 para o superior.

A matricula nos de ensino primário ascendeu a 388.418 alumnos, excedente á de 1928 em 42.928. Eram do sexo masculino, 206.227, e do feminino, 182.191, distribuídos por 8.032 classes, sendo, pois, de 48,35 a matricula média por unidade escolar. O numero de promoções attingiu a 152.111 e o de alphabetizações a 69.541.

Nas escolas complementares matricularam-se 1.857 alumnos, tendo-se inscripto para os exames de sufficiencia 863 candidatos, dos quaes 614 alcançaram média para admissão; nas escolas normaes a frequencia cifra de 3.610 alumnos, 401 masculinos e 3.215 nas profissionaes, 5.237; nos gymnasios, 1.397, e colas superiores, 607. Subiu, portanto, a 401.13 tricula total nos estabelecimentos mantidos pelo superior á do anno lectivo de 1928, que foi de 354.

As escolas normaes livres, em numero de 41, quentadas por 3.048 alumnos, contra 1.503 no anno tecedente, ou seja mais do que o dobro.

As escolas particulares, em numero de 1.145, na Capital e 675 no interior, tiveram um total alumnos, 92.484 no curso primário, 27.842 no 11.320 no profissional e 962 no superior. Houve, augmento de 16.849 a mais do que no anno ante

As escolas mantidas pelas municipalidades, em de 370, tiveram 15.702 discípulos, numero superior 1928, que só attingiu a 11.430.

O coronel Joviniano Brandão, commandante geral da Força Publica, em companhia da officialidade daquella corporação, no palacio do governo, aonde foi apresentar cumprimentos ao presidente Heitor Penteado, a 14 do corrente.

arvore do Bem e do Mal

Claudio França

NOITE

EU era — como o poeta — mudo e só sobre a rocha de granito. Aos meus pés, o mar, longe, parecia coalhado na frescura da tarde e os seus lábios de espuma immobilizavam-se no seio dourado das praias.

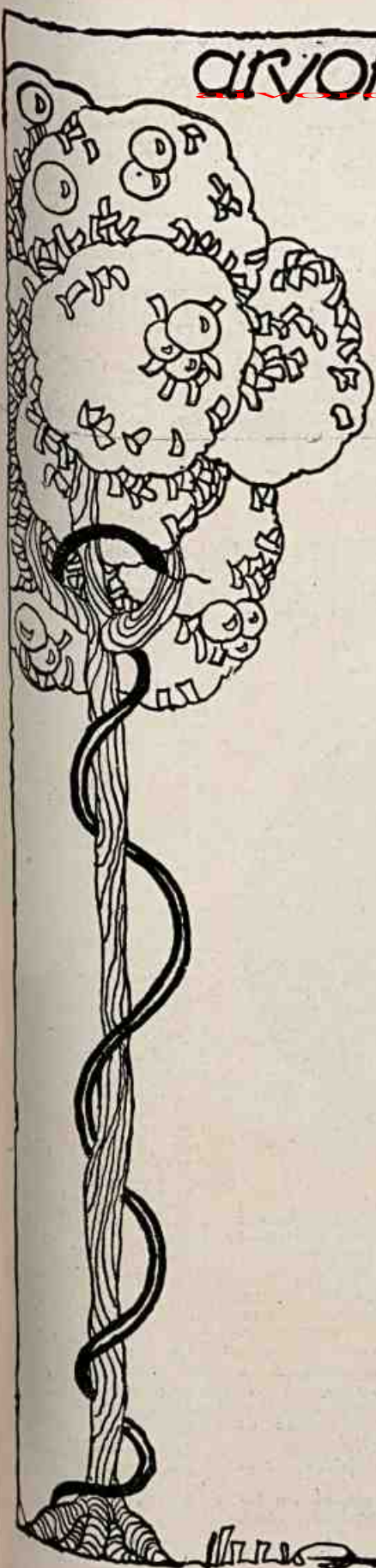
As montanhas fugiam, ondulando para o horizonte. A sombra, entre ellas, ia subindo do fundo trevoso dos valles e a luz ia se escapando do seu abraço e se refugiando nas cristas denteadas.

Um perfume subtil boiava no ar macio como uma caricia feminina. As asas do vento estavam presas na immensidade.

Um derradeiro raio de sol coroou de fogo um pico distante. Tudo o que era verde estava negro. Eu não via mais o mar. Depois, como um passaro que vôa, aquelle raio de sol desappareceu na noite victoriosa.

Alguém accendeu uma lampada na estrada e a minha sombra, projectada por essa luz vermelha e tremula foi dansar, desmesurada, gigantesca, nas paredes do abysmo que se cavava deante de mim.

No céo arroxeado, muito alto luziu uma estrella solitaria. E eu me puz a pensar na noite da minha vida que começa. Rodfa-me a crescente escuridão, no abysmo do meu ser agitam-se as sombras dos pensamentos assustados. O derradeiro raio de louro sol que me alumiava fugiu do pico distante de onde caridosamente me enviava ainda o seu calor. E, no velludo do céo que se arqueia sobre a minha cabeça, as estrellas que brilham não me trazem mais um lume de esperança.

O dia se acabou.

FAGULHAS

CARTA

ROBERTO PAULO — Juramos, sob um caramanchão florido, rodeado de jasmins e violetas, um amor eterno.

E, jurando, olhavamos a lua e as estrellas, como para tomal-as por testemunhas da nossa sinceridade.

A noite estava um pouco fria.

Dentro do meu *manteau* de pelles e velludo, eu ainda tiritava.

E, de repente, comecei a tossir, a tossir...

Uma tosse incommoda e prosaica, depois de juramentos tão sublimes.

E eu te perguntei, então:

— Si eu adoecesse, que farias?

Tu respondeste:

— Falemos de coisas bôas, querida. Do nosso amor...

Mas eu teimei na tecla que te aborrecia:

— Não. Si eu ficasse tuberculosa, por exemplo, me afastaria de ti. Porque o dever, nos espiritos superiores, é mais forte que o amor.

Silencioso, tu me abraçaste com carinho. Lembras-te.

Hoje, neste domingo nublado, venho cumprir o juramento da tarde luminosa em que sellámos o nosso pacto d'amor.

Não poderei consentir que me continues beijando.

Tenho medo...

Meu amor...

Tua noivinha vae embora. Tua noivinha, tua boneca querida...

E, porque tambem ella te quer muito, quer tambem a tua felicidade.

Porque ella tem medo de deixar, nos teus labios, o germen que a mata lentamente...

Meu amor...

Roberto Paulo, não chores. Olha!

A boneca que ninavas no teu collo, sob os crepusculos tristes, te envia as violetas que ella mesma colheu no caramanchão florido... Estão seccas...

Promette seccar assim tambem o teu amor, Roberto Paulo... Envio-te, tambem, essas violetas viçosas e frescas.

Que o teu amor, já secco, possa sorrir para ellas, Roberto Paulo...

E fica a violeta morta do meu amor, que deponho sobre a tua fronte de homem de brio. — *Guida*.

O MEU MELHOR AMIGO

O meu melhor amigo não foi aquelle que me quiz guardar da maldade do mundo.

Não foi aquelle que me desejou innocente e pura.

Que nunca me tocou, com medo de me magoar.

Que brincava commigo quando eu brincava, e chorava quando me via triste.

Que só me falava de coisas bonitas.

Que me beijava com respeito.

Que via, em mim, a esposa immaculada, ideal, ingenua.

Não foi esse homem o meu melhor amigo.

Pelo contrario.

Elle preparou a … alma para uma … na, quando essa fe… apenas, enterros … sões...

De modo que, … do encontrar … nhos, a minha … cepcionada, e … olhos chorosos...

E, de esperar … e só encontrar … a minha alma … muito...

O meu melhor … foi aquelle que … nou a viver...

Que me mostrou … serias e as maldades … manas...

Que quiz fazer … não uma esposa … e mediocre, mas, sim, … preparar essa esposa … os perdões, os … para a solidariedade … fim...

Como pode a esposa … nocente, que … os dramas que a … perdoar o marido …

Isso lhe parecerá … truoso, imperdoavel …

E, no emtanto, si … esposa tivesse … animalidade do homem … geral, conhecesse … serias de outras … anormalidades que … tem pelo mundo … esposa saberia … hender...

Foi mau amigo … mem que me apre… a sociedade tal … la é...

Cheia de coisas … lantes...

Que não existem … nha burguezia …

Foi meu amigo o … que me amou sem … crisias...

Sem temores …

Sem preconceitos …

Que soube preparar … minha alma, não … festa mentirosa, … a festa real, para … do espirito e da …

Foi meu amigo o … mem que me disse … dade...

Que preparou a … alma pura, de modo … nunca, nunca mais … venha a ter decepções…

Esse homem foi … melhor amigo.

CONCHITA C…

O sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, a bordo do «Cap Arcona», onde o commandante Rollim offereceu um almoço a s. ex. e aos srs. ministro Victor Konder e prefeito Antonio Prado Junior, que tambem se vêem na photographia.

DO MEU EXILIO...

Um papel lilaz e o perfume de uma mulher!

Uma carta que nos vem de longe, num dia glorioso de sol!

E o som de crystal de uma voz de boneca, tentando quebrar o socego da minha alma, lançando uma interrogação curiosa no meu coração de homem farto de emoções mais estranhas da vida!

Uma ...

Palavras deusas que não percebo a historia repassada de ternura e de saudade, de uma creaturinha que soffre ou que me soffreu...

Poder... viver!

A doce illusão dos sentidos...

Não pretendo, porém, banalizar este trecho de prosa emotiva, com uns restos de philosophia que trago adormecida na alma.

Hei de despedir-me do mundo, tal qual como para elle entrei...

Com uma figura feminina na menina dos meus olhos, com um perfume de mulher nas mãos que em tão ... exerceram sempre uma divina funcção de bondade!

Não duvidei, nunca.

Nem duvido da existencia de L'Exilée...

"GRITOS DO MEU SILENCIO"

Os poetas que brincavam com a fórma foram substituidos pelos malabaristas das idéas caprichosas.

Uma onda renovadora surgiu no oceano da vida!

O mundo, banalizado pela mania das coisas symetricas, iguaes, vae, aos poucos, ganhando uma belleza nova.

A belleza dos movimentos livres, da liberdade dos processos literarios, de tudo quanto fóge ao horror de uma fórma apropriada, de um modelo classico.

Por isso, os poetas podem ouvir os gritos dos longos silencios e nós podemos sentil-os cantando a Balada dos ruidos silenciosos:

Na quietude da minha sala,
nos dedos brancos adelgaçando,
visão errante, feita de opala,
quem és, que as coisas vaes despertando?
Tu és materia, não tens contorno,
és sombra e, emtanto, por toda a parte,
é o Silencio que me anda em torno
para louvar-te, para exaltar-te!

De ti que encanto, fino, trescala,
um fino aroma se evola, quando,
visão errante, feita de opala,
a alma das cousas vaes despertando!
Tudo revibra num beijo morno
e um fluido, estranho, por toda a parte,
passa... E ao passares eu ouço, em torno,
teus proprios passos a acompanhar-te!...

Para poetar, assim, é necessario ter muito talento.
E Oswaldo Santiago o tem, para deslumbrar aos que se dão ainda ao luxo de ler poesias...
Porque só quem possue talento póde conceber Vesperal, quando

Na loja de miudezas do Céo acinzentado
A Tarde compra uma "écharpe" de seda negra...

Paga com a moeda de ouro do Sol-Poente.

E a Noite — caixeirinha de olhos fundos,
de olheiras fundas que faz medo vel-as —
dá-lhe por troco
os nickeis reluzentes das Estrellas...

Esta vivacidade de idéas emprestada ao verso uma alegria nova, mui diversa da sonoridade dos carrilhões antigos, pesados, nostalgicos, somnolentos...
O poeta antigo tem o poder divino de envolver, na sua tristeza, os homens e as coisas.
O moderno, ao contrario, faz do Amor um grito de Alegria.

Na curva, que esconde a face de uma estrada,
desenhou-se o teu vulto...
E fina, e suave, e leve — como um gesto
de uma pequena mãosinha, alva, de criança —
te approximaste trazendo o vento das distancias
envolto na poeira de ouro dos teus cabellos.
Chegaste, num sorriso; tudo sorriu quando chegaste!

Assim, tambem, tudo sorri na minha sala de livros, quando leio Gritos do meu silencio, de Oswaldo Santiago.
Um sopro de vida nova faz sorrir tambem a lombada de velhos livros...
Milagre!
Milagre, sim, inexplicavel, que o sinto no silencio de uma noite clara de inverno, quando, alheio ao ruido das ruas, converso com os meus queridos amigos, os livros...
E, quando a palestra foi longa, demorada, sempre acontece que vou dormir satisfeito, e tenho lindos sonhos!...

MARION

O «General Osorio», da Hamburg-Amerika-Linie, passou por este porto, procedente de Buenos Aires e com destino á Europa. Nessa travessia trouxe o grande transatlantico allemão vários grupos de excursionistas platinos, que se manifestaram encantados com o conforto e o tratamento a bordo daquella nave mercante. As nossas gravuras focalizam quatro aspectos do "General Osorio» e dos «touristes», que conduz para o Velho Mundo. Os seus representantes são os srs. Theodor Wille & C'a., á Avenida Rio Branco, 79.

A MÃE

WILDBRAD (Fonte Brava) na Floresta Negra. Um sussurro brando de folhagem e o cantar das fontes levando para [illegible] as suas aguas crystallinas... Collinas verdes circumdando um valle, onde florescem tulipas e lirios. Um cheiro agreste de matto, no ar pleno de oxigeneo... E centenas de forasteiros que vêm buscar aqui o remedio para os seus males... o remedio para os sem remedio.

É bem uma fonte brava, essa corrente agitada que cascateia através do bosque cerrado e parece arrancar, na sua força, toda a ganancia das montanhas que a cercam...

Emquanto eu caminhava pelas alamedas sombrias do parque imperial, extasiando-me deante dos trechos mais idyllicos, que o pincel do maior dos mestres desenharia, gozando aquella frescura toda á sombra dos velhos castanheiros; emquanto na cidade um intenso calor amollecia o asphalto das ruas, o meu guia se calára.

Mas, passando deante de um banco onde havia um casal de velhos, modestamente vestidos, começou a contar:

Aquelles tambem já tiveram melhores dias... Sempre a guerra!

Ella tinha trazido para o casal duzentos mil marcos de dote (Eu pensei commigo: "Quatrocentos contos! Já é alguma cousa!"). Elle tambem não era pobre. Trabalhando, augmentára os seus bens.

Viviam felizes num linda casa, mas a sua maior felicidade era o seu filho unico.

Carlos Alberto. Um rapaz sadio, intelligente, corajoso, bom. Mas parece que o destino se arrepende, ás vezes, da ventura que elle mesmo traz. Veiu a guerra. Carlos Alberto se alistou nas fileiras.

Partiu. Viveram, para os paes, quatro annos de soffrimento. Mais que soffrimento, de ansiedade. De angustia constante. Sempre aquella duvida horrivel: Voltará?... E após esses quatro annos de martyrio, algumas horas antes de ser proclamada a paz, uma esquadrilha de aviões partira para inspeccionar as linhas de fogo.

Mas a artilharia inimiga estava de atalaia. E da bruma cinzenta que encobria todo o céo, naquelle dia de outomno daquelle fatidico 1918, um avião tomba, como um grande passaro ferido...

Nesse avião, que as armas inimigas conseguiram destruir, Carlos Alberto perdeu a vida. Aquelles vinte annos em flor, aquelle enlevo todo de seus paes, aquelle consolo de duas creaturas que para si nada mais esperavam, sinão a gloria do filho, se despedaçaram, tombaram para nunca mais se levantar. Mais uma vez o sopro fatal da desgraça inutilizára um mundo de esperanças e de sonhos.

Depois, veiu a inflação. O marco reduzido a nada. O capital que minguava de dia para dia. As ultimas joias da pobre senhora vendidas para comprar o pão...

Apesar de velho, elle conseguiu um pequeno emprego, muito mal remunerado. Ella subloca commodos, e prepara o café e passa a roupa dos moradores da casa. Assim vão vegetando. E ha milhares assim que a guerra empobreceu, inutilizou, desgraçou...

De volta, passando outra vez junto ao banco, occupado pelo velho casal, olhei-os, disfarçando a immensa piedade que me ia na alma. Reparei que elle ainda era robusto e que tinha o cabello apenas grisalho; mas parecia que um peso, certamente o peso da velhice sem conforto, lhe curvara as espaduas, emquanto duas rugas profundas nos cantos da bocca davam áquelle rosto uma expressão de soffrimento e de cansaço. A sua pobre companheira de vida e de infortunio, muito acabada, os cabellos completamente brancos, tinha os olhos baixos e parecia meditar.

Ao som dos nossos passos, levantou a cabeça encanecida e só então pude ver os seus olhos...

Eram uns olhos pardacentos cansados de chorar, dos quaes as lagrimas haviam levado todo o

(Conclúe na pag. 66).

O barão de Rothschild dava cincoenta francos por mez a cada um dos dois filhos de um antigo servidor de sua casa, já fallecido.

Um dos irmãos morreu. O sobrevivente apresentou-se em casa de seu bemfeitor. Rothschild disse-lhe:

— Aqui tens teus cincoenta francos.

— E os de meu infeliz irmão? — perguntou o outro.

— Mas, si teu irmão morreu! — respondeu o barão.

— Ah! Mas será que o senhor tem a pretenção de querer herdar a meu irmão?...

*

— Que idade tinha você, meu amigo, quando se casou?

— Não me recordo, minha amiga. Mas o que lhe posso assegurar é que não tinha ainda a idade da razão...

*

— E' estranho, Luizinha, que, sendo tu tão loira, tenhas um irmãozinho com o cabello tão negro!

— E' porque, quando nasceu meu irmãozinho, mamãe tingia o cabello...

*

Um genro dá um grande banquete de despedida em honra de sua sogra, que parte para a Europa.

A homenageada, commovida deante daquella manifestação de affecto, diz a seu filho politico:

— Não tenho palavras com que agradecer-te este banquete. Mas sinto que hajas feito por mim uma despesa tão grande.

— Em circumstancias como esta — responde o genro — o dinheiro nunca me dóe.

*

A soprano. — Reparaste como, hontem á noite, minha vóz enchia toda a sala do theatro?

A contralto. — Sim, querida. E reparei, tambem, como muita gente sahiu para dar mais logar...

A criada está falando, na porta, com um mendigo.

— Não lhe posso dar nada. Volte ás cinco horas da tarde, quando a patrôa está em casa.

— Sinto-o muito, mas não me é possivel — responde o mendigo; — minhas horas de trabalho são de oito da manhã ás quatro da tarde.

*

O juiz. — E por que não se muda o senhor para uma casa menor, que esteja de accordo com seus meios?...

O accusado. — Porque não posso pagar nem a pequena nem a grande, e nesta estou mais commodo, doutor.

*

A joven (pensativa). — Quem seria esse typo que me acompanhava?... Para admirador tinha cara de muito idiota, e para detective parecia muito intelligente...

*

A esposa. — Que devo offerecer a meu marido depois deste par de meias?...

O vendedor (rapaz de bom gosto). — Um par de polainas...

*

Um automovel que ia pela estrada Rio-São Paulo, conduzindo seu proprietario, foi de encontro a uma arvore e se espatifou. O *chauffeur* nada soffreu. Ficou ferido, mas levemente, o passageiro, que, dirigindo-se ao motorista, lhe disse:

— Corra ao logar mais proximo em busca de um medico, passe um telegramma para minha mulher, traga outro *chauffeur* e um mecanico, e considére-se, desde já, despedido! ...

*

Thomás Moro tinha sido condemnado á morte, em Londres. Na vespera de ser decapitado, apresentou-se-lhe o barbeiro, que lhe perguntou si queria fazer a barba. Thomás Moro, serenamente, respondeu-lhe:

— Como estou em litigio com o rei, e não sei ainda si minha cabeça ficará sendo propriedade delle, ou continuará pertencendo a mim depois da morte... não quero fazer melhoramentos nella...

Já... Já...

Moças: quereis sempre ter
Na face encanto sem par?
O sabonete Eucalol
Ide depressa comprar!

*

— Este jornal que estou lendo se occupa de mim.

— Que diz elle?

— Que no mez de junho viajaram nos trens da Central 2.575 [illegible] pessoas. E eu fui uma dellas...

*

O patrão. — O senhor Menezes escreve dizendo-me que você o insultou hontem.

O cobrador. — Eu vou dizer ao senhor o que succedeu.

O patrão. — Diga-me primeiro si elle pagou a conta...

*

A dona da casa. — E suas filhas tambem sabem tocar a quatro mãos, senhor Bemvindo?

O novo-rico. — Minhas filhas? Felizmente, dona Amelia, ellas não têm necessidade disso. Cada uma dellas tem seu piano.

*

— O senhor Moreira está em casa?

— Não, senhor.

— E não sabe a que hora poderá ser encontrado?

— Elle diz que estará para qualquer pessoa que o procure depois que o senhor tiver ido embora...

*

Um espectador. — Mas, por que atira pós insecticidas sobre as espadas?

O fakir. — Porque a ultima vez que me deitei sobre ellas, as pulgas não me deixaram socegado.

*

— Neguei-lhe um emprestimo no ultimo domingo e agora o senhor vem pedir-me outro!

— Sim. Mas é que eu desejava saber si não havia algum resentimento entre nós...

Notas de Arte

Oscar D'Alva

ROSITA KANITZ — Apesar de violinista muito conhecida e applaudida pela platéa carioca e, cremos, que por algumas estrangeiras, só ouvimos pela primeira vez a Srta. Rosita Kanitz no recital que realizou no I. N. M. na noite da penultima [illegible], 3ª feira, 15 de julho, onde tocou, além de 2 extra, *La Follia*, de Corelli; *Berceuse*, de Chopin — Manen; *Pièce en forme de habanera*, do [illegible] *Caprice*, de Vecsey; *Concerto*, de Goldmark; *Le Chant du rossignol*, de Sarasate; *Dansa n. 1*, de Brahms; *Rhapsodia hungara*, de [illegible] [illegible] agradavel e surprehendente audição attitudes da violinista se synchronizavam com a voz do violino.

E' possivel seja illusória a nossa observação; mas a verdade é que a fizemos e por isso a registramos. Certo não é a Srta. Rosita Kanitz uma virtuose excepcional, mas pareceu-nos ter talento e cultura sufficientes para quasi sempre agradar e commover.

E' justo registrar que, de todo o recital, o que mais impressionou foi a *Sonata* de Handel, onde alumna e professor pairaram no mesmo plano, justo motivo para gloria de ambos.

LUIZA DE LACERDA. — Quando penetrámos o salão do I. N. M., em a noite de 16, para ouvir a Srta. Luiza de Lacerda, pensavamos ir assistir a um recital de canto, onde se exhibisse mais uma das nossas damas de sociedade que cultivam a arte como simples recreio do espirito. Qual porém não foi a nossa surpresa, assistindo realmente á estréa de uma artista que se candidata talvez ás glorias da scena lyrica.

Cantoras de renome, com um grande numero de admiradores e enthusiastas, Tina Vitta e Clio de Flores, discipulas do maestro Giannetti, vão realizar, no theatro Trianon, desta capital, na noite de 31 do corrente, uma attrahente festa artistica. Tina Vitta e Clio Flores promettem deliciar o auditorio cantando, nos seus dialectos, musicas de varias regiões italianas.

[illegible] agradavel, porque nos [illegible] revelaram as suas interpretações. Já pela nitidez, segurança da technica, [illegible] vida por [illegible] memoria — tudo de cor, inclusive o Concerto — já pelas bellezas da expressão sentimental surprehendente, que lhe notamos, em [illegible] não commum, qua[illegible] que nos parecem [illegible] virtuose especialmente [illegible] o poder de exteriorizar a intelligencia musical, a comprehensão das peças que executa, de modo tal, que parece-lhes ter estudado a [illegible]. Ouvindo-a tive a impressão de que o instrumento e a instrumentista formavam um [illegible] vibratil e sonoro [illegible] as mutações physionomicas, os gestos e

occupar um lugar de destaque entre as nossas violinistas. E cremos não errar dizendo que não são muitas as que possuem a magia de exteriorizar tão bem a comprehensão musical.

MESSODI BARUEL — Abriu-se o Municipal na tarde de mercurdia, 4ª feira, 16 de julho, para o recital de violino da srta. Messodi Baruel, secundada pelo seu mestre o Prof. F. Chiaffitelli. Além de alguns *extra*, foi ouvido o programma em que figuravam: Corelli — *La Follia;* Wieniawski — 2º *Concerto;* Handel — *Sonata;* Max Bruch — *Kol Niddrei;* Fritz Kreisler — *Capricho viennense;* Falla — *Jota;* Sarasate — *Capricho basco.*

A Srta. Messodi Baruel tocou como tocam as grandes vocações: com extrema naturalidade, a que não falha o saber technico de quem allia ao talento o estudo. Pareceu-nos agradar mais na execução dos trechos mais delicados, mais sentimentaes, que nas passagens de bravura. Admiramol-a mais na *Preghiera* do *Concerto* de Wieniawski, do que no *Capricho* de Sarasate. No emtanto, possivel resulte a nossa impressão mais da differença dos generos que da diversidade da interpretação. Mas num e noutro caso, a Srta. Mesodi Baruel conseguiu

Não é que nos pareça a Srta. Luiza de Lacerda uma natureza excepcional, dotada de invulgares dotes vocaes, mas que os possue em grão bastante para adquirir justa notoriedade. Voz extensa, sem desagradavel timbre, algo aveludado, sobretudo nos sons medios, regular dicção e grande capacidade expressiva. Esta pareceu-me o que possue de mais notavel. Com toda a justiça não cessou o auditorio de applaudil-a, ouvindo-a successivamente em — Scarlatti — *O cessati di piagarmi* e *Se Florindo é fedele;* F. Durant — *Danza, danza fanciulla;*

Brahms — *O jours beaux de l'age d'or* e *O levres vermeilles*; R. Strauss — *Sérénade*; Massenet — *Demain je partirai*, da op. "Sapho"; Henri Duparc — *Lamento*; Debussy — *Les cloches*; Maurice Ravel — *La bas vers l'Eglise*; Moussorgsky *Aux champignons*; Barroso Netto — *Canção da saudade*; Lorenzo Fernandez — *Meu coração*; Villa-Lobos — *Na paz do outomno*.

De tudo que cantou, difficil é assignalar o melhor, já pela correcção musical, já pela belleza da expressão dramatica. A Srta. Luiza de Lacerda deu vida a tudo que cantou. Destacamos comtudo dous numeros: *Demain je partirai* e *Na paz do outomno*, que foi bisado.

Parece-nos não haver exaggero, dizendo que o Brasil conta mais uma cantora de bello futuro.

JOANIDIA SODRE'. — Foi duplamente sensacional o concerto symphonico realizado no Theatro Municipal na tarde de jovedia, 5ª feira, 17 do corrente, onde se ouviram a 1ª *Symphonia*, de Beethoven, *Finlandia* de Sibellius; *L'Artesienne*, de Bizet (Suite v. I) e a *Ouverture* de "Oberon", de Weber: primeiro, porque era regente uma mulher e mulher brasileira, a primeira que entre nós ia occupar semelhante posição; segundo, porque, ao contrario do que se ouvia dizer em algumas rodas, não foi desastre mas successo a regencia da maestrina Srta. Joanidia Sodré. Regeu com

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

inesperado brilho. Sentia-se-lhe o enthusiasmo pela nobre funcção. Toda ella vibrava de emoção desenhando nos gestos e attitudes, um por um, os momentos musicaes que se succediam. Senhora da orchestra, não lhe escaparam os minimos pormenores; accentuava com relevo os mil coloridos das peças; dava mais vida á vida da orchestra. Admirámol-a, sobretudo, no ultimo tempo da 1ª *Symphonia*, na *Finlandia* e na *Ouverture* de "Oberon". Os profissionaes talvez lhe possam apontar esta ou aquella falha, mas ainda assim não deixa de ter sido brilhante prova de competencia, o bello concerto symphonico dirigido pela joven maestrina brasileira.

Sem favor, Joanidia Sodré parece-nos póde figurar, como regente, ao lado do seu notavel mestre brasileiro, Francisco Braga, sem que a discipula deshonre o mestre.

TRIO BRASILEIRO. — A tarde de 6ª feira da semana passada foi assignalada por uma notavel sessão de musica de camera, realizada no Theatro Lyrico. Ouviu-se o que talvez se possa chamar o *Grande Trio Brasileiro*, constituido pela pianista Maria Amelia de Rezende Martins, violinista Paulina d'Ambrosio e violoncellista Alfredo Gomes. Foram horas de intenso gozo espiritual as que passamos delicia-

das com os *Trios* de Beethoven e Schubert, op. 97 e 99, os *Preludios* de Liadow e Scriabin, a *Chanson Georgienne* de Bach — Manen, a *Habanera* de Ravel e *Deux chants bretons*, de Jean Huré, fóra alguns extra.

Não será injusto dizer que, apesar da perfeição da mestria com que tudo foi interpretado, o que mais impressionou foram o *Trio* de Schubert e a *Chanson Georgienne*. A não ser na execução do 1º tempo do *Trio* de Beethoven, tivemos a impressão da unidade integral do conjuncto. Parecia realmente que o piano, o violino e o violoncello formavam um só instrumento.

COMPANHIA LYRICA. — Em vez de decepcionados, fomos agradavelmente surprehendidos com a Companhia Lyrica Italiana, que o empresario Viggiani ora mantem no Theatro Lyrico, e que nos deu a semana passada 5 espectaculos, sendo 3 estréas e 2 repetições, com as tres operas: *Aida* (2), *Rigoletto* (2) e *Tosca* (1).

Dados os preços das localidades, verdadeiros preços populares não é demais accentuar que, a não ser a deficiencia dos córos e da orchestra, a Companhia é um conjuncto mais ou menos homogeneo, que interpreta com relativa belleza a musica dramatica. Ouvimos com agrado os principaes interpretes das tres famosas operas italianas: os sopranos — Amelia Savetti-Villa[illegible] (*Aida*), Renata Villani (*Gilda*), e Giulia [illegible]ramelli (*Tosca*); os meios sopranos [illegible]res Fran[illegible] (*Amneris*) e Giudetta di Vincenzo (*Magdalena*); os tenores — Antonio Marques (*Radamés*), Brandisio [illegible]nucci (*Duque de Mantua*), e Mario Rojo (*Cavaradossi*); os barytonos — Corrado [illegible] (*Amonasro* e *Scarpia*), Angelo Pilotto (*Rigoletto*); o baixo Escipione? Vertis (*Ramfis*, *Sparafucile* e *Angelotti*). [illegible] delles parecem-nos dignos de especial menção: Amalia Savattieri e Renati Villani e [illegible] Tavanti. Notamol-o principalmente na [illegible] de Aida — *O patria mia*, no duetto de Aida e Amonasro — *Cieli! padre*, e na aria de Gilda — *Caro nome*.

Alguns dos trechos mais queridos foram [illegible]dosamente applaudidos [illegible] dous bisados: o duetto [illegible] *Rigoletto* — *Si vendetta* entre Gilda-Villani e Rigoletto-Pilotto, e a [illegible]bre canção da *Tosca*, *E lucevan le stelle*, cantada por Cavaradossi-Rojo.

O maestro Paolo Monaes concorreu com sua pequenina mas [illegible]nada orchestra para o bom exito dos espectaculos.

Não devem tambem ser esquecidos os scenarios e a indumentaria. Afinal, sob esse aspecto, dentro da relatividade da apreciação, deve ser [illegible]vada a Companhia.

GAROA...

(Conclusão)

brilho e toda a expressão; uns olhos que já não buscavam ver alguem ou alguma coisa, porque o que fôra a sua luz e o seu enlevo nunca mais surgiria para alegral-os com a sua presença... Uns olhos de mãe soffredora, que só por uma profunda piedade pelo companheiro ainda supportava o calvario penoso de existir sem uma esperança, siquer. Si toda a

real esperança estava naquelle filho que o eterno despotismo dos governos lhe roubára... Aquelle filho que, sendo o raio de sol para o seu coração amoroso, o deixára com o seu desapparecimento, immerso em trevas para todo o resto da sua pobre vida!...

Quando o comboio me levava para longe daquelle remanso bucolico, não sei por que senti um [illegible]to no coração.

Pensei no eterno descontentamento do mundo, com as suas guerras, [illegible] as suas invejas, as suas ambições, discordias, suggerindo [illegible].

E pensei em meu filho e senti em mim toda a dor daquella estrangeira...

COLOMBINA.

BUENA DICHA

(*Conclusão da pag. 39*)

Faz tanto tempo! Ainda não chegou a ventura que a estranha bohemia me vaticinou. E, no emtanto, ella me affirmou que não tardaria muito...

Talvez — coitadinha! — me dissesse coisas bôas e amaveis em signal de gratidão pelo dinheiro que eu lhe dera para os remedios do filhinho enfermo. E eu, que não vejo chegar nunca a ventura promettida, sinto-me, comtudo, um pouco ditosa quando penso [illegible]ra, recordando-me de que [illegible] com o dinheiro que [illegible] me fez, um pouco da felicidade que nunca possui...

Lavagem *segura* para todas as roupas finas. O Lux limpa sem necessidade de esfregar

Nos maiores centros de moda, em Paris, Londres e Nova York as senhoras só usam o Lux para a lavagem de suas lindas meias e vestidos de seda assim como da sua lingerie fina. Os tecidos delicados, em vez de serem esfregados, e torcidos, são apenas mergulhados na solução de Lux, cuja espuma se encarrega de limpal-os sem a menor fricção.

Tão facil — espuma instantanea e abundante

Lançar em uma bacia com agua quente uma quantidade sufficiente de Lux para produzir uma espuma abundante. Remexer a agua até que as escamas se dissolvam e então accrescentar agua fria para que a solução fique apenas tepida. Espremer com cuidado as roupas entre os dedos (mas nunca esfregando). Passar em agua limpa e morna ... e a lavagem está concluida.

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E... DETESTAVEL

MARSELHESA

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' PALACE — Se tomarmos em consideração o aviso que o director deste filme nos apresenta no inicio da exhibição, isto é se lhe permittirmos o attentado á verdade historica, não nos resta outra missão que a de fazer á producção da Universal os mais rasgados elogios. A nossa opinião é contraria a este processo. Tratando-se duma pellicula que retrata um periodo historico dos mais notaveis de todos os tempos, logicamente se não póde furtar a um certo caracter educativo. E', sob o seu aspecto geral, um film cultural. A nossa mocidade vae até conhecer a materialização de factos, sob um aspecto bastante errado. Mas, emfim, a empresa pediu licença para dar uns bofetões na verdade historica, e não a podemos recusar a quem a pede com tanta elegancia. Vamos, pois ao filme. O argumento, como foi desenvolvido, attinge em varios pontos o maximo de poder emotivo. E' sob este aspecto muito para louvar. A direcção, já não só na sequencia logica, mas principalmente da acção, é um trabalho de enorme relevo. A vida das grandes massas, em filme, é uma das provas do merito dum director. Este é simplesmente admiravel. Outro aspecto digno dos maiores elogios é o rigor e cuidado da indumentaria e do ambiente. Isso bastava, talvez, para pe[...] o ataque historico. A par do cuidado, colloque[...] o luxo das scenas palacianas, o cuidado da re[...] zação de typos definidos (Danton, por ex[...] plo), e a interpretação que é, sob qualquer [...] trabalhos, digna de todos os elegios. Se acc[...] contarmos ao justo elogio que fazemos desta p[...] ducção da Universal, que ella está cheia [...] interessantissimos numeros de musica, ter[...] dada a razão por que a *Marselhesa* obteve o [...] trondoso successo que toda a gente viu.

Cotação — OPTIMO

O GRANDE GABBO

DA SONO-ARTE

Cinema PALACIO — James Cruse, [...] gindo; Stroheim e Betty Compson interpretando [...] que melhor elementos seriam para desejar [...] cartaz para que um filme vencesse? Começ[...] a vêr as primeiras scenas, convencidos de [...] iamos assistir a uma producção de merito, e [...] nos enganamos. Von Stroheim é um artista [...] agrada a todas as platéas. Como director, [...] simplesmente soberbo; como interprete, a [...] maneira dura repugna por vezes, mas o que [...] deixa é de interessar. O publico póde odial-[...] que não deixa é de o admirar. *O Grande Gabbo* [...] uma obra humana, quer [...] uma obra em que o realismo [...] soffrimento nos faz estremecer [...] Stroheim é o artista da [...] real, sobretudo quando [...] vida é cruel. Por isso mesmo [...] interpretação não desappar[...] como em outras producções [...] meio do farfalhar da [...]

NOS CINEMAS DA AVENIDA (Conclusão)

sia. Entretanto, devemos acreditar que o grande successo desta pellicula se deve tambem, em grande parte, á apresentação viva, alegre, brilhantissima, que a torna um dos mais bellos espectaculos do moderno cinema synchronizado. Finalmente, sob varios aspectos, uma excellente pellicula.

Cotação — BOM

RHAPSODIA DO AMOR

Da Fox

Cinema GLORIA — Incontestavelmente, no filme falado, o movietone representa uma realização perfeita. E dentro della, a que saiu dos *ateliers* da Fox, é, sem sombra de duvida, a melhor, pelo menos das que têm surgido entre nós. Esta pellicula, tão accentuadamente local, isto é, tão profundamente norte-americana, veiu confirmar a nossa opinião a este respeito. Dahi o agrado que despertou no publico. O enredo é duma grande sentimentalidade. Faz vibrar. A interpretação tem os seus altos e baixos. Lois Moran cada vez demonstra mais ir definindo a sua personalidade. O filme desperta momentos de grandes ansiedades. Direcção e technica boas

Cotação — BOM

O PAREO DE HONRA

Da Tiffany-Stahl (Programma Serrador)

Cinema ODEON — Bello filme, como filme. Queremos dizer, bello filme como expressão do valor da setima arte. As novidades do synchronismo não accrescentam absolutamente nada ao valor do trabalho, pois todo elle assenta no lindissimo enredo de perfeita sequencia, na direcção e na technica, e principalmente na interpretação. Ricardo Cortez, William Collier, e esses formosos olhos de Alma Bennett, dois pharoes que illuminam a tela. O publico que gosta com paixão do cinema não deve perder este filme.

Cotação — BOM

Espirito Alheio

Um garoto ao outro: — Deixemol-os viver nessa innocente crença!

— O sr. perdôe, patrão; mas, ha um ladrão na bi-bi-bliotheca.

— Na bi-bi-bliotheca?... E que... que... que estará elle le...e...endo?

— De modo que te vaes divorciar!...

— Sim; e, a unica coisa que lamento é que, devido a uma desgraça occorrida com a familia de meu esposo, tenhamos de effectuar nosso divorcio na maior intimidade.

— Senhor; o menino engoliu uma moeda de quinhentos reis. Chamo o medico?

— De maneira nenhuma, pois, para nos restituir os quinhentos reis, nos cobrará elle cincoenta mil reis.

O professor (distrahido como todos os professores):
— Pois, sim senhor! — Por mais que procure, não consigo lembrar-me para que diabo me metti eu aqui dentro.

UM MARIDO RESIGNADO

Ella. — Golf... Golf!... Parece que nada mais te preoccupa... Agora mesmo vou para casa de minha mãe.

Elle. — Bem; emquanto arrumas as malas, vou jogar uma partidinha...

A dama de sociedade . . .
necessita MODESS

Ha compromissos sociaes inevitaveis até mesmo nos dias de indisposição. Que tranquillidade poder contar com Modess, a toalha sanitaria moderna! Modess é um novo producto de um conhecido e reputado fabricante: Johnson & Johnson. Os seus chimicos descobriram a substancia que se usa no chumaço. É muito mais absorvente que a de qualquer outra toalha e, no entanto, dissolve-se inteiramente na agua sem ser preciso cortal-a. O enchimento é collocado na forma de flocos suaves e leves que se ajustam melhor ao corpo e offerecem uma commodidade até agora desconhecida. A gaza é acolchoada por um processo patenteado que a suaviza. Um dos lados é impermeavel para proporcionar melhor protecção. Isto evita dissabores e resguarda os vestidos de fazendas mais leves e delicadas. Experimente um pacote de Modess e convença-se de suas innumeraveis vantagens. Todas as boas pharmacias, drogarias e lojas de roupa vendem Modess.

São toalhas sanitarias de insuperavel qualidade.

MODESS

A TOALHA SANITARIA MODERNA

Um producto de Johnson & Johnson, a firma de confiança.

Creanças sadias, fortes, alegres

Não é a comida que torna as creanças sadias e robustas. É o que ellas digérem. É por isso que ha mais de meio século se reconhece a Maizena Duryea como o alimento insuperavel para as creancinhas.

Temos um exemplar para V. S. do excellente livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea. Se o quizér, tenha a bondade de mandar-nos o seu nome e endereço. Peça-o Senhora.

[illegible] & Cia.
Caixa Postal, 2933
Rio de Janeiro

GRATIS

MAIZENA DURYEA

Adelgaçar
é um gôsto com as
"Pilules Galton"

Um "Emmagrecedor" perfeito hoje em dia está ao seu alcance. A sua acção melhora a digestão sem perjudicar a saúde.

Chama-se: "Pilules Galton".

Papada, bocheda, quadris, barriga, mingoam bem depressa. Rejuvenesce o organismo.

A Sra C., de Perpinhão, escreveu-nos:

« Com um só frasco de "Pilules Galton" perdi nove centimetros de cintura; além d'isso, minha barriga, que era enorme, diminuiu como por encanto »

O Snr. E. B., de Montbard

« Tenho emmagrecido tres kilos dentro de 17 dias com as "Pilules Galton". Depois tenho obtido resultados muito notaveis, sem abandonar o meu trabalho e sem ser incommodado de fôrma alguma. »

Assim, pois, quem quizer emmagrecer não deve hesitar: ha de tomar **"Pilules Galton"**; o uso de um frasco bastará para convencêl-o do resultado deveras assombroso. (Composição exclusivamente vegetal.)

Appr. D.N.S.P. em 26-6 1917 sob o N° 88

J. RATIÉ, Ph^en, 45, Rue de l'Echiquier, Paris-X°

Agente Geral: A. de COURNAND

118, Rua da Alfandega, Rio de Janeiro.

A venda em todas as pharmacias e drogarias.

O dia de uma joven japoneza

MITSU SHIMO JANA

TOMI-KO levanta-se todos os dias ás seis horas. No inverno ficaria voluntariamente um pouco mais, sobretudo quando, entreabrindo os shojis — especie de janellas cujas folhas são cobertas por papeis floreados — vê que o jardim ostenta uma decoração branca de neve. Mas exactamente á mesma hora, sua mãe tambem se levanta e Tomi-Ko não póde deixal-a só com os criados; pois é seu dever allivial-a nas tarefas ingratas do lar.

* * *

Hoje estamos em plena primavéra. E si o jardim está branco, é porque as flôres dos cercados perdem suas pétalas. Ao abrir os *amados* — postigos —, um sorriso sincero illumina-lhe o rosto, emquanto a radiante manhã.

Tomi-Ko está envolta em um vestido de noite, o *némaki*. No Japão não existe uma peça especial para dormir. O *némaki* é um vestido velho, que não serve mais para o dia, pois suas côres são muito vistosas. A' medida que uma japoneza avança em idade, usa kimonos escuros. Dali a razão por que Tomi-Ko abandona hoje os generos brancos e coloridos que vestiam ha dois annos, quando era ainda uma menina. Sobre o *némaki* a joven colloca um haori, agasalho leve, pois ainda faz frio. Cuidadosamente dobra seus *futons*, colchões delgados que servem de cama, para escondêl-os depois em um armario. O aposento em breve se apresenta vazio, limpo e arejado. Tomi-Ko póde ir agora tomar seu banho. Ella tem o cuidado de lavar bem o pescoço e tirar o creme que tanto a embranqueceu hontem. Aqui se impõe a seguinte observação: As mulheres da cidade, como Tokio, por exemplo, — não usam pó nem embranquecem o rosto, mas apenas o pescoço, e este apparece leitoso sob o tradicional kimono, que as torna differentes das camponezas, que branqueiam somente o rosto, esquecendo-se do pescoço, razão por que as filhas da cidade sentem por ellas certo desdem.

* * *

Voltemos a Tomi-Ko. Ella está molhando cuidadosamente seu complicado penteado, que no somno nocturno se desalinhou um pouco, apenas um pouquinho. Com uma paciencia peculiar á sua raça, ella arranja artisticamente seus negros cabellos, deixando-os ao cabo de um momento tão brilhantes e impeccaveis como ha tres dias, quando sahiu da casa da penteadora. Depois se pinta, escurece as sobrancelhas, amarrando muito alto um largo cinto, obi, sem o qual não se poderá apresentar-se decentemente vestida.

Tomi-Ko é uma joven linda, embora delgada. Quando já se acha prompta, vae levar a seu pae, que ainda repousa, os jornaes matutinos. Ajoelha-se diante de seu progenitor e, inclinando respeitosamente a cabeça, diz:

— Bom dia, meu pae!

O pae responde, em geral, resmungando, e em seguida a joven se dirige para junto da mãe, que já está levantada, e deante della se inclina com o mesmo cerimonial. De repente, uma voz chama:

— Tomi! Tomi!

E' seu irmão mais velho.

— *Nanif* (Que queres?) — responde Tomi.

Depois de cumprimentar a seu irmão da mesma fórma como o fez em relação a seus paes, ella censura sua preguiça:

— Ainda na cama, nisan (irmão mais velho)! Não tens vergonha?!

— Tomi, já que és uma bôa moça, vaes buscar-me um cigarro, e eu te prometto que me levantarei immediatamente depois de o ter fumado.

Tomi entrega-lhe o cigarro.

Agora a joven se dirige para o boutsudan — uma especie de pequeno altar familiar. — Ali queima umas varinhas de incenso e offerece ás almas de seus antepassados agua e arroz para que se alimentem durante o dia.

Em seguida toma sua primeira refeição, juntamente com sua mãe, mas não prova nada antes de cumprimentar pela segunda vez seu pae:

— Perdôe-me tomar algo antes do senhor!

Em uma caixa minuscula de laca colorida colloca seus tsumes — laminas de marfim que servem para tocar o Koto — harpa horizontal que geralmente estudam as meninas da burguezia.

— Mamãe — diz Tomi-Ko — a senhora me permitte que eu vá á minha aula de Koto?

A joven sáe. As moças japonezas têm o costume de sahir sozinhas desde a idade em que começaram a ir ao collegio.

* * *

Uma hora depois, ella regressa. De novo, ao ver seu pae, se inclina. Em seguida prepara o *bento* que seus irmãos hão de comer.

Que é o *bento*? Uma caixa de madeira ou de lata que se enche de arroz, e sobre o arroz se dispõem com gosto alguns legumes ou então pedaços de peixe cozido ao *shoyou* — salsa escura e salada, que constitue a base de toda cozinha legitimamente japoneza. O *bento* representa um almoço ou jantar.

— Nisan, eis aqui teu *bento*.

— Obrigado.

— Mamãe, eu vou á aula de costura. Não tem nada a pedir-me?

— Não. Póde ir.

A passos curtos, Tomi-Ko caminha pelo dedalo das ruas de Tokio, meio menina, meio mulher, a cabeça sem pensamentos profundos, o coração sem emoção alguma. A unica cousa que a preoccupa é esta: si o pé daquella joven que passa por ella não está mais alto do que o seu; e, como ella tem um guarda-chuva japonez de papel azeitoso, lança um olhar de inveja á vitrine que ostenta lindos guardas-chuva europeus de sêda riquissima, que, abertos, adquirem a fórma de uma capa volteada.

* * *

Tomi chega á casa de seu professor.

— Bom dia! — exclama, cumprimentando-o.

Ha já dez alumnas como ella sentadas, ou melhor, ajoelhadas, em circulo, sobre uns *tatamis* — especie de esteira trançada com palhas de arroz. — Algumas dessas alumnas são ainda meninas, pois a quéda de uma folha sobre seu immaculado kimono provoca nellas uma irresistivel gargalhada. Outras são já mulheres; um pesar marcou sua fronte com rugas imperceptiveis. Aqui, como em toda parte: Deus os cria e elles se juntam. Em um grupo, as mais loucas murmuram sem cessar. Em breve já não podem abafar seus risos. O mestre se vê na necessidade de lançar-lhes um olhar severo. E immediatamente se restabelece o silencio de antes.

— Você foi ver as cerejas?

— Sim. Hontem.

— Que tal o espectaculo?

— Soberbo. Pena é que houvesse muita gente e pó.

— Eu fui, hontem, ao theatro Hougo — ajunta uma voz pertencente a outro grupo.

— Que sorte! A quem viu você?

— Vi Ka Sau. E' um homem realmente formoso.

— Não digo o contrario. Mas prefiro Sadao Sau. E' mais alto e menos effeminado.

O DIA DE UMA JOVEN JAPONEZA

(Continuação)

Ao bater as deze horas, todas desamarram um elegante embrulho que contém o *bento*. Em seguida retiram de dentro de uma funda de sêda umas varinhas de madeira branca, e começam a comer com uma graça, uma destreza e uma delicadeza taes, que nem seu kimono nem o *tamain* da casa recebem a mancha de um só grão de arroz. O pão nunca figura nas refeições japonezas. O almoço, como se comprehenderá, não dura muito tempo. Mas, antes do primeiro bocado, cada joven tem que dizer á sua companheira:

— Tenha a bondade de desculpar-me.

Ás quatro horas, o trabalho terminou. Os kimonos, *obis* e *hauris* que não puderam ser concluidos são cuidadosamente guardados em uns armarios.

As cabeças inclinam-se com respeito deante do professor. Os pequenos pés calçam de novo os *ghetas* que ellas depositaram no humbral da porta, antes de entrar. E esse precioso enxame de jovens se dispersa na rua. Cada uma toma o caminho de regresso ao respectivo lar, indifferente e pueril — pelo menos apparentemente.

* * *

Tomi-Ko se apressa para não chegar tarde, pois em sua casa costumam jantar ás cinco horas, e é necessario que ella ajude sua mãe a preparar a comida.

— Mamãe, volto immediatamente. Talvez me tenha atrazado um pouco. Perdôe-me.

— Não, Tomi: você chegou a tempo.

(Uma mãe japoneza quasi nunca ralha com seus filhos. Tambem o pae nunca o trata por você, e tão pouco os irmãos mais velhos aos mais moços.)

Então, a joven japoneza, cujos dedos finos acabam de acariciar tecidos de sêda, começa a preparar alguns legumes. Terminado esse trabalho, dispõe sobre a bandeja de laca umas pequenas bolas que receberão o limpido caldo de pescado.

— Papae, digne-se vir jantar. Nisau, a comida está prompta.

Tomi traz um garrafão de porcelana branca, que lhe esquenta os dedos. Contém a tradicional bebida *saké*, feita á base de alcool de arroz. Geralmente o unico que bebe é o pae. Breve fica vermelho e se põe a dizer algumas pilherias. E' o momento em que se communica espiritualmente com os seus. Dá ao filho sérios conselhos, emquanto lhe verte [illegible] só taça de *saké*. Depois de ter falado muito, começa a bocejar.

* * *

A mãe faz um signal a Tomi para que se levante e leve as bandejas á cozinha, e depois, sem que ninguem a ajude, põe tudo em ordem no aposento, e cada cousa volta a occupar seu logar.

Segundos mais tarde, Tomi sae com seu pae e irmão. Aonde irão? Ao grande *boulevard* de Ginza, repleto de formosos e deslumbrantes mostruarios, onde os escriptorios da F. S. H. annunciam as ultimas novidades do mundo inteiro? Ou então ao bairro populoso de Asakusa, campo permanente de feiras, pequenos biographos, theatros e varias diversões? A noite é muito esplendida e, além disso, ha um claro de lua que offerece um espectaculo soberbo. Um claro de lua justamente no momento em que as cerejeiras estão floridas! Quem teve a dita de contemplál-o assegurará que não ha nada mais maravilhoso!

O pae e seus filhos resolvem tomar o bonde, que ha de conduzil-os até o parque Neno. Meia hora depois, se acham sentados sob as grandes arvores brancas. Uma paz mysteriosa os rodeia. Gozam em silencio de tudo o que lhes offerece aquelle [illegible] de suprema e incomparavel belleza natural.

...lho do vento faz choverem as pétalas e o ouvido mais fino apenas póde escutar o rumor da quéda. Serão pétalas de flores ou gottas de luar?!.

* * *

...linda musmé de cabellos brilhantes, de dezesete annos floridos como as cerejeiras, diga-me: em quem está pensando? Acho-a mais grave que de costume. Talvez você sinta confusamente — no fundo de sua alma — um sentimento que expresse que ha no mundo algo mais forte e mais doce do que seu carinho para com seus paes e irmão: o nascimento do verdadeiro amor!

Os mortos não contam

De Arthur Schnitzler

(Continuação)

Sim, isso era o principal. Ella se destruiria sem proveito algum.

Agora estava debaixo da ponte. Adeante — adeante. Alli estava a columna Tegethoff, onde innumeras ruas corriam uma para a outra. Naquella noite chuvosa e rude de outomno, pouca gente estava fora; entretanto, parecia-lhe que toda a vida da cidade lhe pulsava em torno, num turbilhão enorme, comparado com o medonho silencio que ella tinha deixado. Havia muito tempo. Sabia que o marido estaria em casa mais ou menos pelas dez horas. Assim, poderia mudar a roupa antes que elle chegasse. Veiu-lhe, pela primeira vez, a idéa de examinar a roupa. Viu, com com horror, que estava toda suja de lama. Que explicação daria á empregada? Brilhou-lhe, então, no espirito, o pensamento de que os jornaes do dia seguinte dariam o relato do accidente. Uma mulher que estava no carro e que depois desapparecera, seria certamente mencionada; e esta reflexão renovou-lhe o terror. Si se descuidasse, si deixasse escapar alguma palavra, toda a sua tactica covarde desmoronaria. Mas, que importava? Tinha comsigo a chave do trinco. Não devia esmorecer, e sim chegar em casa o mais depressa possivel.

Entrou num carro, e já ia dando o endereço, quando pensou coisa melhor, e disse o nome de uma rua, o primeiro que lhe veiu á cabeça. Rodando pelo Prater, procurava colligir os pensamentos, mas só podia concentrar o espirito, que era se ver a salvo em casa. Tudo o mais lhe era indifferente. No momento em que resolvera deixar o morto só, na estrada, tudo dentro de si, que exigia pranto e lamento, tinha sido reprimido. Tudo quanto não lhe interessasse estava agora morto. Não queria dizer que fosse sem coração — oh, não. Estava perfeitamente certa de que, dias antes, teria soffrido agonias de desespero e talvez morrido de desgosto; mas, naquelle momento, sua alma estava absorvida pelo desejo de se apanhar em casa de novo, calma e de olhos enxutos, sentada no mesmo quarto com o marido e o filho. Olhou pela janella; o carro levava-a para a mais bella parte da cidade, onde havia mais luz e mais gente. Agora os successos que lhe tinham acontecido durante aquella hora lhe pareciam impossiveis de se ter realizado. Appareciam-lhe como um sonho hediondo, irreal, intangivel. Desceu do carro numa ruela proxima ao Ring Theatro e tomou outro, dando, desta vez, o proprio endereço. Sua exhaustão mental tinha attingido a um ponto que se sentia incapaz dum pensamento ordenado. "Onde estará elle agora?" E ficou abysmada. Fechou os olhos e viu-o numa maca da ambulancia; e, então, no mesmo momento, se viu a si mesma ao lado delle, no carro com elle, a correr, e o carro virando, e sentiu o pavor de ser arremessada, como si tivesse sido ella... Soltou um grito.

O carro parou deante da entrada de sua casa. Ella despediu-o rapida e voou com passos silenciosos, passando pelo compartimento da porteira. Subiu a escada, abriu furtivamente a porta, de medo a não ser ouvida, e ganhou o quarto. Hurrah! Vencera! Estava salva! Accendeu a luz, tirou a roupa e escondeu-a no guarda-vestidos. No dia seguinte, ella mesma havia de a escovar e limpar. Depois, lavou as mãos e o rosto e vestiu um traje de noite.

Nesse momento, ouviu-se uma campainha. Percebeu a copeira ir abrir a porta, e então a voz do marido e o ruido da bengala cahindo no cabide. Sentiu a necessidade de exercer um grande dominio sobre si mesma, pois do contrario tudo teria sido inutil. Entrou na sala de jantar ao mesmo tempo que o marido.

"Já veiu?" — perguntou elle.

—"Naturalmente — respondeu ella — ha muito tempo."

"Não parece que alguem te tenha feito entrar."

Ella sorriu, sem ter forças sobre si mesma, ainda que se cansasse em ter que sorrir. Elle beijou-a na testa. O pequeno já estava sentado na mesa, e, como já esperasse de ha muito, cahira adormecido. Seu caderno jazia aberto sobre o prato, emquanto a cabeça se apoiava no livro. Ella sentou-se defronte delle, com o marido do lado opposto. Elle olhou para um jornal. Então sentou-se e falou:

"A reunião não se realisou. [illegible] estão em inqueritos."

"Que?" — perguntou ella.

Elle começou a falar-lhe a respeito da reunião, com grande minucia e muito prolixo. Emma forçava-se por ouvir e de quando em quando balançava a cabeça.

Mas, na verdade, nada ouvia e nada percebia do que o marido estava falando, sentindo apenas a alegria de ter escapado, de modo [illegible] grosso, de um tão terrivel perigo. Só tinha consciencia duma grande sensação de allivio... Estava salva! estava em casa! E emquanto o marido discorria, ella approximou a cadeira para junto do filho, e apertava-lhe a cabeça de encontro ao peito. Uma ineffavel fadiga penetrou-a... Não podendo repelil-a, fechou os olhos.

De subito, uma tremenda possibilidade, em que não tinha pensado desde que sahira do fosso, invadiu-a. Supponhamos que elle não estivesse, de facto, morto. [illegible] mas não podia haver a menor duvida. Aquelles olhos [illegible] bocca, através da qual não passava nem um sopro! Entretanto, havia os chamados ataques, em casos que desenganavam até os proprios peritos, e ella não era perita. Si elle estivesse vivo; si elle tivesse recobrado os sentidos e a tivesse achado só e abandonado na escuridão da estrada, e si a tivesse chamado pelo nome... e percebido então que ella estava [illegible] não ter respondido, e dito [illegible] dicos: "A mulher que estava commigo deve ter sido arremessada mais longe, e... e..." "Ah! [illegible] então? Elles a procurariam, o cocheiro voltaria com [illegible] herdade de Franz Joseph; [illegible] taria... "A senhora estava [illegible] quando eu sahi..." [illegible] mspeltaria, comprehenderia [illegible] conhecia-a tão bem... Havia [illegible] cobrir que ella tinha fugido, deixando-o no fosso, e havia [illegible] encher de colera furiosa e [illegible] dissesse seu nome, com [illegible] de vingar-se... E a sua ira, [illegible] sido deixado ali sozinho, seria tão grande, que não teria [illegible] em declarar: "Era Emma, minha amante... que agiu com[illegible]

varde e leviana ao mesmo tempo, porque não vêem que os senhores mesmos não insistiriam, por discreção, em saber o seu nome, si assim fossem recommendados? Os senhores deixal-a-iam ir em calma, e eu a deixaria ir, tambem. Apenas ella devia ter esperado até que os senhores chegassem. Mas como ella procedeu tão cruelmente, eu lhes direi quem ella é e o que é... Ella é..."

"Que é que você está sentindo?" — perguntou, severo, o professor, olhando-a e pondo-se de pé.

"Que é que eu estou sentindo?"

"Você está com alguma coisa. Que é?"

"Nada." Puxou o pequeno mais para junto de si.

O professor contemplou-a, serio, longamente.

"Você sabe que dormiu, e..."

"E..."

Os mortos não contam

(Conclusão)

"E de repente deu um grito."

"... Eu?"

"Você gritou como quem está num pesadelo. Estava sonhando?"

"Não sei... não sei coisa alguma." E percebeu no espelho da parede em frente uma face sorrindo perversa, os labios comprimidos. Verificou apenas que era ella mesma, e estremeceu. Viu que a face estava rigida, que a bocca não podia mover-se, e sentiu que aquelle sorriso lhe ficaria nos labios emquanto vivesse. Procurou, então, gritar, mas sentiu duas mãos agarrando-lhe os hombros, e viu entre o proprio rosto e o espelho a face do marido interposta. Percebeu que, si não vencesse esta ultima prova, tudo estaria perdido. E scientificou-se, então, de retomar o dominio dos gestos e dos membros...

Naquelle momento podia fazer o que quizesse com elles; apenas devia saber aproveitar-se disso e não se exceder. Assim, apanhou com ambas as mãos as mãos do marido, que ainda pousavam em seus hombros, e, puxando-o para si, deu-lhe um profundo, um apaixonado olhar.

E quando sentiu na testa os labios do marido, pensou comsigo:

"Tudo isso não foi mais que um hediondo, horroroso sonho... Ninguem jamais saberá; elle nunca [illegible] rá, nunca se vingará, porque [illegible] va morto — completamente, [illegible] ramente morto: e os mortos [illegible] podem falar; os mortos não [illegible] tam."

"Por que diz você isso?" — [illegible] quiriu o marido.

Ella teve um sobresalto.

"Que foi que eu disse?"

Parecia-lhe agora que tinha [illegible] tado alto a historia toda, na [illegible] a historia da aventura [illegible] daquella noite. E mais uma [illegible] perguntou, emquanto o olhar [illegible] rivel do marido a fazia tremer:

"Que foi que eu disse?"

"Os mortos não contam!" — [illegible] petiu o marido, vagarosamente. [illegible]

"E' verdade", disse ella. "[illegible] dade."

E leu nos olhos delle que nada lhe poderia ser occulto por [illegible] tempo; e, assim, continuaram [illegible] olhar um para o outro, até que [illegible] disse:

"Leve o menino para a [illegible] penso que você deve ter qualquer coisa a me dizer."

"Pois sim", disse ella.

Deduziu que aquelle marido [illegible] por annos, ella tinha enganado [illegible] saber de toda a verdade de [illegible] proprios labios dentro de [illegible] minutos. E, como tomasse o [illegible] nino pela mão e se encaminhasse devagar para a porta, os olhos do marido fixaram-se nella, e [illegible] sensação de paz e bem estar [illegible] diu-a, como si estivesse para [illegible] tar á normalidade.

HONTEM e HOJE

OUTRORA, a alegria estava em tudo, na minha vida. Quer amanhecesse o sol, aclarando, enchendo de luz, de seiva e de vida — o rio, a paizagem, as aves, tudo; quer chovesse copiosamente, molhando os telhados, as arvores, as ruas...

Fosse noite de vidrilho, de luar ou de ébano — sempre havia alegria, sempre havia de que rir. Si os dias eram de verão, vinha-me o desejo de soltar papagaios, de "bancar" macaco pelas arvores, de pescar, de pegar borboletas, "cavallos do cão", jogar pião e bolas de panno pelas campinas...

Que alegria e que fraternidade havia entre as crianças, naquelle tempo!... Loiras, morenas, pretas, todas as crianças eram crianças...

A' noite, eu ouvia historias das *Mil e Uma Noites*, até adormecer. Muitas vezes, emquanto vóvó ia contando: "quando ella veiu com o seu vestido da côr do céo, com todas as estrellas"... — eu tambem ia adormecendo, lento e lento... Quando despertava, muitas vezes, era sorrindo, sob o perfume de um [illegible] do sonho, onde houvera muitas [illegible] boletas azues e "papagaios" [illegible]

Si, durante todo o dia, [illegible] a chuva pelos telhados e pelas [illegible] vores, como as aguas numa [illegible] choeira, sobre as pedras, ainda [illegible] via que rir: banhos na [illegible] barcos de papel, aposta de [illegible] tanajuras e, á tarde, [illegible] sapos nas enchentes:

— Foi!

— Não foi!

E tantas coisas mais, tantas...

* * *

Como hoje está tudo mudado! Para onde foram aquellas alegrias tão puras, que só encontro [illegible] em minha vida?!...

Lá fóra, a chuva está [illegible] num cantochão fatidico...

E outra coisa não me [illegible] moria, sinão a de lembrar [illegible] aquelles dias em que sempre [illegible] trava de que rir...

Recordar é morrer...

Stenio de [illegible]

VESTIR
SEMPRE MODERNOS
E AUTHENTICOS
PADRÕES INGLEZES
COM
ARISTOCRATICA
ELEGANCIA

54

RUA DA CARIOCA

ALFAIATARIA
GUANABARA

REPARAR O QUADRO
NA VITRINE
COM O N — 54 —

FOSFATINA FALIÈRES

A FARINHA ALIMENTICIA
INCOMPARAVEL A QUAL
MILHÕES DE CRIANÇAS
DEVEM A FORÇA E A SAUDE

FACILITA A DENTIÇÃO
FORTIFICA OS OSSOS
CONVEM A OS ANEMIADOS,
VELHOS, CONVALESCENTES.
PHARMACIAS E CASAS DE ALIMENTAÇÃO - PARIS

Canção da Felicidade

Na vida, quem é que não ha-de
te desejar? Vem para mim!
Busco-te em vão, Felicidade
vem ser o luar do meu spleen!...

Traze, supplico, o lenitivo
á minha dôr... Quando virás?
Em teu louvor, lyrico, vivo
tecendo muitos madrigaes!

Ouço dizer que não existes...
Mentira! Sabes quem eu sou?
O poêta meigo, de olhos tristes,
daquelle conto de Perrault.

Meu pensamento é uma abêlha
sequiosa do perfume bom
dessa corolla tão vermelha
bonita rosa Paul-Neyron!

Evocação da Idade-Média,
desejo azul de ser feliz!
Que divinissima comedia
si eu fosse Dante e tu Beatriz!

Tua voz tem gorgeios de ave,
ó casta flôr de mussambê,
com o chapeosinho de paina, suave,
e os sapatinhos de tresse!

Mauro Motta

A Alamêda do Sonho

A Alamêda do Sonho silencia...
O nosso passo é languido e sensual!
A noite alta, lá no alto, entre silencios, fria,
accende os olhos de um rebanho ideal!...

E nós passamos, suavemente, como em sonho,
sonhando o nosso amor, sentidos perturbados...
E ao ver-nos, diz alguem, entre alegre e tristonho:
— "Ah! que casal feliz de namorados!..."

Como dentro da noite as estrellas palpitam,
loucos sonhos de luz, arquejantes e inquietos,
— teus desejos tambem arquejam e se agitam,
dentro da noite dos teus olhos pretos!

A Alamêda do Sonho está deserta...
Para nós dois, somente, ella é uma porta aberta.
— Azas sensuaes de borboleta louca,
eu sinto, no silencio da Alamêda,
leve, sobre a minha alma e sob a minha bocca,
o contacto subtil dos teus dedos de sêda!...

Egberto de Campos Ribeiro

Desalento

A Princeza partiu. Partiu deixando, apenas,
— Para que eu me lembrasse eternamente della —
Um retrato, uma flor, e as saudades serenas
Das suas mãos liriaes de moça de novella.

A Princeza aromal, de alvura de açucenas,
De olhos grandes, azues, — de um azul de aquarella,
Levou com sua sombra as caricias serenas
Do modo de agradar que era somente della...

Talvez ella julgou ter deixado commigo
Sua alma angelical, seu coração amigo,
E a romantica paz dos seus olhos leaes...

Mas o que me ficou foi o presentimento
Que angustia a expressão do meu olhar nevoento:
— A Princeza talvez não volte, nunca mais!...

Caetano de Figueiredo

FERRO QUEVENNE

APPROVADO pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS

é a medicação mais poderosa a empregar nos casos de

ANEMIA·FEBRES·DEBILIDADE

Emprego Facil mesmo para as Crianças

Encontra-se em todas as Drogarias

26, Rua Petit, St-DENIS (Seine)

PREÇO 4$000

ARTIGOS ESPECIAES

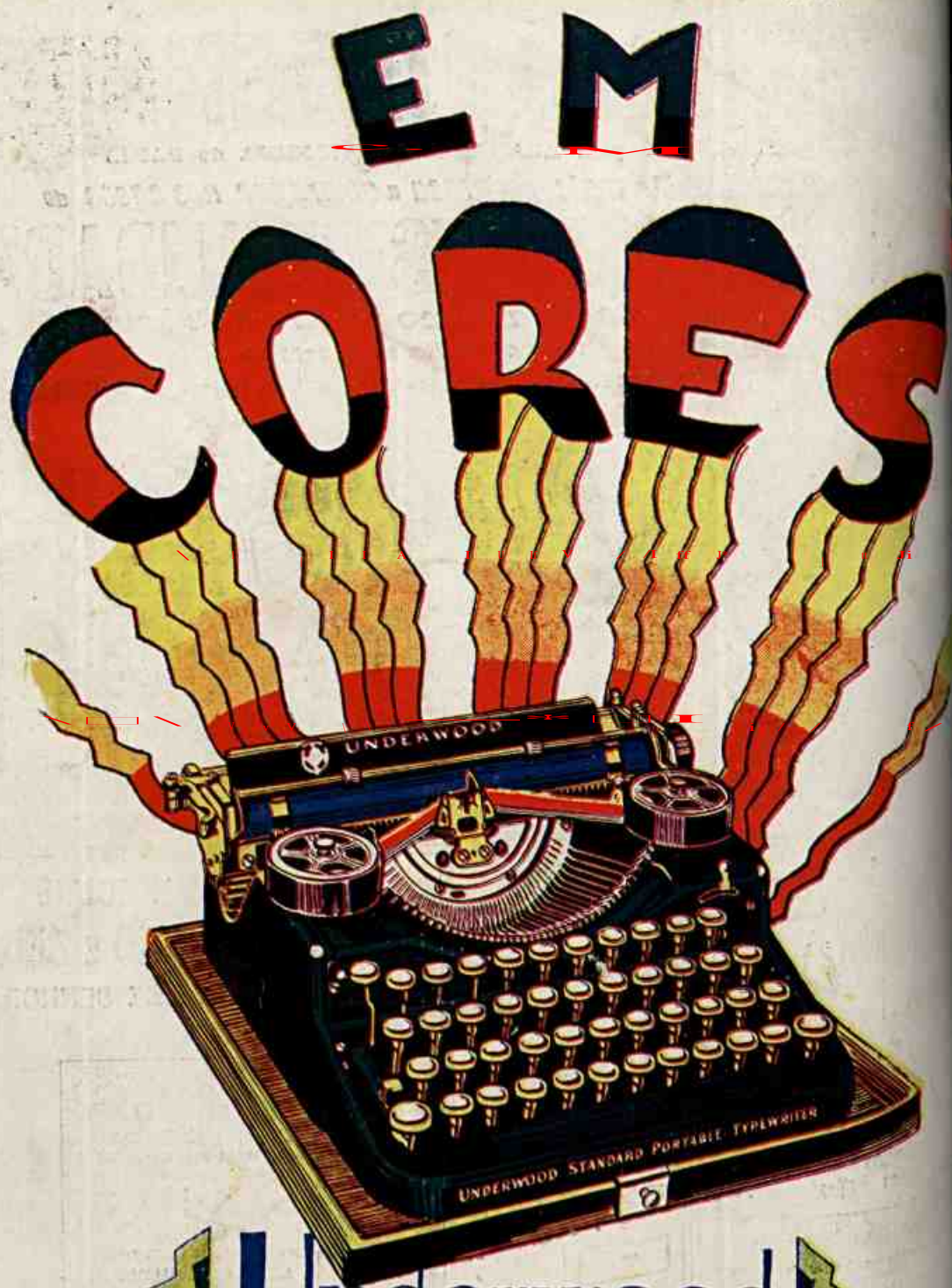
D'ALGODÃO, LINHO E SEDA

PARA TRABALHOS DE SENHORA

ALGODÕES PARA BORDAR . D·M·C, ALGODÕES PERLÉS . . . . D·M·C
LINHAS PARA COSER . . . D·M·C, ALGODÕES PARA TRICOT . D·M·C
ALGODÕES PARA PASSAJAR D·M·C, CORDONNETS . . . . D·M·C
SEDA PARA BORDAR . . . D·M·C, FIOS DE LINHO . . . . D·M·C
TRANÇAS D'ALGODÃO D·M·C

DOLLFUS-MIEG & Cie., SOC. AN.

MULHOUSE - BELFORT - PARIS

Os productos da marca D·M·C vendem-se em todas as casas de retrozeiro e trabalhos de senhora.

EM
CORES
UNDERWOOD
UNDERWOOD STANDARD PORTABLE TYPEWRITER
Underwood
Portatil
UNICOS AGENTES:
Ouvidor, 98 — Rio.
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
S. Bento, 35 — S. Paulo.